



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

NÁDYA BRITO GURGEL CORREIA DUTRA

**TOPOANÁLISE DO ROMANCE *O MUNDO DE FLORA*, DE ANGELA GUTIÉRREZ,
À LUZ DE GASTON BACHELARD**

FORTALEZA

2023

NÁDYA BRITO GURGEL CORREIA DUTRA

TOPOANÁLISE DO ROMANCE *O MUNDO DE FLORA*, DE ANGELA GUTIÉRREZ,
À LUZ DE GASTON BACHELARD

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Literatura. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientador: Prof. Dr. José Leite Junior.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D976t Dutra, Nády Brito Gurgel Correia.

Topoanálise do romance O Mundo de Flora, de Angela Gutiérrez, à luz de Gaston Bachelard / Nády Brito Gurgel Correia Dutra. – 2023.

121 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. José Leite Junior.

1. Topoanálise de Bachelard. 2. Geografia literária. 3. Estilística literária. 4. Literatura cearense. I. Título.

CDD 400

NÁDYA BRITO GURGEL CORREIA DUTRA

TOPOANÁLISE DO ROMANCE *O MUNDO DE FLORA*, DE ANGELA GUTIÉRREZ,
À LUZ DE GASTON BACHELARD

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Literatura. Área de concentração: Literatura Comparada.

Aprovada em: 13 / 11 / 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Leite Junior (Orientador)
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Vicente de Paula da Silva Martins
Universidade Vale do Acaraú – UVA – Sobral

Para a minha Musa Angela Gutiérrez, por ter felicitado minha vida com o seu fascinante romance *O MUNDO DE FLORA*, publicado há trinta e três anos (completada essa data tão relevante e simbólica no dia em que escolhi para ocorrer a Qualificação da presente dissertação, em 30 de agosto de 2023), basilar para a existência dessa produção científica - e para os ensaios, as palestras, as *lives* e as Comunicações Orais que publiquei / realizei -, e por seres - a cada dia, há tantos anos... - minha amiga, bem como pelas muitas similitudes que encontro contigo... no pensar, no falar, no agir e no escrever.

Dedico, portanto, a uma das mulheres mais vanguardistas que conheço, e não somente porque fora a primeira mulher a presidir a mais antiga Academia Cearense de Letras (ACL), mas porque está sempre à frente da maioria dos seres quando se trata de ter empatia pelos homens, mulheres, crianças e idosos que não têm lar, comida nem alimento. Porque tu estás à frente quando tens que se posicionar contra desumanidades e, assim, contra quaisquer manifestações fascistas, que tanto insistiram e insistem em destruir o nosso País e a pluralidade do nosso Povo.

AGRADECIMENTOS

Ao meu tão devotado esposo, Cristiano Dutra, e aos nossos amados filhos, Nícolas (16) e Isadora (12), que tanto comemoraram (e haviam sofrido nos bastidores) quando finalmente passei a ser estudante do Mestrado imensamente desejado por minha'lma, em 2021, no nosso PPG-LETRAS - UFC, em Literatura Comparada, bem como agradeço à minha Mãezinha e às minhas três minhas irmãs, por sempre serem companheiras, nas alegrias e nos dissabores.

Ao meu Orientador, o magistral Prof. Leite Jr, que desde sempre confiou em mim, me apresentando todo o itinerário da fenomenologia de Gaston Bachelard e a semiótica de Julien Greimas (que fora a nossa primeira linha de pesquisa) e - acima de tudo – por ser sempre o amigo, o humanista, o poeta da palavra e do pincel, e a referência de Pesquisador e Professor sempre acessível e sensível. Ahhh... e que presenteara com muitas reuniões via *Meet*, telefonemas, mensagens no “zap”, livros e artigos para o enriquecimento da presente pesquisa.

Aos grandiosos professores, Tiago Cavalcante e Vicente Martins, que aceitaram, de pronto, a apreciação deste trabalho dissertativo, ainda que tenham o tempo tão exíguo e o viver tão repleto de pesquisas, de aulas e de publicações. Sou toda grata pela doação de tempo e inteligência de vocês. E muito agradecida, para todo o sempre, pelas contribuições riquíssimas feitas na Qualificação.

À minha diletíssima amiga bibliotecária, Madalena Figueiredo, pela revisão de parte das minhas referências bibliográficas; aos meus amigos Mailton Nogueira, pelos quatro mapas feitos com tanto esmero para enriquecer minha pesquisa, Robson Campanerut, Zilfran Varela e Fabíola Jorge, que representam, metonimicamente, todos os demais amigos e amigas que me ajudaram, com atos e palavras de afeto.

À amiga e Confreira da Academia Fortalezense de Letras (AFL), Evan Bessa, por ter me presenteado com muitas obras acerca da Fortaleza Antiga e outros temas relevantíssimos para a presente pesquisa, e à Musa e amiga Angela Gutiérrez, que me cederam muitos livros, artigos, fotografias e dirimiram minhas dúvidas acerca dos bastidores e do pós-lançamento de *O Mundo de Flora*.

Ao meu Paizinho (*in memoriam*), que há dezesseis anos, lá do céu, me protege, e abençoou minha caminhada de mestrandia, professora e mãe.

“Estamos caminhando para um mundo onde as mulheres ocuparão um lugar de grande relevo. Por isso, cumpre às mulheres se prepararem para a grande hora que se aproxima.”

(GUTIÉRREZ, 2007, p. 185)

RESUMO

A presente dissertação analisou o romance *O Mundo de Flora*, de Angela Gutiérrez, publicado em 1990, à luz da toponálise do fenomenologista francês Gaston Bachelard. Para isso, tomamos por base sua obra *A Poética do Espaço*, publicada em 1958. E apreciamos a toponálise revisitada por Oziris Borges, bem como apreciamos o romance em voga sob lentes da geografia literária, priorizando os estudos de Tiago Cavalcante. Ainda fizemos análise da estilística literária de Gutiérrez sob preceitos de Nilce Sant'anna Martins e de Vicente Martins. A motivação ou questão basilar foi o enaltecimento da obra gutierreana, marcada pelo estilo narrativo vanguardista e apresentadora da cidade de Fortaleza do período finissecular oitocentista até a década de 1980, proporcionando-nos uma viagem a um espaço de casarões, bondes, profusão de árvores, bibliotecas nas residências, indumentárias e mobiliários dos tempos de outrora. As categorias de análise aplicadas foram pertinentes à teoria fenomenológica supracitada, visando ao estudo do espaço que a protagonista, Flora Fernández, nos descortinou, priorizando dois bairros, Centro e Mondubim, baseando-nos nas categorias de análise da geografia e da estilística literárias, sobremaneira eivadas de cearensidade. Em linhas gerais, para fins metodológicos, utilizamos a leitura do romance angeliano fundante dessa pesquisa e das demais obras das supracitadas categorias através da apreciação verticalizada e investigativa dos seus temas e estilos, visando ao fortalecimento dos estudos sobre Literatura Cearense e acerca de Angela Gutiérrez.

Palavras-chave: Toponálise de Bachelard; geografia literária; estilística literária; literatura cearense.

ABSTRACT

This thesis analyzes the novel “O Mundo de Flora”, by Angela Gutierrez, published in 1990, under the perspective of the topoanalysis of the French phenomenologist Gaston Bachelard. To do this, we will take his work “A Poética do Espaço”, published in 1958. The topoanalysis revisited by Oziris Borges will also be studied, as well as the novel literary geography, focusing on the studies of Tiago Cavalcante. We will also analyze Gutierrez’s literary stylistics under the precepts of Nilce Sant’anna Martins and Vicente Martins. The motivation or basic issue is to praise Gutierrez's work, taken by the avant-garde narrative style and presenting the city of Fortaleza from the end of the 19th century until the 1980s, providing us with a journey to a space of mansions, trams, a profusion of trees, libraries in homes, clothing and furniture from times gone by. The analysis categories to be applied are based on the aforementioned phenomenological theory, aiming to study the space that the protagonist, Flora Fernández, presents to us, prioritizing two neighborhoods, Downtown and Mondubim, as well as based on the analysis categories of geography and literary stylistics, extremely steeped in Ceará. In general terms, for methodological purposes, we will use the reading of the Angelian novel that founded this research and the other works in the aforementioned categories through a vertical and investigative assessment of its themes and styles, aiming to strengthen studies on Ceará Literature and about Angela Gutierrez.

Keywords: Bachelard's Topoanalysis; literary geography; literary stylistics; literature from Ceará.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Questão da Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE) que apresenta trecho do romance O Mundo de Flora a ser apreciado.....	26
Figura 2 –	Fotografia da noite de lançamento de O Mundo de Flora, na Reitoria da UFC, em 29 de junho de 2007.....	28
Figura 3 –	Capa de O Mundo de Flora de 1990.....	28
Figura 4 –	Capa de O Mundo de Flora de 2007.....	29
Figura 5 –	Fotografia com Angela Gutiérrez na sala do seu apartamento e, entre nós, a pintura do Estrigas, feita para O Mundo de Flora.	29
Figura 6 –	Angela Gutiérrez, quando bebê de poucos meses.	33
Figura 7 –	Angela Gutiérrez, em seu primeiro ano de vida. Fotografia que servira de inspiração para a capa de sua obra poética A Canção da Menina, que seria publicada em 1997.	33
Figura 8 –	Angela Gutiérrez ao lado de sua mãe, Angela Laís, e de sua irmã, Laís Alba.....	34
Figura 9 –	Angela Gutiérrez ao lado dos seus amadíssimos: Papai, Luciano Mota, e Mãe, Angela Laís.	34
Figura 10 –	Fotografia de Angela Gutiérrez com o esposo, a filha e os dois filhos, no lançamento da obra poética A Canção da Menina, em 1997.	35
Figura 11 –	Angela Gutiérrez palestrando acerca da exposição Descartes Griô Poeta - 80 anos, na reunião do mês de setembro de 2023, da Sociedade Amigas do Livro (SAL).	36
Figura 12 –	Angela Gutiérrez explanando acerca da horrenda Guerra de Canudos retratada em pinturas de Descartes Gadelha, às intelectuais da SAL.	36
Figura 13 –	Angela Gutiérrez participando do Simpósio Canudos: cem anos da destruição (1897-1997).....	38
Figura 14 –	No evento da posse de Angela Gutiérrez assumindo a Presidência da ACL, na histórica noite de 30/01/2019.	41
Figura 15 –	Angela Gutiérrez em sua posse na ACL, ao lado do esposo, da filha e dos dois filhos.....	42

Figura 16 – Angela Gutiérrez, em sua posse na ACL, caminhando pela Academia com os confrades, da esquerda para a direita: Linhares Filho, Horácio Dídimo e Sânzio de Azevedo.	43
Figura 17 – Angela Gutiérrez e sua adorada Mamãe, quando da sua posse na Academia Cearense de Letras. Entre elas está o quadro do seu Bisavô, fundador da ACL.	43
Figura 18 – Card convidando para a LIVE que eu realizaria, via Instagram, entrevistando Angela Gutiérrez, em 13 de junho de 2020.	46
Figura 19 – Card de divulgação da palestra, via Google Meet, de Angela Gutiérrez na FAFIDAM-UECE.	47
Figura 20 – Angela Gutiérrez sendo homenageada no encerramento da I Jornada de Letras do curso de Letras – IFCE campus Tabuleiro do Norte.....	48
Figura 21 – Angela ladeada pelo esposo, Dr. Oswaldo Gutiérrez, e pelo neto, Oswaldo Neto, antes de irem à premiação que ela receberia na Academia Maçônica de Letras do Estado do Ceará, em 19 de novembro de 2021.....	49
Figura 22 – A pintura de Descartes Gadelha em homenagem ao pai de Angela Gutiérrez.....	50
Figura 23 – Angela Gutiérrez e as quatro “Angeletes geração 1.0”.	52
Figura 24 – Exemplar de um dos casarões ainda existentes no Centro de Fortaleza.	69
Figura 25 – Mapa que exhibe a localização entre os bairros Centro e Mondubim.	70
Figura 26 – O bairro Centro em delimitação geográfica.....	70
Figura 27 – Delimitação do bairro Mondubim.	71
Figura 28 – Vias principais de ligação entre o Centro e Mondubim.	71
Figura 29 – Angela Gutierrez em Mondubim, aos dois anos de idade.	74
Figura 30 – Fotografia de Dr. Thomás Pompeu Filho, Bisavô de Angela Gutiérrez, um dos fundadores da ACL.....	76

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	O MUNDO DE FLORA DESCORTINADO POR GENIAIS ARTISTAS	15
2.1	Angela Gutiérrez: a musa na ribalta	31
3	CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS NA ABORDAGEM D' O <i>MUNDO DE FLORA</i>	53
3.1	A toponálise de Gaston Bachelard	56
3.2	A cidade de Fortaleza, basilar n' <i>O Mundo de Flora</i> , apreciada em outras relevantes obras	60
4	QUE MUNDO É ESSE DESCORTINADO POR FLORA FERNÁNDEZ?.....	68
4.1	O espaço de Flora Fernández	73
4.2	Quem é Flora Fernández?	80
4.3	Alguns temas instigantes d' <i>O Mundo de Flora</i>	89
4.4	Um pouco da estilística envolvente gutierreana n' <i>O Mundo de Flora</i>	99
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
	REFERÊNCIAS	113
	APÊNDICE A.....	117

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação visa apresentar o romance *O Mundo de Flora*, da autora cearense Angela Gutiérrez, publicado em 1990, à luz da toponímia, do fenomenologista francês Gaston Bachelard, perpassando pela essencialidade da sua obra *A Poética do Espaço*, bem como valorizando elementos da toponímia segundo o professor Ozíris Borges, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), e da Geografia Literária do professor Tiago Cavalcante, da Universidade Federal do Ceará (UFC). Também a estilística literária gutierrezana, através do apoio teórico de obras escolhidas da professora Nilce Sant'anna Martins, da Universidade de São Paulo (USP), e do professor Vicente Martins, da Universidade Vale do Aracá (UVA), respectivamente, terá porto na pesquisa vigente.

Investigar *O Mundo de Flora* tomando por base estudos dos pensadores acima, em áreas do conhecimento não exatamente similares, suscitou da necessidade de o romance em voga ser ainda mais apreciado, devido ao seu diapasão multifacetado e perene, e sob outros prismas, depois da observância feita quanto aos estudos acerca da obra, tendo sido constatada a necessidade do aprofundamento da análise toponímica, e almejando contribuição para maior acesso e valorização da produção de Literatura Cearense.

Adotamos o conceito de espaço segundo propõem Gaston Bachelard, Ozíris Borges e Tiago Cavalcante, bem como o conceito de estilo preconizado por Nilce Martins e Vicente Martins, contemplando as supracitadas áreas de pesquisa: toponímia, geografia literária e estilística (abordando as questões literária e cultural). Destacamos a poeticidade e a geograficidade¹ fortalezenses, à guisa do enaltecimento dos seus valores, materiais e imateriais, tal qual fizera CAVALCANTE (2019) em verticalização da vasta produção literária de Rachel de Queiroz (1910 - 2003) em sua obra *Geografia Literária em Rachel de Queiroz*, como poderemos conferir no excerto:

A geografia em Rachel é vivenciada, experienciada, imaginada, sonhada. Não é simples geografia das localizações cujas coordenadas geográficas são determinantes. Também não se reduz a uma topografia descritiva dos aspectos naturais e artificiais que ocupam certo terreno. É por isso que a fazenda, o tiroteio, a vila ou cidade, citados pela escritora (...), muitas vezes

¹ Segundo Dardel (2011) ou a noção dardeliana, Geograficidade “é a descoberta do homem como um ser essencialmente telúrico, consciente da inserção do elemento terrestre entre as dimensões fundamentais de sua existência.”

não têm lugar no mapa. O que importa a ela é como a trama se desdobra nos lugares e a maneira como neles é expressa a perambulação humana no mundo.

Para tanto, uma **geografia literária em Rachel de Queiroz** deve considerar a indissociabilidade entre a vida e a obra da escritora, compreendendo as geografias materiais e imateriais que fundamentam e surgem dessa relação. (CAVALCANTE, 2019, p. 29) *negrito do próprio autor.

Para além da “topografia descritiva” ou da “geografia das localizações”, Cavalcante envolveu os aspectos materiais, como a fazenda “Não me deixes”, em Quixadá-CE, e imateriais, como questões afetivas e oníricas, na geografia em Rachel, reconfigurando e entrelaçando os espaços e as vivências da grandiosa autora fortalezense, inauguradora da segunda fase modernista nacional (1930-1945). Assim norteamos-nos na presente dissertação, associando elementos da geograficidade fortalezense a questões bibliográficas de Angela Gutiérrez aos percursos no contexto espaço-temporal de Flora Fernandez, a condutora primordial d’*O Mundo de Flora*, que nos leva a lugares e gentes dos tempos pretéritos da cidade de Fortaleza finissecular oitocentista até a segunda metade do século novecentista.

Houve, provavelmente, quando do início dessa pesquisa, uma proposição íntima aludindo inconscientemente ao meu pai (*in memoriam*), que vertia lágrimas diante do abandono e da ruína de casarões do centro de Fortaleza e das árvores circunvizinhas, igualmente centenárias, e almejando ser contribuição (ainda que pequenina) para que essas e outras distopias cidadinas da Terra do Sol tendessem a cessar.

Almejamos, portanto, sensibilizar novos olhares para a cidade de Fortaleza de antigamente, proporcionando análises e reflexões diante das transformações das nossas paisagens cidadinas dos dias correntes, em vários âmbitos. Faz-se, assim, tentativa de fusão entre a topoanálise bachelardiana e pilares da geografia literária, no fito preservacionista arquitetônico (ainda que sem maiores aprofundamentos na área) e paisagístico fortalezense.

Após cuidadosa análise (documental e conceitual) reunida, estruturamos e expomos essa dissertação, dividida em quatro capítulos, apresentando subdivisões, e um apêndice. E ainda que eu tenha tentado prestigiar a linguagem formal e impessoal, desde já adianto que não fora fácil separar emocionalmente o romance em análise e sua autora, com os quais tenho contato e admiração há muitos anos, do texto acadêmico que - não raramente - é realizado de modo mais impassível. Nessa

pesquisa há, portanto, possível detecção de alguns trechos de escrita com laivos de afeto e amizade com Angela Gutiérrez.

O segundo capítulo visa descortinar uma parte considerável das publicações realizadas acerca de *O Mundo de Flora*, por nomes relevantes da intelectualidade brasileira, como Moreira Campos, Artur Eduardo Benevides, Linhares Filho, Vera Moraes e Eduardo Luz.

No subcapítulo 2.1 teremos análise bibliográfica de Angela Gutiérrez, com apresentação de grande parte das suas produções literárias, atuações culturais e premiações, bem como os influxos que recebera e as repercussões existentes quanto ao fato histórico de ser trineta de Senador Pompeu e bisneta de Thomás Pompeu, um dos fundadores da ACL. Nele está exposto relevante acervo iconográfico da autora ou referente a ela, com predomínio de fotografias, ratificadoras do quanto Gutiérrez foi e é essencial para a Literatura e as Artes cearenses.

No terceiro capítulo, integralmente dedicado aos “caminhos teórico-metodológicos” adotados nessa dissertação, será apresentado o arcabouço teórico da Fenomenologia à luz do filósofo francês Gaston Bachelard, tomando por base a sua celebrizada obra *A Poética do Espaço*.

No subcapítulo 3.1 teremos certas revisões da topoanálise bachelardiana realizadas pelos pesquisadores, Oziris Borges Filho e Fernando Gutiérrez Hernández. Nele também estão os conceitos da Geografia Literária defendidos por Tiago Cavalcante.

No subcapítulo 3.2. são contempladas outras obras e autorias que tematizam e eternizam, como em *O Mundo de Flora*, a cidade de Fortaleza de tempos mais distantes.

No quarto capítulo, há a abordagem da espacialidade primordial da obra, interligando o centro de Fortaleza ao bairro de Mondubim (alegoricamente chamado de Matosinhos, em *O Mundo de Flora*), e nele estão quatro relevantes mapas que delineiam essa topografia fortalezense, corroborada também por uma fotografia.

No subcapítulo 4.1, dedicado ao espaço de Flora Fernández, envolvendo exterioridade e interioridade, perpassando por viés lúdico e intimista típicos da narradora principal, e apresentado através de excertos do romance e reforçados por três fotografias, proporciona ao leitor fidelidade e verossimilhança com a Fortaleza real, de ontem e de hoje, pretendendo nos encantar com o telurismo cearense, e nos permitindo até célere viagem pelo Rio de Janeiro e por Paris, além de idas a outros

mundos proporcionados pelas intertextualidades literárias, fílmicas e musicais de Florzinha.

No subcapítulo 4.2 é destacada a figura icônica de Flora Fernández: suas bases familiares, os valores humanistas que defendia, bem como suas características físicas, psicológicas e estados d'alma, como quando referentes à perda do primogênito ou ao relatar alguns sintomas da sua enfermidade.

No subcapítulo 4.3 são destacados temas instigantes do romance em voga, almejando ratificar o *mundo* da protagonista como sendo crível e verossímil, como a dicotomia entre a criação dos meninos e das meninas; a morte; a infância; o preconceito racial; a relevância da leitura e muita historicidade, em meio a euforias e disforias.

No subcapítulo 4.4, é conferida um pouco da estilística gutierreana apresentando um pouco do seu arcabouço literário, eivado de poeticidade, intertextualidade, metalinguagem, intergenericidade, cearensidade, francesismo, hispanismo, anglicismo, latinismo, marcações culturais populares e suas fraseologias, descortinando um *mundo* similar ao nosso, em falares e costumes.

No apêndice A é apresentado um tipo de ensaio-relato acerca dos anos de amizade, leitura (do conjunto de sua obra) e admiração nutridas pela extraordinária autora Angela Gutiérrez, sobremaneira com a culminância na visita que lhe fiz, em seu apartamento, no oitavo dia de maio deste 2023.

Exibiremos, a seguir, o capítulo referente às apreciações que grandes expoentes da Literatura Brasileira fizeram acerca d' *O Mundo de Flora*, e, claro, aos valores literários de sua autora.

2 O MUNDO DE FLORA DESCORTINADO POR GENIAIS ARTISTAS

No presente capítulo será realizada uma breve e imprescindível revisão da literatura ou fortuna crítica feita acerca da produção de Angela Gutiérrez, tomando especial deferência aos estudos referentes à produção romanesca *O Mundo de Flora*, publicada há exatos trinta e três anos. Conheceremos um pouco do que grandes intelectuais publicaram - ou estão a publicar - acerca de tão marcante obra.

O supracitado romance fora lançado no Ideal Clube, em 30 de agosto de 1990, com explanações do então Reitor e fundador da Universidade Federal do Ceará (UFC) ², Antônio Martins Filho (1904-2002), e do icônico contista do Grupo Clã³, Moreira Campos⁴ (1914-1994). Do discurso de Moreira, que havia sido um dos primeiros leitores de Angela, fora extraído o excerto abaixo:

O Mundo de Flora é um romance rico de vivências, a situar-se, em três tempos (O Casarão, Matosinhos e a Cidade) entre a infância, a adolescência e a plenitude da mulher. A autora, flagrou, com maestria essa trajetória. E, de logo, se nos impõe uma pergunta: onde termina a autora e onde começa a sua doce protagonista Flora e Flô, de tal modo estão elas em simbiose? A mesma graça de mocidade, os mesmos sonhos de adolescente, as mesmas dores da vida. Não se pode desligar, com facilidade, o autor de sua obra, quando esta, como no caso, se realiza no plano da verdade, embora recriada, porque esta é a lição da grande literatura. [Apresentação do romance pelo escritor Moreira Campos, no lançamento da obra]

No excerto da apresentação da obra de estreia de Angela, Moreirinha⁵ fizera um retrospecto do romance, atestando que encontraremos a protagonista em etapas distintas do viver, em que a conheceremos nos tempos pueris e com ela estaremos até a fase adulta, destacando também que há pontos convergentes entre Angela e Flora, mas em recriação literária dos autores legítimos que produzem a “grande literatura”.

² A UFC fora criada pela Lei no. 2373, em 16 de dezembro de 1954, e instalada em 1956, no dia 25 de junho.

³ Movimento modernista do Ceará, tendo tido duração de meados da década de 1940 até fins da década de 1980, apresentando gênios partícipes do número zero da revista *Clã*: Antônio Girão Barroso, Aluizio Medeiro e João Clímaco Bezerra, e tendo tido outros componentes ilustres, a citar apenas alguns: Moreira Campos, Eduardo Campos, Artur Eduardo Benevides, Sânzio de Azevedo, Fran Martins e Milton Dias, equivalendo, em nível nacional, à chamada terceira geração modernista, de que foram expoentes: Clarice Lispector, João Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Ferreira Gullar, Lygia Fagundes Telles e muitos outros. Sugiro a apreciação das obras *Clã: trajetórias do Modernismo em revista*, de Vera Lúcia Albuquerque de Moraes, publicado em 2004 e *Homenagem aos 60 anos de CLÃ - revista de cultura*, de Angela Gutiérrez, Ana Remígio e Vera Moraes, publicada em 2008.

⁴ O texto histórico de apresentação que ele proferira, quando do lançamento de *O Mundo de Flora*, é do acervo da nossa Autora, sob forma de manuscrito.

⁵ Assim chamado, de modo carinhoso, pelos amigos mais próximos, e com certa constância.

Antes, porém, ele também havia redigido uma emocionante carta para Gutiérrez, na qual materializava suas primeiras análises de *O Mundo de Flora*, ainda estando datilografado o romance, em 1987, três anos antes de ser publicado. O trecho que leremos, até antes dessa dissertação, é integrante do texto moreiriano ainda não publicado.

O romance – todo encanto, graça, entretenimento, dores leves e esparsas, até certa altura – ganha relevo maior, um sopro de inegável poesia, a partir dos sofrimentos físicos de Flô, a prenciar-lhe a morte, da perda irreparável do filho, tão certo é que a dor é a essência autêntica da arte. Como esquecer “os cabelos verdes de meu filho”? Doeu-me fino na alma.

Louvo-lhe ainda a erudição, o conhecimento de tantos livros e tão boa literatura, desde a infância povoada de fantasias; o domínio das línguas francesa, inglesa e espanhola, talvez a última por influência de Diego.

Outra revelação: você, muitas vezes, pelo menos nas ocorrências principais, emerge da estória (permita-me o corte do h) feita, realizada, cancelando detalhes desnecessários e já surrados. Você surge, aparece, como se tudo já estivesse ocorrido. Esta capacidade é dada a poucos. [Carta de Campos à Angela, datada de 22 de maio de 1987, e ainda não publicada]

Como percebemos, Moreira Campos elaborara a carta (inérita, recebida sob forma de presente da própria autora à presente dissertação) no fito de patentear sua admiração pela amiga docente e, sim, já romancista erudita e de “tão boa literatura”, com a “capacidade dada a poucos” e isenta de “detalhes desnecessários e já surrados” que outros autores e autoras, subentende-se, ainda possuíam naquele tempo, segundo sua ótica.

O poeta Artur Eduardo Benevides (1923 - 2014), o Príncipe dos Poetas do Ceará⁶, em seu texto de apresentação, impresso na primeira edição da obra, assim consagrara *O Mundo de Flora*: “É uma história de singular beleza conteudística, iluminada pelo poder de transfiguração da autora, que busca reconstruir a fisionomia espiritual da sociedade cearense, num tempo que vai do final do Segundo Império à década de 80”. (GUTIÉRREZ, 1990, p. 9) Três anos antes, em 1987, o romance havia sido vencedor, por unanimidade de votos, do Prêmio Estado do Ceará.

⁶ Criada em 1925, na então *Revista Ceará Ilustrado*, a supracitada premiação aos maiores Poetas vivos do Estado do Ceará, pelo jornalista Demócrito Rocha (1988-1943), que em 1928 fundaria do jornal *O Povo*, é auspiciosa e conta com o seguinte histórico de Príncipes: Padre Antônio Tomás (1925-1941), Cruz Filho (1963-1974), Jáder de Carvalho (1974-1985) e Artur Eduardo Benevides (1985-2014). Desde 2016, o Príncipe dos Poetas do Ceará é o membro da Academia Cearense de Letras (ACL), Linhares Filho, nascido em 28 de fevereiro de 1939.

Devemos enaltecer agora o que Moreira Campos, em 2001, escrevera nas orelhas da obra contística de Gutiérrez, *Avis Rara*⁷: “O espaço é exíguo para maiores comentários, mas não esqueçamos que Angela Gutiérrez já é uma vitoriosa na literatura com o seu romance *O Mundo de Flora*.”

É pertinente que transcrevamos também algumas considerações feitas pelo maior crítico literário do Ceará, Sânzio de Azevedo (1938), autor das orelhas da primeira edição de *O Mundo de Flora*: “Ainda inédito, o livro conquistou o Prêmio Estado do Ceará de 1987, o que, por si só, basta para atestar o mérito incontestável da obra.” E dissera mais: “Por isso e por tudo quanto dissemos, voltamos a afirmar que a publicação do romance **O Mundo de Flora**⁸ vai marcar época na história literária de nosso estado.”

Ainda sob a análise do magistral professor e literato Sânzio, extraído de sua célebre obra *Novos Ensaios de Literatura Cearense*, fora escolhido o trecho a seguir, referente ao *Mundo de Flora* e nossa Gutiérrez:

Trata-se de uma obra surpreendentemente simples e ao mesmo tempo complexa: construída em vários planos, com variações do discurso (a personagem é a narradora, e depois já não é; de repente, quem fala é outra personagem, que assume a narração) e de tempo (essa outra personagem às vezes é contemporânea de Flora; outras, é de uma época bem anterior ao seu nascimento), não chega por isso a ser hermética, visto que o leitor, passada a primeira hesitação, termina por compreender o enredo singular do romance, que é feito de cenas da vida da autora e de episódios da História de Fortaleza. (AZEVEDO, 1992, p. 111)

O grande crítico, acima, trata acerca das escolhas estéticas *O Mundo de Flora*, como os “vários planos” da obra e a variação no tempo, personagens e de discurso, e - mesmo assim – sem prejuízo à compreensão do “enredo singular do romance”, além de abastecer de elementos biográficos autorais e da História fortalezense.

O poeta Linhares Filho, Príncipe dos Poetas do Ceará, elaborara o ensaio intitulado *Uma Leitura de Canção da Menina*, dedicado à obra angeliana de poemas, *Canção da Menina*, publicado em 1997, e dele fora evidenciado o trecho a seguir, referente ao *Mundo de Flora*, como há em outros excertos alusão à obra e estreia de Gutiérrez:

⁷ Ele havia escrito as orelhas em referência à obra *Avis Rara* em 28 de fevereiro de 1993, quando o título ainda era outro: *Boneca de Louça*, in *Porta de Academia*.

⁸ Mantivemos o negrito do texto original do grandioso crítico.

Criativa é a concepção de *O Mundo de Flora*. Um texto que engloba diário, memórias, crônica, monólogo, poema, reflexão e principalmente ficção narrativa pela ação de personagens interagindo sistematicamente, numa trama complexa. Trata-se de uma união de gêneros e registros, formada não com desordem, mas com funcionalidade, questionando-se, mas não se desfigurando a característica de romance desse livro. (...) Várias técnicas criativas utilizam-se no romance: mudança da primeira para a terceira pessoa do discurso e desta para aquela relação às duas principais, colagem, intertextualidade patente, superposição do tempo e do espaço, alinearidade, *flash-back*, processos tidos como pós-modernos. E o “labirinto da memória” sabe muito bem “costurar retalhos”. Às vezes, um tom coloquial – “não era, mamãe?” -, como se a conversa se transformasse em narração ou como se esta não passasse de conversa. (FILHO, 1997, p. 37-38)

Análise esmerada realizada por Filho, patenteando o estilo romanesco angeliano que reúne gêneros textuais díspares, tornando sua “trama completa”, e com “várias técnicas criativas”, alterando a narrativa autodiegética (narrador-personagem) para narrativa heterodiegética (narrador-observador) e apresentando variedades linguísticas do “universo de Flora”, como o diapasão coloquial, em meio a uma “ficção narrativa” com “superposição do tempo e do espaço”, brindando-nos com “processos tidos como pós-modernos”.

No dia 7 de outubro de 1997, ao tomar posse na Academia Cearense de Letras (ACL), Gutiérrez fora novamente homenageada pelo magistral Poeta Artur Eduardo Benevides, então Presidente da supracitada mais antiga Academia de Letras do Brasil⁹, de 1993 a 2004. Fora autor do texto, marcante e histórico, de boas-vindas à ilustre recipiendária, que ocuparia a cadeira n.º. 18, cujo patrono era Moura Brasil, exaltando sua carreira brilhante de Docente do curso de Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC) e sua produção literária, em deferência especial, novamente, à obra *O Mundo de Flora*, em novas relevantes considerações, como sendo “belo romance sobre Fortaleza de tempos mais felizes” e dotado do “poder de criar personagens”, sendo uma das características que mais o agradavam na prosa gutierreziana, ou melhor, no seu “comportamento ficcional”, de “escritora vocacionada e uma poetisa que sabe valorizar a linguagem figurada ou indireta”, quando proferira o discurso de saudação na posse de Angela na Academia Cearense de Letras (ACL).

A escritora Giselda Medeiros, Princesa dos Poetas Cearenses¹⁰, também discorreu acerca de *O Mundo de Flora* em seu ensaio intitulado *O Mundo de Flora*, presente na Revista da Academia Cearense de Letras, na edição de 2008. Do seu

⁹ Fundada em 15 de agosto de 1894. Tivera como primeiro Presidente o literato Tomás Antônio Pompeu de Sousa Brasil (1852-1929), bisavô da nossa Angela Gutiérrez.

¹⁰ Giselda Medeiros recebeu o insigne título em 2002, pelo Dr. Alberto Galeno, àquele tempo Presidente da Casa de Cultura Juvenal Galeno.

ensaio, destacamos sua análise quanto à “quebra” dos “padrões de linearidade” do presente romance de Gutiérrez, chamando a atenção do leitor “para não se perder nos meandros dos solilóquios internalizados nas falas, nas emoções e pensamentos de sua personagem-narradora.” e enaltece também que, na obra, “Angela realiza, primorosamente, através de sua personagem central, o relato de suas vivências, de suas experiências (...), guardando fidelidade aos bens culturais e ao tempo, dosando memória e esquecimento (...)”.

A escritora e pesquisadora Vera Lucia de Moraes, amiga e parceira de Gutiérrez em inúmeros eventos acadêmicos da UFC, quando Docentes do Curso de Letras - Centro de Humanidades (CH); da ACL e de outras Instituições cearenses, publicara artigo imprescindível acerca do romance em voga, intitulado: *Entre ensinar e deleitar: a arte de contar histórias no romance O Mundo de Flora*. De sua maestria dissertativa, foi escolhido o excerto abaixo:

O Mundo de Flora é um livro que propõe um estudo da arte de contar histórias e suas contribuições sócio-culturais para o meio literário, com o objetivo de contrapor funções exercidas por “contadores populares”, em seu período de efervescência, com funções exercidas por atuais “contadores literários”, que utilizam a arte de contar histórias para incentivar a formação de futuros leitores.

No cerne da performance do contador de histórias permanecem características tradicionais, como: a dupla função de divertir e ensinar, a atenção e a credibilidade desfrutada pelo contador, o clima de respeito e concentração da audiência, a disseminação cultural, o poder emocionalmente curativo das narrativas clássicas – todas essas características formando um conjunto das principais marcas que permanecem desde as primeiras narrativas orais.

Além disso, através da narração de histórias atraentes, preenche a função de desencadear a imaginação e a criatividade do leitor, por ser uma narrativa questionadora, inquieta e instigante, que tematiza relações convencionais entre o homem e o mundo, pondo em xeque, também, de forma simples – com olhar puro ou irônico – valores sobre os quais nossa sociedade está assentada. Invenção e fantasia permeiam o mundo infantil de Flora, (...) (MORAES, 2009, p. 665 - 673)

Sob o olhar atento de Moraes, acima, vimos que o romance de estreia de Angela é propulsora da descoberta de novos talentos literários, a partir das contações de histórias e dos seus agentes, verdadeiros “contadores literários”, enaltecendo o poder da oralidade, não raro pujantes de ludismo, vivências intrépidas, audazes e de preciosidades culturais, permitindo-nos validar o repasse dos contadores dessas histórias entre gerações, e que por tanto tempo foram chamados de “contadores de causos”. Também referenda e, assim, valoriza a presença das “narrativas clássicas”

na produção romanesca em voga, ratificando o que é essencial, a “criatividade do leitor”, ratificando as trocas de “disseminação cultural”. E nessa ambivalência do ensinar e divertir, aludida pela pesquisadora quanto ao *Mundo de Flora*, ocorre a constante amplificação das “relações convencionais ente o homem e o mundo”.

O escritor e professor do curso de Letras da UFC, Eduardo Luz, em sua obra *Como fumaça erguidos*, publicada em 2010, apresenta o admirável *Ensaio à maneira de O Mundo de Flora*, correspondendo ao penúltimo capítulo. Nele, informações bibliográficas da autora, assim como questões estruturais e pertinentes ao enredo e personagens, de *O Mundo de Flora*, imiscuem-se, e de modo ineditista, vanguardista, pois foi realizado à guisa do *layout* do romance de sua Musa, evidenciando primoroso pastiche (e no melhor sentido da escolha textual), no qual apresenta segmentações discursivas à direita da folha, e os títulos à esquerda, e são eles: *livros; paratexto; O jogo de amarelinha; Flora e as “verdades consabidas”; história e História; ficção e etnografia e carta em ensaio*. São sete partes, portanto, como sete minicapítulos, criações de Luz, à luz das disposições dos capítulos d’*O Mundo de Flora*. O autor manteve, também, até a predominância das minúsculas nos títulos.

No desfecho do capítulo de Eduardo, há uma epístola à autora, sua ex-professora do curso de Letras da UFC, coincidindo com o afeto sincero que por ela sente e, concomitantemente, reavivando as cartas presentes no romance, sem prescindir do lirismo e das intertextualidades, emblemáticos da prosa poética basilar gutierriana.

Devemos enaltecer a dissertação, defendida em 2009, intitulada *O Mundo de Flora: a infância através do olhar arguto de uma menina*, da pesquisadora egressa do PPG-LETRAS - UFC, Ayla Maria Diógenes Kataoka, sob a orientação da Professora Dra. Fernanda Maria Abreu Coutinho e avaliada pela Banca composta pelas professoras doutoras, Cleudene de Oliveira Aragão, e Vera Lúcia Albuquerque de Moraes. São 113 páginas dedicadas ao presente romance angeliano, enfatizando o período pueril de Flora Fernández.

Dois excertos foram escolhidos da aludida dissertação: “Angela Gutiérrez traz em si o mundo mágico da infância com seu acervo de emoções, de sentimentos, de prazeres triviais (...) e de descobertas (...)” (KATAOKA, 2009, p. 63). De acordo com sua análise, o romance de Gutiérrez suscita profusão de emoções e desafios típicos da puerilidade e, claro, as reminiscências dos tempos infantis dos leitores

também vêm à tona e maior vivacidade e vigor a narrativa passa a ter nessa troca memorialística e poética. A outra passagem escolhida de KATAOKA é “A capacidade de associação e de ressignificação das palavras é peculiar à criança. A menina de Angela faz isso com maestria, dada a sua curiosidade e argúcia, presentes em toda a narrativa.” (KATAOKA, 2009, p. 66) e nos adianta o quanto de criatividade e recriação linguística o romance nos proporciona e apraz.

O pesquisador e escritor cearense Túlio Monteiro, em seu artigo *As técnicas da intertextualidade no livro “O Mundo de Flora”, da escritora cearense Angela Gutiérrez*, tece primoroso e completo estudo acerca desse exercício artístico e literário da nossa autora. Escolhemos o excerto abaixo:

Com um estilo suave de narrativa, a autora introduz o leitor num mundo repleto de reminiscências fragmentadas, demonstrando grande habilidade na utilização conjunta das técnicas de **Intertextualidade** e **Fluxo de Consciência**, sem jamais perder o fio da trama. Esta habilidade pode ser facilmente constatada quando encadeamos os processos intertextuais de forma cronológica. Ao fazermos isso, verificamos que eles caminham sempre em direção ao processo de crescimento e amadurecimento da menina Flora (...) Se aprofundarmos mais ainda esta análise, poderemos descobrir as datas em que situam-se as intertextualizações, conseguindo através delas, montarmos o quebra-cabeças espaço-temporal proposto pela autora. *negritos do próprio autor. (MONTEIRO, 2020)

Túlio, acima, faz arremate do que discorrera em todo o ensaio, no qual destaca um número considerável de intertextualidades angelianas, sobremaneira com a Literatura, História e Música (sempre com exibição dos trechos comprobatórios e os devidos comentários), considerando a “grande habilidade na utilização conjunta das técnicas de intertextualidade e fluxo de consciência”, ou seja, apesar do forte índice de alusões a obras e seres imprescindíveis, não há perda alguma na estruturação dos aspectos resgatados da memória, pela narradora-mor e os(as) demais condutores(as) da trama.

O escritor e professor Paulo de Tarso Pardal escrevera textos acerca de *O Mundo de Flora*, como o ensaio *Angela Gutiérrez: o mundo de Flora*, e o artigo *A polifonia d’O Mundo de Flora, de Angela Gutiérrez*, e deste segundo texto extraímos o fragmento abaixo:

Todo o cenário do romance é construído por fragmentos. Desta maneira, o romance *O Mundo de Flora* torna-se polifônico, em que as muitas vozes encarregadas de comporem tal cenário possibilitam a cisão relativa do mundo ficcional apresentado. Com essa construção polifônica de narradores, não há uma voz que se imponha às demais, pois cada uma tem sua visão, que é tão verdadeira quanto às outras; visão essa que abre uma abrangente paisagem

para o leitor, que as interpreta tendo por suporte os múltiplos planos que lhe são apresentados.

Em alguns momentos, ambiguidade do discurso não permite que identifiquemos o narrador como sendo em primeira ou terceira pessoa:

Ao chegar à sala de almoço, respirava aliviada. Ali, o telefone, o rádio, a sariema e a arara se encarregavam de afastar os maus espíritos. Era o único lugar claro e alegre daquela casa. (MF, p. 16)

O verbo desse fragmento tanto pode ter como sujeito oracional “eu”, como “ela”. Em qualquer dos casos, não saberemos se o referente diz respeito à personagem “Flora” - mãe, ou “Flora” – filha. (...) [Documento inédito]

Mais afeito a questões polifônicas e linguísticas backtinianas, desde o título do artigo, no excerto em análise, Pardal nos chama atenção quanto a essa recorrência de vozes do casarão das três gerações de Floras (e também de Brancas e de Niveas), possibilitando-nos - para além de pensar em anfibia da do discurso - elevar ainda mais o estilo angeliano de apresentar, por espécie de camadas, personagens de tempos diferentes, que surgem – fácil e comumente - entre um capítulo e outro, sem que nos confundamos ou sem que prossigamos dubitativos dos lances da trama.

Marcela Magalhães de Paula, em seu livro *De cafres e cafajestes: fluxos e refluxos de personagens no Atlântico Sul*, publicado em 2015, aprecia *O Mundo de Flora* com o enfoque nos imigrantes europeus que vieram para o nosso país, no século XIX, como alguns antepassados de Flora Fernández e amigos da família, igualmente estrangeiros: “*O Mundo de Flora* também nos faz ver um mosaico colorido de personagens de diversas nacionalidades, um processo de imigração natural que reflete o desenvolvimento da cidade através do tempo. Veremos personagens ingleses, franceses, italianos, etc.” (PAULA, 2014, p. 121) E ela ainda menciona personagens angelianos, como o italiano Frei Piero, que enfrentara dificuldades de ser compreendido nas missas, quando pregava no púlpito com um português sofrível e, para muitos, hilário. Segundo ela, Frei Piero enfrentava “alguns episódios pitorescos”.

Pesquisadora dos aparatos da colonialidade, Marcela encontrou, como vimos anteriormente, terreno fértil para seus estudos, pois na obra romanesca de Angela há personagens oriundos da “Ilha dos Açores” (p. 96-97), e também há os de origem francesa, como Alaíde Vernon (p. 15) e inglesa, como Miss Colbert (p.32).

Glauder Arcanjo, membro da Academia de Letras do Brasil (ALB), também teceu loas à nossa Gutiérrez, a citar aqui excertos de seu artigo, que fora publicado em 29 de janeiro de 2022:

*“Nas mãos vazias da menina,
plumagem mágica de ignoto pássaro nascia
e no espelho de seus olhos se esvanecia.*

Há magia nas palavras da eterna menina. Eterna por não perder sua plumagem de pássaro, a sempre renascer em cada sonho, em cada poema, em cada cristal-estrofe ofertado, em telúricas epifanias do verbo. “A eterna menina /reinará sem fim?”

*Velhas mangueiras parindo sombras
debaixo delas
pobre menina parindo sonhos.*

Cada memória tem uma porção de infinitude. Se a prezamos no regaço dos anos, a semente-memória flora, e seus galhos rebrotam, crescem e invadem cada instante presente. “Noites compridas /E, de manhã, a vida.”

*E minhas mãos se recolheram
num abraço vazio
de esperança.*

Angela, todos os poetas são credores da esperança. O tempo espalha caixas de Pandora; e os poetas, em magia singular, esperam, de braços vazios, a esperança de lá brotar. Pouco importa, você bem me adverte, se “nenhum anjo do céu desceu /para me avisar /o milagre que aconteceu.” O milagre é viver (quando o escrever acontece).

*Onde a canção e a razão
dessa viagem sem fim?*

Há indagações que nos afligem, mas o melhor é não parar de viajar, de viver, de perscrutar. Na noite longa, uma voz propaga, frente à brisa que vem do mar: “Vistam-se de branco /joguem rosas ao ar/ apaguem as velas.”

*Senhor que tudo pode,
Pai de Misericórdia,
ensina-me a cerrar os olhos
e a dormir serena
o merecido sono dos injustos.*

A insônia nos provoca, Angela Gutiérrez. Ela, noite adentro, a nos cobrar o preço da omissão, dos olhares de lado aos que sofrem abandonados nas calçadas, nas ruas. Se dormimos, serenos, somos injustos com aqueles que clamam por nossa ação. “No escuro profundo do nada /Meus olhos não de enxergar /A luz impossível do tempo /Que o corpo não soube alcançar?”

*Vi somente
o olhar imenso e redondo
do menino da esquina
sentado na ponta da rua
olhando a vida passar
veloz, brilhante,
inatingível.*

Fui assim, Angela, veloz, brilhante, inatingível, a correr pelas esquinas de Licânia. Hoje, tal menino de vez em quando me vem, na madrugada insone, a me falar de valores que há tempos olvidei. “Gritei mas meu brado retumbante /não despertou sequer /a paz silenciosa do meu quarto”.

*E toda noite
passeiam
na cabeça ardente,
febril,
da menina insone.*

Essa febre, poeta, é o que melhor restou de nossa infância. Quando ela se instala em seu corpo, a *Canção da Menina* invade a noite, tal qual, Gutiérrez: “Uma tremura leve de brisa do mar.”

*A cabeça de mármore
definitiva
prosseguirá
incólume
no projeto de ser
talvez
um dia.*

Todo ato que se insurge contra nossa identidade, que se volta contra a nossa liberdade, é mera litania de seres da escuridão. A cabeça de mármore da nação é inquebrantável, e para aqueles que urram pela noite, saudosos de tempos infaustos: “- Silêncio, exigem os deuses, /que houve, que afobação?”.

Através do estudo apresentado acima, no qual há necessários panegíricos à obra de estreia de Gutiérrez, que exala “magia nas palavras da eterna menina”, ditos através das sensações relatadas depois de singrar pelas páginas do romance, em que ele é um “menino insone”, sente “febre” depois das leituras e a evoca “poeta”. E também alude ao sublime livro de poemas de Angela, *Canção da Menina*, publicado em 1997. Segundo ele, saliente-se: “os poetas são credores da esperança”. O texto acima é verdadeira ode ao dom da escrita recebida por Gutiérrez, vinda de um escritor de outras plagas, e reitera-se o quanto sua escritura é robusta e encanta todas as gentes.

Outro autor de outras paragens também encontrará porto nesse trabalho dissertativo em prol de registrar uma considerável parte de intelectuais que publicaram ou estão por publicar textos acerca de *O Mundo de Flora*, como o intelectual lusitano António Manuel de Andrade Moniz, professor da Universidade Nova de Lisboa, no ensaio *O Mundo de Flora - sob o signo do medo*:

O Mundo de Flora tece, pois, uma imagem disfórica do universo interior e exterior, numa osmose entre ficção e realidade, mundo infante-juvenil e mundo adulto. Mas nem todas as histórias são dominadas por tal signo. Pelo contrário: é vivo o contraste estabelecido pelo cósmico das personagens, sobretudo rurais ou de origem mais humilde, pelo cómico de situação e de linguagem, num colorido multicultural que ultrapassa o exótico, para configurar uma identidade própria. São essas histórias que atraem a maioria dos leitores, sobretudo o público juvenil.

Por detrás da roupagem da roupagem superficial do anedótico e do trivial, essas histórias não deixam, porém, de veicular mensagens importantes,

como a denúncia do racismo, a proclamação da dignidade pedagógica e da fraternidade universal, a valentia e a coragem, a generosidade, o lugar da mulher na sociedade, a dignidade humana... [Documento inédito]

Temos, pois, um autor lusitano ratificando o que tantos outros homens e mulheres sorveram do romance em voga, capaz da revelação do “universo interior e exterior” da Florzinha (e do nosso), na verdadeira “osmose entre ficção e realidade”, e se destacando pela riqueza de linguagens e pelo seu “colorido multicultural” demarcador de “identidade própria” de escrita. Elucidara, outrossim, que em *O Mundo de Flora* também estão temáticas “importantes”, a citar o “racismo” e “o lugar da mulher na sociedade”. Esses e outros temas de extrema relevância, do romance em apreciação, serão percorridos no subcapítulo 4.3 da presente dissertação.

Ressaltemos, pois, que a produção romanesca angeliana em voga e outras obras de sua lavra são inspirações para insignes pesquisadoras e pesquisadores, como o autor português supracitado, com o ensaio aludido a ser publicado em uma coletânea que está sendo organizada pelas autoras e ex-alunas de Gutiérrez, Inês Pinheiro, Cleudene Aragão, Vania Vasconcelos e Eleuda de Carvalho, e que estarão novamente presentes no desfecho do vindouro subcapítulo 2.1.

Faz-se necessário que outro nome seja anunciado como o de um estudioso da obra de Gutiérrez: o meu amigo de magistério, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) – *campus* Umirim, Elder Vidal, e que também terá o seu ensaio referente ao *Mundo de Flora* publicado na obra em andamento, conforme fora aludido no parágrafo anterior.

Não somente inspiração para análises e estudos literários é *O Mundo de Flora*, pois também estivera presente na Olimpíada Cearense de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE)¹¹, quando da sua quarta edição, em 2022, exatamente na trigésima primeira questão da terceira fase daquele certame, e de minha autoria, enquanto Coordenadora de Língua Portuguesa da referida Olimpíada.

¹¹ Criada no ano de 2019, pelos Docentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE): Zilfran Varela (Presidente da Comissão Organizadora da OCHE; professor de História e doutorando em Educação pela Faculdade de Valência, na Espanha), e Robson Campanerut (professor de Sociologia e doutorando em Educação, pela Universidade Federal do Ceará), visando ao aprofundamento das pesquisas, desde o oitavo ano do Ensino Fundamental II, nos três anos do Ensino Médio e no Ensino de Jovens e Adultos (EJA) o estudo da História, Geografia, Literatura, Sociologia e Ecologia do Estado do Ceará. Para saber mais acerca da referida Olimpíada, sugiro a leitura dos artigos: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/4506>, e <https://pt.slideshare.net/DanielBrandao17/ead-ensino-hbrido-e-tecnologias-digitais-tomo-2pdf>.


Faz-se necessário que apreciemos, pois, trecho da questão da referida Olimpíada de Ciências Humanas que prestigiara Angela Gutiérrez e seu *Mundo de Flora*:

Figura 1 – Questão da Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE) que apresenta trecho do romance *O Mundo de Flora* a ser apreciado.

Fase 3 - OCHE 2022
Equipe: [EQUIPE COORDENAÇÃO] - EEMTI Alaíde Silva Santos - Juazeiro do Norte - CE

Mapa de questões

22	23	24
25	26	27
28	29	30
31		



Fortaleza - Casa do Português

Fonte: UFC - Foto: Bruno Bacis. Disponível: <http://www.ipatrimonio.org/fortaleza-casa-do-portugues/#img=383298/oc=3.74568399577326,-38.55548858642578,14>

Questão 31 (5,00 pontos)

Descrição: Pressa excessiva ou certa insensibilidade talvez fizessem com que, à primeira vista, um prédio de arquitetura pouco convencional passasse despercebido na Avenida João Pessoa, em Fortaleza. Trata-se da Casa do Português, uma construção que já virou referência no bairro Damas. Impossível, mesmo, é não percebê-la, seja pelos atuais quatro andares monumentais, pelos arcos equivalentes ou pela rampa lateral que permite tráfego de veículos por todos os pavimentos. Tudo isso símbolo do poder aquisitivo ostentado pelo primeiro dono e idealizador do prédio, o comerciante português José Maria Cardoso. As obras para erguer a construção começaram no final da década de 1940 e acabaram no dia 13 de junho de 1953, data de inauguração do casarão, que inicialmente foi batizado de Via Santo Antônio - e a placa com esse nome continua lá até hoje. O prédio popularizou-se mesmo como Casa do Português, uma referência explícita a Cardoso.

[...]

Fonte: <http://www.ipatrimonio.org/fortaleza-casa-do-portugues>

TEXTO 22
O MUNDO DE FLORA (excerto)

[...]

Tudo suíte? Não, não. Suíte, achava que só uns três.
Quintal enorme, jardim com grama, sobrado. Tinha era pena do trabalho que a Flora ia ter. E até mais ver, que o Tonico estava chamando, não ouvia?

- Tonico, francamente!

O Tonico sabia por acaso o que a outra estava dizendo? Não. A casa da filha da amiga pouco faltava para ser maior do que aquela tão afamada casa do português, no Benfica. Gabava-se de mundos e fundos. Queria que ela ficasse por baixo? De jeito nenhum.

Fonte: GUTIÉRREZ, Ângela. *O Mundo de Flora*. Fortaleza: Edições UFC, 2007, p.159

O romance "O Mundo de Flora", da autora cearense Ângela Gutiérrez, lançado há 32 anos, é ambientado em Fortaleza, e a narradora, novecentista, relembra seus antepassados e a Cidade Alencarina oitocentista, priorizando o Centro da cidade e o bairro do Mondubim. A alusão feita à Casa do Português, em consonância com o Texto 21, que também é referente a esta edificação de extrema relevância para o Patrimônio Histórico e Arquitetônico do Estado do Ceará, permitem-nos inferir que:

Fonte: Imagem oriunda de um *print* da página da referida Olimpíada.

A questão supracitada se vale de trecho do romance referente à histórica “Casa do Português” relacionado a um texto técnico acerca da mesma edificação, mas em sentido predominantemente denotativo, destoando da prosa poética gutierriana, em referência à sua fundação e aos aspectos estruturais. Os dois textos prestigiam, portanto, a unidade temática, Casa do Português, e visam algo em comum: refletir acerca da necessidade da valorização do patrimônio histórico e arquitetônico. Eis uma das façanhas de *O Mundo de Flora*: certo viés dialético entre áreas díspares e ainda sim convergentes em um todo voltado ao onirismo, ao poder da memória e das múltiplas intelecções.

O Mundo de Flora obtivera intensa notoriedade de 2007 a 2009¹², ao ser inserida na lista das Obras Literárias do então Vestibular da Universidade Federal do Ceará (UFC). Inúmeros estudantes, da capital e do interior do Ceará, passaram a nutrir a necessidade de conhecer a grandiosidade desse romance de Gutiérrez, tendo

¹² O último ano em que a referida Universidade teria vestibular próprio, pois logo faria a adesão ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para a seleção dos novos discentes, e milhares de jovens e adultos do Estado do Ceará (ou residentes de outros Estados da Confederação) que queriam ingressar na UFC.

tido adaptações para a dramaturgia em escolas e até houve realizações de itinerários - a pé - pelas ruas, praças e prédios históricos do centro de Fortaleza, com o propósito da visitação aos espaços apresentados na obra. E quanto a esses espaços pela Fortaleza de outrora, daremos bastante ênfase no quarto capítulo.

Angela passara a conceder ainda mais entrevistas em rádios e jornais, bem como esteve bastante presente em tabloides dos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*, referentes aos autores e às obras literárias que “poderiam cair” no vestibular, e participara de palestras que a própria UFC organizara com autores da listagem, de modo a contribuir com a comunidade pré-universitária, dos ensinos público e privado, das Escolas do Estado do Ceará, e dos Cursinhos de Fortaleza. E houve inúmeras outras palestras concedidas por ela, aclamada pelos discentes e pelos docentes organizadores desses eventos, como eu tive a honra de, também, assim realizar, em 2008, sobremaneira nos Colégios Antares, Master e Tiradentes, aos meus então vestibulandos.

Toda essa movimentação mais acirrada à procura do romance de Angela teve introito nos jardins da Reitoria da UFC, precisamente no dia 29 de junho de 2007, em uma sexta-feira, a partir das 19h, ao lado de outras obras literárias excelentes e de também célebres autores cearenses, que igualmente comporiam a lista das habituais dez obras a serem estudadas pelo(a)s vestibulando(a)s, como: *Três Peças Escolhidas*, de Eduardo Campos ¹³, *Dias e dias*, de Ana Miranda (1951), *A Casa*, de Natércia Campos (1938-2004) e *Entre a Boca da Noite e a Madrugada*, de Milton Dias (1919 -1983).

A fotografia apresentada a seguir é um dos registros dessa noite muito relevante para a produção literária cearense e que marcava o lançamento da segunda edição de *O Mundo de Flora*, agora pelo selo *Edições UFC*¹⁴:

¹³ Infelizmente Eduardo Campos (ou Manuelito, para os mais próximos) - que neste ano completaria seu centenário - viera a óbito no dia 19 de setembro de 2007, depois de complicações decorrentes de um acidente vascular cerebral (AVC).

¹⁴ E é a edição que escolhi para a realização da presente dissertação (tendo sido dela extraídos os excertos comprobatórios apresentados no *corpus* do trabalho) por motivação extremamente subjetiva: foi através da edição de 2007, que conheci minha Musa Angela, e justamente na primeira noite que estava saindo de casa, depois do nascimento do meu primogênito. No exemplar da segunda edição é onde está o autógrafo muito afetuoso a mim e ao meu pequenino Nicolás, com três meses àquela data. Deve ser enfatizado, também, que a primeira edição, de 1990, fora de extrema relevância, e exclusivamente nela estão as orelhas redigidas por Sânzio de Azevedo e a apresentação feita por Artur Eduardo Benevides, e trechos dessas produções textuais em ode à obra romanesca de Gutiérrez integram a presente dissertação.

Figura 2 – Fotografia da noite de relançamento de *O Mundo de Flora*, na Reitoria da UFC, em 29 de junho de 2007.

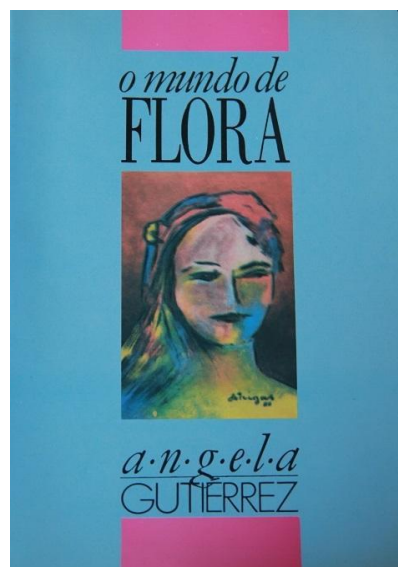


Fonte: Acervo pessoal. Da esquerda para a direita: Ana Miranda, Angela Gutiérrez, Eduardo Campos (*in memoriam*) e eu.

Lamentavelmente o profícuo escritor, jornalista e teatrólogo Eduardo Campos, ilustre filho do distrito de Guaiúba, Pacatuba-CE, três meses após essa fotografia, falecera.

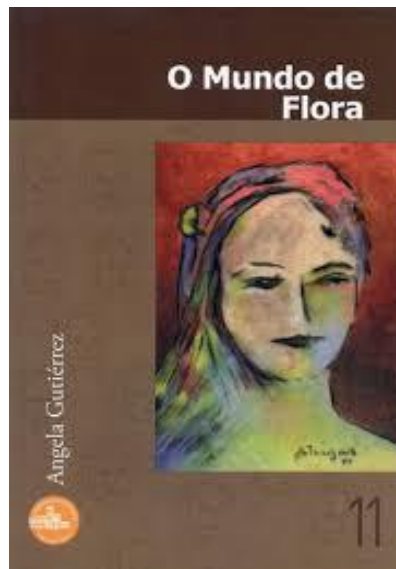
Ainda acerca da fotografia acima, encontramos *O Mundo de Flora* em sua segunda capa. Convém, pois, que apresentemos as duas capas da produção romanesca em voga, estando expostas a seguir, nas respectivas edições, 1990 e 2007. Ressalte-se, pois, que o rodapé anterior, 14, tece comentário complementar quanto às duas edições e um pouco dos bastidores da presente pesquisa.

Figura 3 – Capa de *O Mundo de Flora* de 1990.



Fonte: *Print* autoral

Figura 4 – Capa de *O Mundo de Flora* de 2007.



Nas duas artes gráficas em exibição, ainda que díspares, há a mesma pintura de Estrigas, feito exclusivamente para Angela e sua Flora. Abaixo será apresentada a pintura original, emoldurada, presente na sala do apartamento da autora¹⁵.

Figura 5 – Fotografia com Angela Gutiérrez na sala do seu apartamento e, entre nós, a pintura do Estrigas, feita para *O Mundo de Flora*.



Fonte: Foto autoral.

¹⁵ E é a edição que escolhi para a realização da presente dissertação, por motivação extremamente subjetiva: foi através da edição de 2007, que conheci minha Musa Angela, e justamente na primeira noite que estava saindo de casa, depois do nascimento do meu primogênito. Também na escolhida segunda edição é onde está o autógrafa muito afetuoso a mim e ao meu pequenino Nicolás, com três meses àquela data.

Vale eternizar, no presente capítulo, quase se findando, referente a um pequeno demonstrativo do universo das produções voltadas às análises de *O Mundo de Flora* e sua criadora, que o manuscrito do célebre romance percorreria por bastidores exacerbadamente preciosos. Segundo a autora relatara ao jornalista Diego Barbosa, do jornal *Diário do Nordeste*, quando fora entrevistada para matéria alusiva aos trinta anos do romance, em 2020, os originais da obra foram parar nas mãos dos ícones da literatura cearense: Artur Eduardo Benevides (1923-2014), Sânzio de Azevedo (1938), Moreira Campos (1914-1944) e Horácio Dídimo (1935-2018), e tivera outro leitor extremamente especial e incentivador: seu adorado esposo, o médico Oswaldo Gutiérrez.

Antes de encerrarmos o capítulo 2, exibiremos trecho da apresentação elaborada por Angela Gutiérrez para a sua noite de estreia literária com *O Mundo de Flora*:

(...) esta é uma noite amiga, feita mesmo para compartilhar e agradecer.
 Compartilho, assim, *O Mundo de Flora* com as pessoas que amo e, em especial, com meu pai, que eu menina amei nas noites enluaradas quando
 Ao som do violão sua voz dourada despertava no céu a Estrela d'alva
 Que meus olhos de mocinha enxergaram como um semideus, sua palavra-verdade guiando-me na selva selvaggia
 Que hoje amo mais ardentemente ainda nos meus dias prateados, minha definitiva estrela d'alva, alumbrante astro descrevendo serena via de bondade e amor;
 Com minha mãe,
 Hoje e sempre minha amiga,
 Cigana azougada,
 Ondulante cabeleira negra,
 Imaginação alada,
 Meu espelho;
 Com meu bem, Oswaldo,
 Amado, amante, amigo,
 Meu amor;
 Com meus filhos
 Oswaldo, Daniel e Angela Laís,
 Que são a casa do meu ser; (...) [Acervo da autora]

Mantive a disposição original do texto, que me fora feita a entrega pela própria Gutiérrez. Impossível não ser invadida pela emoção diante de expressões poéticas das mais tocantes: “sua voz dourada despertava no céu a estrela d'alva”, “meus dias prateados”, “alumbrante astro descrevendo serena via de bondade e amor”, “imaginação alada”, “Com meus filhos / Que são a casa do meu ser.” E até o modo escolhido por ela para a ruptura das frases (que deveriam formatar os parágrafos), parecendo estrofes, realizando um belo poema em prosa. E, mais que isso, com uma mensagem de afeto e gratidão, inicialmente aos familiares, como no

excerto que lemos, e – em seguida – aos amigos, sobremaneira aos presentes, Sânzio de Azevedo, Luiz Tavares Jr, Horácio Dídimo, Artur Eduardo Benevides, Moreira Campos e Nilo Firmeza, o Estrigas, e aos editores da obra, ressaltando ao Professor Martins Filho, então Reitor da UFC, “pela inclusão deste romance na Coleção Alagadiço Novo”.

No trigésimo aniversário d’*O Mundo de Flora*, como fora antecipado, Angela Gutiérrez concedera entrevista ao jornalista Diego Barbosa¹⁶, do jornal *Diário do Nordeste*, e fora publicada no dia 30 de agosto de 2020, exatamente três décadas depois do seu lançamento:

“Não foi um romance planejado, roteirizado, fincado em pesquisas antes de determinado momento. Numa noite epifânica, senti tão forte premência de narrar o mundo ficcional que me estava ocupando a mente que resolvi levantar-me. Ali, escrevi grande parte do material”, relata Angela. “Quando lembro disso, sorrio pensando que, no meu livro de estreia, agi como alguns jovens poetas românticos que se sentiam iluminados antes de escreverem seus poemas, o que acontecia, quase sempre, à noite”. (BARBOSA, 2020)

Angela nos revela, acima, um pouco do processo de criação do romance, advindo de modo espontâneo e “epifânico”, em um tipo de lampejo mental e autônomo, ávido da “premência de narrar o mundo ficcional” que a inquietava, instigava. Ele sabia o porquê de logo ter que se materializar: alegrar sua Musa, seu público leitor e todo(a)s o(a)s pesquisadore(a)s que passariam a adentrar e se adensar nos mundos fornecidos por sua Flora Fernández.

2.1 Angela Gutiérrez: a musa na ribalta

“A literatura é o ar que eu respiro.” (Angela Gutiérrez).¹⁷

Em um mundo repleto de livros, arte e afeto nasceu, cresceu e vive Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez: escritora premiada; professora emérita da

¹⁶ Uma das entrevistas concedidas pela autora referente às três décadas de *O Mundo de Flora*. Lembremo-nos que era tempo do primeiro ano da terrível pandemia de COVID-19, decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em nosso país em 11 março de 2020, e já antecipo um pouco do será visto no subcapítulo que virá: no universo *online*, com toda a segurança, Gutiérrez fora bastante ativa em Eventos virtuais, e já deve ser antecipado também que ela estava à frente da Presidência da Academia Cearense de Letras (ACL), tendo sido a primeira mulher a presidir a histórica Academia de Letras mais antiga do Brasil. Seu biênio fora de janeiro de 2019 a janeiro de 2021.

¹⁷ Angela realizara tal confessionalismo literário em entrevista ao Jornal *O Povo*, em 29 de setembro de 2019, em matéria intitulada: *Angela Gutiérrez: “A literatura é o ar que eu respiro”*. Para lê-la, na íntegra, é só acessar: <https://mais.opovo.com.br/jornal/paginasazuis/2019/09/29/a-literatura-e-o-ar-que-eu-respiro.html>.

Universidade Federal do Ceará (UFC); fundadora e primeira coordenadora do presente Mestrado da PPG-Letras (UFC), em 1989; esposa do Dr. Oswaldo Augusto Gutiérrez Adrianzén; mãe de Oswaldo Gutiérrez Filho, Daniel e Angela Laís e avó de Rafael, Oswaldo Neto¹⁸, Lina, Isabela, Taís, Alícia, Eduardo César e Luísa.

Filha de Luciano Cavalcante Mota e de Angela Laís Pompeu Rossas Mota; neta do Dr. César Rossas, médico, e bisneta de Tomás Pompeu Filho, um dos fundadores e primeiro presidente da Academia Cearense de Letras (ACL)¹⁹. Não se pode olvidar, claro, que nossa Gutiérrez é trineta do célebre Senador Pompeu²⁰, exacerbadamente relevante para a História do Ceará.

Angela Gutiérrez alcançou um dos feitos históricos mais relevantes das artes literárias e da cultura do Estado do Ceará: foi a primeira mulher a assumir a Presidência da Academia Cearense de Letras, e discorreremos com vagar acerca desse feito extraordinário, mas não sem antes fornecer uma viagem iconográfica aos tempos de outrora da autora, desde tenra idade até os tempos hodiernos, através de fotografias cedidas²¹ por ela.

Apreciaremos, portanto, as cinco fotografias a seguir, e faremos célere e doce imersão inicial ao mundo de Angela, e a veremos pequenina, casada, mãe e escritora atuante:

¹⁸ Em ordem cronológica, o seu segundo neto, Oswaldo Neto, fora meu aluno de Literatura no terceiro ano do Ensino Médio do Colégio Antares (sede Praia de Iracema), no ano de 2016 (1º. semestre).

¹⁹ Fundada no dia 15 de agosto de 1894, a Academia Cearense de Letras (ACL) é a mais antiga do Brasil.

²⁰ O supracitado Trisavô da autora Angela Gutiérrez, Senador Pompeu, tendo nascido em 1818, em Santa Quitéria – CE, e falecido em 1877 (mesmo ano da morte de José de Alencar). foi padre, político (Senador do Império), escritor, fundador e primeiro Presidente do Liceu do Ceará. Há uma importante rua, no centro de Fortaleza, que possui o seu nome e um município do Estado do Ceará, distante da capital 273km. Recomendo, para quem ficou ávido(a) para mais saber acerca dele, sugiro que realize, desde já, a navegação ao sítio: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/08/o-bicentenario-do-senador-do-imperio.html> .

²¹ As fotografias foram cedidas pela própria Musa e Amiga Angela Gutiérrez, via *WhatsApp*, no terceiro dia de fevereiro de 2023, e no vigésimo segundo dia de outubro de 2023.

Figura 6 – Angela Gutiérrez, quando bebê de poucos meses.



Fonte: Fotografia cedida pela própria autora, via WhatsApp, em 22/10/2023.

Figura 7 – Angela Gutiérrez, em seu primeiro ano de vida. Fotografia que servira de inspiração para a capa de sua obra poética *A Canção da Menina*, que seria publicada em 1997.



Fonte: Fotografia cedida pela própria autora, via WhatsApp, em 22/10/2023.

Figura 8 – Angela Gutiérrez ao lado de sua mamãe, Angela Laís, e de sua irmã, Laís Alba.



Fonte: Fotografia cedida pela própria autora, via *WhatsApp*, em 03/02/2023.

Figura 9 – Angela Gutiérrez ao lado dos seus amadíssimos: Papai, Luciano Mota, e Mamãe, Angela Laís.



Fonte: Fotografia enviada pela própria autora.

Figura 10 – Fotografia de Angela Gutiérrez com o esposo, a filha e os dois filhos, no lançamento da obra poética *A Canção da Menina*, em 1997.



Fonte: Fotografia enviada pela própria autora, via WhatsApp, no dia 24/10/23.

Angela Gutiérrez conquistara todos os admiráveis títulos acadêmicos, possuindo Mestrado em Educação, pela UFC, acerca *d'O caráter reprodutor do ensino de literatura*; Doutorado em Letras, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com a tese *Varas Llosa e o romance possível da América Latina* e Pós-Doutorado em Letras, também pela UFMG, e a tese, *O Retrato de Conselheiro: as múltiplas faces do Beato de Melo Monte*, ainda não fora publicada em livro.

A histórica e terrível Guerra de Canudos (7 de novembro de 1896 - 5 de outubro de 1897) e a obra *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha (1866-1909), basilares para a sua tese de Pós-Doc., como vimos acima, são temáticas muito caras para Angela, sendo corroboradas, por exemplo, pelas artes plásticas do pintor cearense - e seu amigo - Descartes Gadelha (1943), que tivera nova exposição no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC), de 17 de junho a 2 de outubro de 2023, desta feita intitulada: *Descartes Griô Profeta*, em comemoração pelo seu octogésimo aniversário. O setor dessa grandiosa imersão artística, intitulado *Cicatrizes submersas*²², é totalmente voltado a apresentar os horrores da “dizimação de Canudos”.

²² São mais de cem pinturas a óleo, tamanhos medianos e grandes, além de esculturas, cerâmicas, gravuras e desenhos, retratando a saga do beato Antônio Conselheiro nos sertões do Nordeste do Brasil e seu epílogo em Canudos.

Na reunião da SAL (Sociedade Amigas do Livro), entidade cultural da qual é integrante desde 2012, ocorrida no auditório do MAUC, em 27 de setembro de 2023, Gutiérrez palestrara acerca do célebre pintor cearense, que não pudera estar presente.

Na ocasião - e isso deve ser eternizado no presente trabalho de pesquisa -, ela ainda revelara aos presentes os títulos de três obras brasileiras consideradas suas favoritas: *Iracema*, de José de Alencar, *A Casa*, de Natércia Campos, e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

Figura 11 – Angela Gutiérrez palestrando acerca da exposição Descartes Griô Poeta - 80 anos, na reunião do mês de setembro de 2023, da Sociedade Amigas do Livro (SAL).



Fonte: Fotografia de minha autoria. Da esquerda para a direita estão: a escritora Ester Weyne; nossa Angela Gutierrez; a escritora Marilena Campos (Presidente da SAL); a escritora Edyr Rolim e o escritor e ex-Governador do Estado do Ceará, Lúcio Alcântara.

Figura 12 – Angela Gutiérrez explanando acerca da horrenda Guerra de Canudos retratada em pinturas de Descartes Gadelha, às intelectuais da SAL.



Fonte: Fotografia de minha autoria.

Como vimos acima, as pessoas sentem fascínio em ouvi-la, a eterna professora, afeita aos detalhes significativos quando explica alguma temática encantadora, como o universo pictórico de Descartes. Ressaltemos, também, o quanto é dotada de carisma excepcional.

Revelando um pouco mais da pujante pesquisa e do apreço de Angela quanto a Antônio Conselheiro²³ e ao Arraial do Belo Monte (ou do Monte Santo ou outros nomes menos contundentes do que os que os seus algozes - da incipiente República - os chamaram: “os do Arraial de Canudos”), vale aqui externar o excerto escolhido pela autora ao cabo de sua obra de contos, *Os Sinos de Encarnação* (2012), estando exatamente na página seguinte à do último conto, concluído na página 159:

“Adeus povo, adeus aves, adeus árvores, adeus campos, aceitai minha despedida, que bem demonstra as gratas recordações que levo de vós, que jamais se apagarão da lembrança deste peregrino...”
(Palavras do vivente de terras de dentro, o peregrino Antônio Vicente Mendes Maciel - Antônio Conselheiro -, às páginas 627 e 628 de manuscrito redigido no povoado de Belo Monte e datado de 12 de janeiro de 1897) ²⁴
(GUTIÉRREZ, 2012, p.160)

Exatamente assim, como lido acima, há o encerramento da obra contística gutierrana aludida, em página não numerada, equivalendo ao desfecho dos desfechos, e nos garante de reflexão ou desabafo acerca daquela página tétrica da História do Brasil.

Não se pode, pois, esquecer do célebre romance que Angela publicaria dezesseis anos depois de *O Mundo de Flora: Luzes de Paris e o Fogo de Canudos*. O próprio título já prenuncia que há muita intertextualidade histórica e sensibilidade autoral acerca do que fora a supracitada pavorosa Guerra de Canudos, no interior da Bahia, enquanto em Paris e em outras paragens, como Fortaleza e Rio de Janeiro finisseculares oitocentistas, reinavam o *glamour* e a beleza da *Belle Époque*²⁵ e da *Art Nouveau*²⁶, nos espaços citadinos mais abastados.

²³ Antônio Vicente Mendes Maciel (1830-1897), o “Peregrino”, fora o cearense, natural de Quixerambim, responsável por arremeter uma grande quantidade de homens, mulheres, crianças e idosos desvalidos, sem-terra e sem ter como pagar os impostos da recém-proclamada República, e que – juntos – ergueram, no interior da Bahia, o Arraial do Belo Monte, em 1893.

²⁴ O texto fornecido entre parênteses - em análise - também pertence à integralidade escolhida por Gutiérrez, ou seja, não é informação adicional minha.

²⁵ Período de cultura artística cosmopolita - em teor requintado -, na história da Europa, e que influenciara indubitavelmente o mundo ocidental, aproximadamente, de 1890 até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

²⁶ Arte decorativa, elegante, cingida à *Belle Époque*, encontrada nas estruturas de ferro (formatando pétalas, folhagens...) com vidro e esmalte, tendo sido inicialmente aplicada à indústria.

Antônio Conselheiro estivera presente também em uma das suas inúmeras premiações recebidas, como ao ser agraciada com o *Troféu Antônio Conselheiro*, da Câmara Municipal de Quixeramobim.

Angela palestrara acerca dessa imprescindível temática histórica e que nos fora apresentada ao universo literário pelo autor carioca Euclides da Cunha em mesas-redondas, pronunciou conferências e discursos em encontros, simpósios, congressos, no Brasil, em Fortaleza, Quixeramobim, Salvador, Canudos, São José do Rio Pardo, São Paulo, e no exterior, Colônia, Berlim e Paris.

De 23 a 26 de setembro de 1997, ocorreu o Simpósio *CANUDOS: CEM ANOS DA DESTRUIÇÃO (1897-1997)*, evento por ela organizado e realizado pela Pró-Reitoria de Extensão da UFC. Veremos fotografia de importante Mesa Redonda:

Figura 13 – Angela Gutiérrez participando do Simpósio Canudos: cem anos da destruição (1897-1997).



Fonte: Fotografia enviada por Angela Gutiérrez, via *WhatsApp*, em 24/10/23.

Na V Bienal Internacional do Livro do Ceará, de 2002, também discorrera em demasia acerca do “Peregrino”, no centenário da publicação da obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, ao ter sido Coordenadora Cultural do Programa “Cem anos de *Os Sertões* na Bienal”, promovida pela Secretaria de Cultura (SECULT).

Fora organizadora, em parceria com a acadêmica e amiga Regina Fiúza²⁷, de várias coletâneas referentes ao evento *Ciclos de Conferências*, um dos que mais reuniam estudantes e pesquisadores no auditório principal da ACL, antes da

²⁷ Escritora e pesquisadora, membro da Academia Fortalezense de Letras (AFL), é Bisneta de um dos fundadores da ACL: José Carlos da Costa Ribeiro Jr (que fora membro da Padaria Espiritual e possuía o “apelido” ou “nome de guerra”: Bruno Jaci)

pandemia de COVID-19. Dentre essas obras, devemos destacar: *Rachel de Queiroz – Cem anos; Literatura e Viagem e Literatura e Outras Artes*.

Gutiérrez foi cofundadora e Diretora do Instituto de Cultura e Arte (ICA), da UFC, de 2003 a 2007, na gestão do Reitor René Barreira, e Diretora da Casa de José de Alencar, outro equipamento cultural da UFC, de 2007 a 2008. É sócia efetiva do Instituto Histórico, Antropológico e Geográfico do Ceará, o célebre Instituto do Ceará, a mais antiga Instituição cultural da cidade de Fortaleza, tendo sido fundada em 1887, e sua posse ocorrera em 24 de abril de 2013. É membro da Associação Brasileira de Bibliófilos (ABBi), e em 2012 recebera da referida Instituição a medalha do centenário de Rachel de Queiroz.

Em 2016 fora laureada com o troféu Seria de Ouro, promovido pelo Sistema Verdes Mares de Comunicação, devido à incansável dedicação às letras no Estado do Ceará. Conquistara o Prêmio Osmundo Pontes de Literatura, em 2011, com a obra contística *Os sinos da Encarnação*.

A noite de 30 de janeiro de 2019, no entanto, fora a mais marcante e verdadeiramente histórica para a escritora Angela Gutiérrez e para todo o estado do Ceará: ocorria a posse da primeira mulher eleita Presidente da Academia Cearense de Letras (ACL) - biênio (2019 - 2020). Átimo vanguardista e inolvidável, bem como hercúleo desafio para a tão dinâmica e acessível primeira Presidente, pois em seu segundo ano de gestão tivera que enfrentar a chegada da nefasta pandemia de COVID-19, que ceifaria a vida de milhões de brasileiros e brasileiras (tendo iniciado as incessantes mortes na China, em dezembro de 2019) e impossibilitaria as reuniões presenciais, a partir de março de 2020, e impusera novas rotas para os projetos literários e ações culturais, que passariam a ser realizados de modo remoto.

Víamos, pois, a posse da bisneta de Tomás Pompeu de Sousa Brasil (1852-1929), um dos seus fundadores e o primeiro presidente da ACL, dando continuidade ao legado do patriarca da família literata, cingindo valores historicistas, literários, culturais e humanistas. Fora apresentada pelo anterior Presidente, o Sr. Ubiratan Aguiar (1941), e em seguida ela proferira o discurso de posse inegavelmente primoroso, visceral, crítico e emocionado, e merecedor do robusto trecho escolhido para essa pesquisa dissertativa:

“[...] Tenho a honra de dar posse à diretoria da Academia Cearense de Letras no biênio 2019-2020, assim como a seu Conselho Fiscal, no mesmo período. Cumprimentos:

Cumprimento o Presidente de Honra de nossa Academia, Dr. José Murilo Martins, os membros da mesa: Acadêmico Ubiratan Diniz de Aguiar, Presidente da Academia Cearense de Letras no Biênio 2017-2018; Dr. Henry de Holanda Campos, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Ceará; Dr. Fabiano dos Santos Piúba, Secretário de Cultura do Estado do Ceará; Dr. Lúcio Alcântara, Presidente do Instituto do Ceará; Bibliófilo José Augusto Bezerra, Presidente da Associação Brasileira de Bibliófilos; Escritora Celma Prata, Presidente da Sociedade Amigas do Livro, que aqui representam também todos os membros de suas instituições e entidades; Saúdo, muito especialmente, os membros da nova diretoria há pouco empossada e todos os acadêmicos da ACL.

(...)

Ao prepararmos a programação cultural para nossa gestão, a Literatura e o Autor Cearense constituirão seu ponto fulcral. Pretendemos ampliar e organizar atividades, que já realizamos eventualmente, como visitas de estudantes ao Palácio da Luz, com explicação da História da ACL e a do Palácio da Luz, a partir de nossos acervos (pinturas, fotos, objetos); incentivar estudos sobre autores cearenses e pesquisa em nossa Biblioteca; promover atividades sobre obras de acadêmicos do passado e do presente; promover encontros com todos os elos da cadeia de produção do livro: do autor às livrarias; incentivar outras atividades não necessariamente de grande porte, como reuniões de clubes de leitores, saraus de poetas, oficinas de criação, exposições; retomar o já renomado Ciclo de Conferências da ACL e sua publicação; e criar a atividade Diálogos na Academia, para colocar em evidência, em tom de conversa, entre convidados e ou acadêmicos, assuntos de interesse sobre Literatura; organizar e ampliar o acervo de nosso Memorial; assegurar a continuidade da publicação da *Revista da Academia*; aprimorar nosso site e a divulgação de nossas atividades, enfim, abrir nossas portas a encontros com a rica cultura cearense e a parcerias com a Secult e a SecultFor, e com outras instituições e entidades culturais e de ensino.

À leitura da lista de algumas das possíveis atividades da Academia em 2019 e 2020, alguém poderá pensar que revelam muito otimismo para os tempos tão sombrios que vivemos! Não, não sou Candide, personagem de Voltaire, a imaginar que vive no melhor dos mundos possíveis! Ao contrário, sei que atravessamos um período histórico de dificuldades tão graves que a Cultura vem sendo vista, por alguns, como um adorno, um luxo, e não como uma das expressões fundamentais da individualidade e da coletividade, da nacionalidade e da própria humanidade. Evidentemente, nosso poder de realizar não tem a mesma dimensão de nossa capacidade de sonhar. Diz uma expressão italiana que *Dal dire al fare c'è in mezzo il mare*. Mas, se seguirmos a divisa da Academia – *Forti nihil difficile* – (Benjamin Disraeli) e contarmos com o apoio necessário, poderemos ultrapassar as ondas do atual encrespado *mare magnum* e contribuir para a formação cultural e cidadã dos cearenses, construindo o que Paulo Freire chamava “o historicamente possível”.

Uma palavra de solidariedade aos que sofrem a tragédia de Brumadinho e aos que trabalham para amenizar a dor dos que perderam seus entes amados.

[...]” (GUTIÉRREZ, 2019, p. 123 - 132)

Discurso que fora marcado pelo compromisso de tornar a Academia ainda mais acessível, sobretudo ocupada por estudantes, da rede privada ou rede pública, de perto ou de longe; demonstrara ojeriza a quaisquer informações falaciosas e ao discurso de ódio, infelizmente muito em voga àquele tempo, sobremaneira a partir do

dia primeiro de janeiro, na esfera nacional; e fizera suas deferências aos Intelectuais e às Instituições culturais presentes, aos Jornais locais, *O Povo*, *Diário do Nordeste* e *O Estado*, bem como *TV Ceará* e *TV Assembleia*, pelas divulgações e cobertura do Evento, sem prescindir da inserção de ocorrências horríveis daquele primeiro mês de 2019, como a tragédia ambiental havida cinco dias antes, devido ao rompimento da barragem da Mina Córrego de Feijão²⁸, da Vale, em Brumadinho - MG. Externara seu amor ao adorado esposo, Dr. Oswaldo Augusto Gutiérrez Adriánzen, aos filhos, aos netos e aos demais familiares, bem como deixara bastante nítido o seu desejo pela inclusão social, a proximidade da ACL com a comunidade escolar, das redes pública e privada, no fito da democratização dos saberes.

Presenciei o quanto Angela fora aplaudida, cumprimentada e exaltada antes, durante e após a oficialização da posse. Assim como os demais amigos que foram prestigiá-la, em tão inolvidável noite para a historiografia literária do Ceará, na fotografia a seguir, sou toda contentamento ao estar do lado da querida Primeira Mulher a presidir a Academia mais antiga do nosso país.

Figura 14 – No evento da posse de Angela Gutiérrez assumindo a Presidência da ACL, na histórica noite de 30/01/2019.



Fonte: Fotografia do meu acervo, realizada em 30/01/2019.

²⁸ Um dos maiores desastres socioambientais da história do país, ocasionando “270 mortes, 3 desaparecidos e nenhuma punição”. A parte final, entre aspas, é a manchete da matéria do G1, em 25/10/23, e para lê-la, basta acessar o sítio: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2023/01/25/quatro-anos-da-tragedia-em-brumadinho-270-mortes-tres-desaparecidos-e-nenhuma-punicao.ghtml>.

Em um momento histórico e estarrecedor de recrudescimento dos nefastos casos de misoginia e feminicídio em nosso país, reveladores da necropolítica²⁹, apreciar uma Mulher, dotada de inteligência, sensibilidade e alteridade, assumindo posto de tão alta magnitude, um feito artístico-cultural dos mais auspiciosos, conseguiu prenunciar otimismo aos dias do porvir.

Ressalte-se, pois, que a Academia Brasileira de Letras (ABL), no ano de 1997, tivera a escritora carioca Nélida Pinõn (1937-2022) como a primeira mulher a assumir a Presidência, no ano do Centenário da sua fundação, exatamente vinte anos após a posse da cearense de Rachel de Queiroz (1910-2003), que fora a primeira Mulher a tomar posse na Casa de Machado de Assis, inaugurando o primeiro fardão feminino, há quarenta e seis anos.

Em necessária analepse, urge que explanemos acerca da posse de Angela Gutiérrez na Academia Cearense de Letras. E, para isso, trouxemos três fotografias essenciais:

Figura 15 – Angela Gutiérrez em sua posse na ACL, ao lado do esposo, da filha e dos dois filhos.



Fonte: Fotografia enviada por Angela Gutiérrez em 22/10/23.

²⁹ Uso do poder político e social, especialmente por parte do Estado, de forma a determinar, por meio de ações ou omissões (gerando condições de risco para alguns grupos ou setores da sociedade, em contextos de desigualdade, em zonas de exclusão e violência, em condições de vida precárias, por exemplo), quem pode permanecer vivo ou deve morrer. [Termo cunhado pelo filósofo, teórico político e historiador camaronês Achille Mbembe, em 2003, em ensaio homônimo e, posteriormente, livro.]. Verbete extraído do sítio da Academia Brasileira de Letras (ABL): <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/necropolitica> . Acesso em 16/10/2023, às 17:55.

Figura 16 – Angela Gutiérrez, em sua posse na ACL, caminhando pela Academia com os confrades, da esquerda para a direita: Linhares Filho, Horácio Dídimo e Sânzio de Azevedo.



Fonte: Fotografia enviada por Angela Gutiérrez em 22/10/23.

Figura 17 – Angela Gutiérrez e sua adorada Mamãe, quando da sua posse na Academia Cearense de Letras. Entre elas está o quadro do seu Bisavô, fundador da ACL.



Fonte: Fotografia enviada pela própria autora

Na sexta fotografia, imediatamente acima desse parágrafo que se inicia, vemos Angela Gutiérrez extremamente jubilosa, ao lado de sua mãe, na Academia Cearense de Letras (ACL), na noite de 7 de outubro de 1997, quando da sua posse na referida Academia de Letras mais antiga do país, passando a ocupar a cadeira de número dezoito, cujo patrono é José Cardoso de Moura Brasil (1846-1929). E o discurso de saudação à juvenilíssima imortal fora proferido pelo então Presidente da Academia: Artur Eduardo Benevides.

Nesse átimo de rememoração da conquista feminina no âmbito literário, até então com número diminuto de mulheres ocupando cadeiras em Academias de Letras em nosso país, relevante não apenas para nossa Angela, vale aludir que a primeira mulher a ocupar uma cadeira na ACL fora Alba Valdez (1874-1962), e o ano de sua posse fora 1922.

Em parceria com o excelso crítico literário Sânzio de Azevedo, publicou *Iracema – lenda do Ceará – 140 anos*, obra em homenagem ao centésimo quadragésimo aniversário do romance alencarino, em 2005, e em edição considerada “de luxo”, pois recebera edição bilíngue, exibindo a obra traduzida para a língua francesa, por Philéas Lebesque (1869-1958), que havia sido publicada em Paris no ano de 1928.

No ano de 2007 publicara a obra *Tributo a Moreira Campos e Natércia Campos*, em parceria com a congreira da ACL, professora e pesquisadora Vera Moraes. Também com a escritora Vera Moraes, publicou a obra intitulada *Homenagem aos 60 anos de Clã – Revista de Cultura*.

Em 2008, em parceria com o pintor Estrigas, publicou a obra *Bandeira: verso e traço*, em que apresentam 51 poemas e 05 desenhos do célebre pintor cearense Antônio Bandeira³⁰ (1922-1967), um dos maiores artistas do Brasil. Também em 2008 a nossa Angela teria outra grande emoção e reconhecimento de seu trabalho literário: a adaptação de *O Mundo de Flora* para o teatro, realizada pelo diretor Jadeilson Feitosa.

³⁰ Pintor cearense extremamente relevante no universo artístico, e reconhecido nacionalmente, tendo sido um dos fundadores da Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP), basilar para a afirmação da Arte Moderna no Ceará. Teve origem em 1941, com Mário Baratta (1915-1983), no Centro Cultural de Belas Artes (CCBA). Outros artistas plásticos relevantíssimos: Aldemir Martins (1922-2006), Barbosa Leite (1920-1996) e o supracitado Antônio Bandeira (1922-1967). Descartes Gadelha (1943) e o casal de pintores, Estrigas (1919-2014) e Nice Firmeza (1921-2013), foram outros grandes expoentes do movimento.

Em 2010, quando do relançamento da notável obra de crônicas de Otacílio de Azevedo³¹ (1892-1978), *Fortaleza Descalça*, Angela fizera o texto de apresentação, intitulado *Fortaleza Descalça – os vestígios do passado e os signos da modernidade que Otacílio de Azevedo registrou*, totalizando 14 páginas. Como grandiosa pesquisadora dos tempos idos da Cidade de Fortaleza, é ensaio para ser lido e relido, sem cessar.

Fora homenageada, no dia 8 de março de 2019, quando dos trinta anos do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC, o nosso PPG-LETRAS, do qual fora Coordenadora-fundadora, tendo sido oradora da solenidade.

O ano de 2019 foi extremamente promissor para nossa Angela, tendo recebido muitas outras condecorações, como o Título de Professora Emérita da Universidade Federal do Ceará (UFC), em 09 de agosto de 2019, e a proposta para concessão do grandioso título partira da amiga e docente do curso de Letras da UFC, Professora Odalice de Castro.

No dia 29 de novembro de 2019 recebera a Medalha da Abolição, maior Comenda do Estado do Ceará, e fora agraciada com a Medalha Antônio Martins Filho, concedida pela Academia Fortalezense de Letras (AFL), em 16 de outubro de 2019. Na solenidade de entrega da medalha, a acadêmica da AFL, da ACL e de outras Academias de Letras e Instituições artísticas, históricas e culturais da cidade, Grecianny Carvalho Cordeiro, fora a oradora oficial da premiação concedida pela AFL, e fizera a leitura do seu discurso exaltando as contribuições de Gutiérrez “à educação, à cultura, às letras e artes do município de Fortaleza, do nosso Estado e do Brasil.” (CORDEIRO, 2019, p. 277) e “por ser uma defensora da liberdade de pensamento, da democracia, da cidadania. (...) por ser uma guardiã do saber, da cultura e da arte” (CORDEIRO, 2019, p. 282-283).

No quinto dia de dezembro de 2019, no Palácio da Luz, recebera a Medalha de Mérito Cultural e Literário Cândida Santiago Galeno, concedida pela Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil (AJEB).

Demasiadamente acessível, quando do trigésimo aniversário de lançamento d’ *O Mundo de Flora*, ainda que estivéssemos no primeiro semestre da

³¹ Foi artista plástico, desenhista e poeta, nascido em Redenção - CE; imortal da ACL; pai dos ilustres pesquisadores: Sânzio de Azevedo (1938) (expoente da crítica literária cearense) e Rubens de Azevedo (1934), o Nirez (icônico colecionador de acervo fotográfico, fonográfico e fílmico do Estado do Ceará).

chegada da atroz epidemia de COVID-19, prontamente Angela aceitara meu convite para participar de uma *LIVE*, via Instagram, referente ao sublime aniversário da obra. Uma imensa parte do mundo estava tentando se resguardar em casa, temendo o horror que era o vírus SARS-CoV-2, e os eventos via *internet* passavam a ser imprescindíveis e amistosos, no meio do caos.

O evento rendera um público numeroso e muito participativo, prioritariamente composto por estudantes do Ensino Médio e de cursos de Licenciatura em Letras, da cidade de Fortaleza e do interior do Estado. Eis o *card* do nosso evento, que fora oportunidade de cultivar sonhos e a esperanças de tempos melhores:

Figura 18 – *Card* convidando para a *LIVE* que eu realizaria, via Instagram, entrevistando Angela Gutiérrez, em 13 de junho de 2020.



Fonte: Cartaz feito pelo meu primogênito, Nicolás Brito Gurgel Correia Dutra.

Tratamos, no bate-papo cibernético e cultural, acerca dos espaços fortalezenses d’*O Mundo de Flora*, equivalendo a uma grande incursão, através do despertar do imaginário coletivo, aos casarões, às praças e aos tálburis dos tempos já tão distanciados, e para sempre belos. Explanara acerca das suas raízes familiares, sobretudo da honra de ter sido bisneta do fundador da Academia Cearense de Letras (ACL), a pioneira do Brasil, em 1894, e o quanto fora engrandecedor ter sido criada rodeada de profusão de livros, propulsores de sua verve artística. Também discorrera acerca da missão extraordinária de estar à frente da presidência da ACL. Dera dicas

para o(a)s novo(a)s escritore(a)s continuarem incessantemente com suas canetas e teclados, sempre mostrando aos amigos, parentes e professores, de modo a se aperfeiçoarem e publicarem.

Ainda no fatídico primeiro ano pandêmico, precisamente no dia 4 de novembro, Angela participara de outros eventos remotos, como o promovido pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM) - UECE - *Campus* de Limoeiro do Norte, tratando acerca d'*A Criação de Flora e seu mundo*, conforme será apreciado a seguir:

Figura 19 – Card de divulgação da palestra, via *Google Meet*, de Angela Gutiérrez na FAFIDAM-UECE.



Fonte: Card criado pelo setor de comunicação da FAFIDAM – UECE.

Fora a ilustre autora convidada para fazer o encerramento do primeiro Evento realizado pelo Curso de Letras do IFCE - *campus* Tabuleiro do Norte: *I Jornada de Letras*, tendo sido a homenageada da Mesa Redonda intitulada: *O 30º. Aniversário do romance “O Mundo de Flora”: percursos, memórias*, no dia 6 de novembro de 2020, com apresentação e mediação, na modalidade *online*, de minha pessoa, à época docente do IFCE - *campus* Itapipoca - e da professora Ritacy Azevedo, do IFCE -

campus Tabuleiro de Norte. Foi um dos grandes alentos para a supracitada comunidade acadêmica naqueles tempos de perdas, materiais e imateriais, devido à avassaladora pandemia.

Figura 20 – Angela Gutiérrez sendo homenageada no encerramento da I Jornada de Letras do curso de Letras – IFCE campus Tabuleiro do Norte.



Fonte: *Print* realizado por mim, enquanto mediava a palestra com Angela Gutiérrez. Dividem a tela conosco a Professora Ritacy Azevedo e a intérprete de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Quando do evento institucional anunciado acima, a coordenadora do curso de Letras do IFCE tabuleirense, Professora Cristiane da Cruz Santos (que não está na imagem acima), foi icônica organizadora do supracitado Evento - que oficializava a primeira turma de Licenciatura em Letras - e fizera belíssima ode à ilustre convidada, não tendo sido presencial porque estávamos todos em restrições sanitárias, a fim da manutenção das nossas existências, diante de doença tão atroz.

Ainda na esteira da ilustre participação em eventos literários no universo *online*, Gutiérrez promovera, em 17 de novembro de 2020, enquanto Presidente da ACL, em parceria com a Escritora Lurdinha Barbosa, então Diretora Cultural da ACL, primoroso evento, via *Google Meet*, às 19h, o evento intitulado “Acadêmica Rachel de Queiroz: 110 anos de nascimento e 90 anos de publicação do romance *O Quinze*”, com as conferencistas: Professora Aíla Sampaio, Jornalista Regina Ribeiro e a Professora Cleudene Aragão.

Dinâmica autora, também no desafiador 2020, fizera apresentações de obras, como a *Osmundo Pontes 100 anos – entre a toga e a crônica*, de Eliézer Rodrigues, com o ensaio *Centenário de Osmundo Pontes, o Acadêmico Viajor*, e

acerca de José Alcides Pinto (1923-2008), através do ensaio intitulado *José sem medo*, presente na obra *Poemas Escolhidos* - José Alcides Pinto.

No dia 19 de novembro de 2021, ainda com restrições sanitárias - nacionais e internacionais - em combate ao COVID-19, mas com possibilidade da ocorrência de eventos no modo presencial - com limitação do número de pessoas e obrigatoriedade do uso de máscaras protetoras contra o novo coronavírus -, Angela fora homenageada pela Loja Maçônica de Fortaleza com a outorga da “Comenda Farias Brito”, do Jubileu de Prata da Arcádia moderna: Academia Maçônica de Letras do Estado do Ceará. Em sua homenagem houve a apresentação do Grupo de Cordas da UFC, que tocou *Carinhoso*, de Pixinguinha (1897-1973), em alusão à primeira intertextualidade musical de *O Mundo de Flora* e por ser canção de extrema predileção da nossa Gutiérrez.

Figura 21 – Angela ladeada pelo esposo, Dr. Oswaldo Gutiérrez, e pelo neto, Oswaldo Neto, antes de irem à premiação que ela receberia na Academia Maçônica de Letras do Estado do Ceará, em 19 de novembro de 2021.



Fonte: Fotografia do acervo da autora, Angela Gutiérrez, a mim enviada, via *whatsApp*, em 25 de novembro de 2021.

Do lado esquerdo de Oswaldo Neto está o imponente quadro com a pintura do Pai de Angela Gutiérrez, um dos seus maiores amores de toda a vida. A obra de arte em destaque lhe fora presenteada pelo próprio genial artista: Descartes Gadelha (1943).

Segue, abaixo, fotografia na qual há nitidez do quadro que lhe fora presenteado pelo amigo pintor, em homenagem ao seu cultíssimo papai, Luciano Mota, tendo sido feita a entrega depois do seu falecimento, ocorrido em 2004.

Figura 22 – A pintura de Descartes Gadelha em homenagem ao pai de Angela Gutiérrez.



Fonte: Fotografia enviada por Angela Gutiérrez, via WhatsApp, em 24/10/23.

Podemos apreciar, além do exuberante e afetuoso quadro, um pouco do gosto de Angela por santos e flores.

Organizadora de obras literárias, conferencista, prefaciadora, incentivadora de escritores iniciantes, notadamente elegante, autêntica, presente em eventos com jovens universitários sedentos por Arte e Cultura e em eventos artísticos figurando em colunas sociais, Angela dedica e destina o seu sorriso, seus saberes e a sua amabilidade de modo igual a todos os públicos.

Literata de alta grandeza, mulher, cidadã e beletrista alheia ao discurso vazio e repetitório, é legítima humanista e sensível às dores dos desvalidos de nossa cidade. Por tudo isso, tem a autenticidade e a liberdade para, em quaisquer situações, externar seu repúdio aos tão presentes discurso de ódio em nosso país.

É estudiosa e palestrante acerca de magistrais escritores, a citar alguns de sua predileção: Machado de Assis; José de Alencar; Mario Vargas Llosa; Jorge Luís Borges; Euclides da Cunha; Moreira Campos; Natércia Campos, Artur Eduardo Benevides e José Alcides Pinto, e de pintores, a citar apenas alguns: Antônio Bandeira, Nilo de Brito Firmeza (Estrigas), Maria de Castro Firmeza (ou Nice Firmeza, esposa do Estrigas e também extraordinária artista plástica) e Descartes Gadelha.

Evidenciando o casal de pintores, Estrigas (1919-2014) e Nice (1921-2013), Angela Gutiérrez fora vizinha e muito amiga deles, no bairro do Mondubim, O sítio em que ela morava (metaforizado no sítio de Matosinhos, em *O Mundo de Flora*) não existe mais, e o deles é, hoje, o Minimuseu Estrigas³².

Gutiérrez recebeu o Diploma Estrigas, concedido pela Secretaria de Cultura (SECULT-CE) e pelo supracitado Minimuseu Firmeza, pelas contribuições na preservação, memória e divulgação da cultura do Estado, em 19 de setembro de 2019, quando das comemorações do centenário de nascimento do artista. E ainda proferira a célebre palestra, no Porto Iracema das Artes, intitulada “Estrigas e Nice no território mítico do Mondubim e nas Artes do Ceará”, em 26 de setembro do mesmo ano.

Valorizadora da excelsa produção artística da amiga Nice Firmeza, Angela Gutiérrez publicara artigo - em homenagem à pintora - no caderno *Vida e Arte*, do Jornal *O Povo*, que elaborara a manchete: *Tessituras para Nice Firmeza: três olhares sobre a artista*. Angela, em parceria com as intelectuais também convidadas para esse projeto, Kedma Marque e Luiza Helena Amorim, tiveram seus textos publicados em 16 de julho de 2021, quando das comemorações pelo centésimo aniversário de Nice.

Atuante escritora e gestora cultural, como fora grandiosa professora do curso de Letras da UFC, muito tendo sido homenageada (e guarda carinhosamente as inúmeras placas e diplomas recebidos do seu tempo de docência), imortal das letras do Brasil, Gutiérrez pertenceu ao Conselho Estadual de Cultura e do corpo editorial da Editora da UFC.

³² Espaço cultural, artístico e ecológico, fundado pelo próprio casal, em 1969, segundo o sítio da internet: <https://www.minimuseufirmeza.org/>, e acessei em 25/10/23, às 21h. Seu endereço, no bairro do Mondubim: Via Férrea, 259. No dia 7 de outubro de 2023, em um sábado, por volta das 11h, fui visitar o Minimuseu Firmeza. Só o apreciei pelas grades dos portões. Pude atestar que o espaço está carecendo de maiores cuidados com a limpeza, e estava fechado, embora seus dias de funcionamento sejam de quinta a sábado, de 8h às 17h. Não pude conferir, portanto, seus importantes acervos de artes plásticas, e são mais de 500 obras expostas em 3 salas, segundo a página divulgada acima. E contemplei, ao longe, o imponente, histórico e belo baobá, e outras lindas e imprescindíveis árvores. Conferi ainda, nitidamente e com muita tristeza, que o enorme terreno, à direita do Minimuseu, já fora todo desmatado e está sendo iniciado, provavelmente, complexo de casas.

Em breve será publicada a obra *Viagem ao mundo de Flora*, que está sendo organizada por uma equipe muito especial de pesquisadoras, projeto iniciado pelas “Angeletes³³ geração 1.0”, como carinhosamente são chamadas: Cleudene Aragão, Inês Pinheiro, Eleuda de Carvalho e Vania Vasconcelos, e que - em breve - terá ampliação nessa parceria, recebendo uma “Angelete” da “geração 2.0”.

Reiterando a alusão às “Angeletes geração 1.0”, eternizo aqui relevante fotografia de Gutiérrez com suas ex-alunas do curso de Letras da UFC e, hoje, grandes amigas:

Figura 23 – Angela Gutiérrez e as quatro “Angeletes geração 1.0”.



Fonte: Fotografia cedida pela própria autora, em 23/10/23. Da esquerda para a direita: Vania Vasconcelos, Cleudene Aragão, Angela Gutiérrez, Eleuda de Carvalho e Inês Cardoso.

³³ Neologismo formulado pelo saudoso pai de Angela Gutiérrez, Luciano Mota, devido ao fato de serem Orientandas e muito fãs dela.

3 CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS NA ABORDAGEM D'O *MUNDO DE FLORA*

No presente capítulo, é fulcral ser evidenciada que a pesquisa possui diapasão qualitativo e que, quase em ato epifânico, surgiu a necessidade de associar – com verticalidade – *O Mundo de Flora à fenomenologia de Gaston Bachelard* (1884-1962), filósofo, poeta francês e professor da Sorbonne Nouvelle University (Université Sorbonne Nouvelle – Paris III), convergindo para sua essencial obra *A Poética do Espaço*, publicada em 1958³⁴.

Devido à espacialização d'*O Mundo de Flora* ser predominantemente referente a um casarão, fincado no Centro de Fortaleza, e a um sítio, localizado na distante Matosinhos, o nome alegórico do bairro do Mondubim, e estruturado em *flashes* da memória e do imaginário da condutora-mor da trama, Flora Fernández, que está em plena década de 1980, resgatando esses e outros lugares do período finessecular oitocentista, também veio à mente associar os espaços angelianos à luz da topoanálise de Bachelard, conforme estudaremos no subcapítulo 2.1.

Também tomaremos por base os estudos dos professores, listados em ordem alfabética, Fernando Gutiérrez Hernández, Oziris Borges Filho, e Tiago Vieira Cavalcante, que revisitam - em importantes pesquisas e publicações - a supracitada teoria topoanalítica bachelardiana, como destacaremos no subcapítulo 2.2.

Discorreremos acerca d'*A Poética do Espaço* após leitura e análise dos excertos que foram escolhidos e que serão exibidos para a composição do presente capítulo. Ratificamos que, merecidamente, não raro Bachelard é estudado por incontáveis outras autorias, por todo o mundo, em artigos, ensaios, monografias, Trabalhos de Conclusões de Cursos (TCC's), dissertações e teses, no mundo analógico e no cibernético, devido ao seu grau de imprescindibilidade filosófica, epistemológica e poética, diante da revelação da minudência dos espaços, em quaisquer dimensões, a nos fazer direcionar mentes, olhos e corações à cena intrigante, por exemplo, da “luta da trepadeira contra a parede de pedra.” (BACHELARD, 1978, p. 303) ou a nos alertar que “vida longa” haveria se “na casa, cada manhã, todos os objetos pudessem ser refeitos por nossas mãos”, se “saíssem

³⁴ Mas a edição que escolhi foi a tradução do ano de 1978, da coleção *Os Pensadores*. Está elencada a obra nas referências bibliográficas.

de nossas mãos.” (p. 242), prestigiando atos genuínos e simples, lugares exíguos e até outrora considerados ínfimos.

As assertivas bachelardianas são penetrantes e operam, também, fenômenos em nossas inesperadas percepções e compreensões do mundo e do imaginário, como constataremos nos três fragmentos a seguir: “No reino dos valores, a chave fecha mais que abre.” (p. 244), “o homem, grande sonhador de fechaduras, encerra ou dissimula seus segredos.” (p. 245) ou que “O poeta, como tantos outros, sonha atrás da vidraça.” (p. 299)? Não é nossa pretensão emitir todas as respostas, porém cada vez percebemos o quão nós nos fechamos em nossas casas ou casulos; o quão fechamo-nos e fugimos das revelações e o quanto, embora quaisquer empecilhos, aspiramos ao nosso devir.

Através dessas nuances do lugar não-comum, bem como o das questões mais complexas imbricadas em nossa mente, facilmente recuperamos n’ *O Mundo de Flora* elementos há muito antecipados por Bachelard, contudo sem deixar de nos irradiar e de nos levar e elevar a um tipo de divã de psicanálise.

O que fazer diante de textos tocantes assim, transmissores de profundidades d’alma, verdades, inquietudes em nosso âmago, do introito à peroração, como nem todas as intelecções costumam produzir? Apenas senti-los, revistá-los sempre, e associá-los, de modo peremptório, a outras obras condizentes com o poético, o imagético e o reflexivo. Assim é *A Poética do Espaço*. Dela escolhi os aforismos³⁵ abaixo:

“Em nossas casas grudadas umas às outras, temos menos medo.” (p. 215);
 “Contra tudo, a casa nos ajuda a dizer: serei um habitante do mundo, apesar do mundo.” (p. 227); “O espaço habitado transcende o espaço geométrico.” (p. 227); “A casa remodela o homem.” (p. 228); “O ninho é a casa do pássaro”. (p. 259) “A casa alegre é um ninho vigoroso”. (p. 260).

Dos cinco excertos bachelardianos acima, em seus “vastos devaneios” (BACHELARD, 1978, p. 215) referentes à casa, podemos considerá-la um ser quase antropomorfizado e “habitante do mundo”, e que até nos ajuda a suportar “esse mundo”, deixando claro que o exterior não era amistoso como o estar nela, salvaguardada por ela. Redefinira o “ser” chamado “casa” como sendo “ninho” e “vigoroso”, assim como “remodelador” dos indivíduos.

³⁵ Gênero textual que apresenta, essencialmente, frase concisa considerada uma definição acerca do tema que estiver sendo abordado, emitindo um preceito moral, significado denso, requerente de atenção, sensibilidade e releitura.

Ainda quanto ao reiterado espaço-casa dos trechos acima, é deveras condizente com *O Mundo de Flora*, sobretudo porque o casarão do Bisavô, moradia da infância de Flora Fernández, sua “casa natal”, era o reduto das suas melhores reminiscências e reveladora de um tempo jubiloso, como se a casa (ou o Casarão do Tomé Romeu) fosse um “ser, sólido na memória” (BACHELARD, 1978, p. 216), inexorável, transmitindo continuamente aconchego e segurança, transcendendo, de fato, o “espaço geométrico”.

Devemos destacar outros excertos de Bachelard para novas análises:

“Subir uma escada de quatro degraus, que felicidade para os músculos!” (p. 214); “Quando volto a sonhar nos sótãos de outrora, não desço mais.” (p. 214); “Os elevadores destroem os heroísmos da escada. Já quase não há mérito em morar perto do céu.” (p. 214); “As casas dos homens formam constelações sobre a terra.” (p. 219)

Salientemos, em interação com os quatro excertos supracitados, que os elementos arquitetônicos que lhes são pertinentes, a citar: “escada”, “degraus”, “sótãos”, “elevadores” e “casas” têm em comum algo de proteção ao homem e até com exagero, como quando os elevadores entram em ação, e não são mais necessárias as escadas, e não fortalecendo mais os músculos do(a)s seus(suas) moradore(a)s, tirando o “mérito” de se morar em andares muito elevados, e exhibe encantamento e poeticidade, como o conjunto de casas, vistas do alto, sendo “constelações”.

Depois de realizadas as leituras dos artigos dos professores anteriormente citados, Fernando Gutiérrez Hernández e Oziris Borges Filho, em ratificação e também acréscimos feitos a preceitos bachelardianos iremos, no subcapítulo 3.1., apresentar suas contribuições para a análise dos espaços, sempre guarnecido do puro lirismo.

Apoiamo-nos, para a consecução da pesquisa, nos conceitos basilares da Geografia Literária. Para isso, fizemos aprofundada análise da obra do professor doutor da Universidade Federal do Ceará (UFC), Tiago Vieira Cavalcante, *Geografia Literária em Rachel de Queiroz*, equivalendo à sua tese de Doutorado, realizado na Universidade Estadual Paulista (Unesp).

As autoras fortalezenses e icônicas, Rachel de Queiroz (*in memoriam*) e Angela Gutiérrez, têm seus espaços - geográfica e poeticamente - bem representados e delineados, respectivamente, e de modo principal, Quixadá-CE e Fortaleza-CE.

E estilo narrativo ou a estilística literária angeliana, em *O Mundo de Flora*, claro, também fora apreciado com apuro no presente trabalho, sobremaneira ao serem evidenciados no subcapítulo 4.4 da presente dissertação, possibilitando maior veridicção com o discurso regional, condizente com indubitável cearensidade, por exemplo.

3.1 A toponálise de Gaston Bachelard

A casa é um instrumento de toponálise.
(BACHELARD, 1978, p. 228)

Há expressões recorrentes n'A *Poética do Espaço*, como "Imagens poéticas" (p. 190), "espaço poético da imagem" (p. 191) e "imaginação criadora" (p. 192), defensoras da premissa de que, realmente, a "imaginação imagina incessantemente e se enriquece de novas imagens" (p. 196). Para Bachelard, é essa riqueza do "ser imaginado" que se quer explorar, e defende que a **toponálise**, realizada por quem se interessa pelo "estudo da imaginação", ou seja, pela "fenomenologia da imaginação poética" (p. 188), "a imagem isolada, a frase que revela, o verso, ou às vezes a estância, ou a imagem poética que brilha, formam *espaços de linguagem*". Espaços esses, defendidos por ele, que deveriam ser estudados. (p. 191, grifo nosso).

Para Bachelard, toponálise é o estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima, enaltecendo o interior das casas (e, sobremaneira, do espaço na obra literária). Quaisquer casas (do âmbito literário e que acabam por ganhar atenções especiais em nossas casas reais/ lares), aliás, podendo ser uma choupana, casa de gente, ou uma carapaça, casa de bicho, e as casas dos objetos, como gavetas, armários e cofres.

São desse fundamental estudioso do imaginário as inquirições a seguir, e que promovem certa proximidade com a obra romanesca gutierreana, ao propor, n'A *Poética do Espaço*, a "topografia de nosso ser íntimo" e "imagens da intimidade", ao apresentar o "problema da poética da casa". E prossegue: "como aposentos secretos, aposentos desaparecidos se constituem em moradias para um passado inesquecível? Onde e como o repouso encontra situações privilegiadas?" (BACHELARD, 1987, p. 196)

E aqui, na presente pesquisa dissertativa, faremos tal estudo fenomenológico, pois subitamente tais percepções e valorizações das minudentes aparições poéticas dos espaços, dos painéis imagéticos traduzidos pela linguagem narrativa, em nível macro ou diminuto, sendo uma “casa”, uma “gaveta” ou uma “concha”, como Bachelard defende, constatei em *O Mundo de Flora*, e carece de maior atenção e verticalidade.

A casa grande, ou melhor, o casarão do Bisavô de Flora Fernández, fez-se acionado, automaticamente. E toda uma “integração psicológica” da narradora aos seus antepassados, em reminiscências, e aos seus coabitantes do tempo presente, como o esposo e funcionários de sua residência, também toca na “estrutura da nossa alma.” (BACHELARD, 1987, p. 196)

Ainda que não fosse uma edificação abastada a de Flora, haveria igualmente o porquê da apreciação profunda, pois teorizara Bachelard, que até o “mais sórdido dos refúgios, o canto, merece destaque.” (p. 286) Defendia, outrossim, que quanto mais simples fosse a imagem, maiores eram os sonhos. (BACHELARD, 1987, p. 287)

O pensador francês, tendo cunhado a topoanálise e dado ressignificação e lentes amplificadas às diversidades dos espaços internos, acabara por suscitar, também, certo confronto com a conectividade externa. Também havia prenunciado n’*A Poética do Espaço*: “O psicólogo, e sobretudo o metafísico, acharão esses circuitos de topoanálise bem inúteis.” (p. 286)

E vieram vozes discordantes em alguns pontos de sua teoria, como a do pesquisador, escritor e professor doutor da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFMT), Oziris Borges Filho. Segundo o estudioso brasileiro, a terminologia de Bachelard deveria ter alcance de sentido ampliado, indo além do “estudo psicológico” na abordagem sobre o espaço, carecendo abarcar as “inferências sociológicas, filosóficas, estruturais, etc”. Para ele, a vida social - nos âmbitos cultural ou natural -, mereceria igual destaque.

É o que propõe no artigo intitulado *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*, publicado no XI Congresso Internacional da ABRALIC - tessituras, interações, convergências -, na Universidade de São Paulo (USP), em julho de 2008, no qual ocorre a ampliação do sentido de apreciação do espaço no texto literário.

Antes de explicitarmos os adendos sugeridos pelo Prof. Oziris, vamos relembrar os dez capítulos norteadores d’*A Poética do Espaço*, de Gaston, e vale

aludir que a topoanálise e se imiscui neles: 1 - A casa. Do porão ao sótão. O sentido da cabana. 2 - A casa e o universo. 3 - A gaveta, os cofres e os armários. 4 - O ninho. 5 – A concha. 6- Os cantos. 7- A miniatura. 8- A imensidão íntima. 9 - A dialética do exterior e do interior. 10 - A fenomenologia do redondo. Bachelard, cientista e artesão da palavra, em todos os supracitados capítulos, analisa obras (como as dos geniais: Baudelaire, Rilke e Paul Valéry, e de outros nomes imponentes universais), em verso ou em prosa, e a partir delas, um universo de aforismos e intensas subjetividades é descortinado para nós.

Deve ser reiterado, pois, o preceito bachelardiano de que “alma e espírito são indispensáveis para estudar os fenômenos da imagem poética, em seus diversos matizes, a fim de que se possa seguir sobretudo a evolução das imagens” (BACHELARD, 1978, p. 186) Também defende que o registro poético correspondente à alma deve ficar em aberto para as nossas indagações fenomenológicas.

E mais: “A casa toma as energias físicas e morais de um corpo humano. Ela se curva sob a chuvarada, mas se torna inflexível” (p. 227)” e, mais que até antropomorfizar o espaço-casa, como visto acima, de tamanho enaltecimento à interioridade do espaço e à observância das questões psicológicas, para o pensador francês, o “fenomenólogo que quer viver as margens da função de habitar não deve seguir as seduções das belezas exteriores.” (p. 267)

No artigo de Oziris, são propostos três itens da topoanálise, de modo a abranger qualquer espacialidade representada em uma obra de ficção: 1. As funções do espaço; 2. Espaço e enredo e 3. Topografia literária.

Associando preceitos ozirisianos aos bachelardianos, percebemos que o enfoque maior do primeiro é para abrangências ou exterioridades, e o enfoque predominante, para Bachelard, são os espaços íntimos ou recônditos.

Para o pesquisador, arquiteto e mestre em Urbanismo Sustentável, Fernando Gutiérrez Hernández, revisitando a fenomenologia bachelardiana, a partir de sua *Poética do Espaço*, a premissa topoanalítica de Bachelard redefine concepções arquitetônicas e espaciais, suscitando diversas discussões para a promoção dos espaços e temporalidades, raízes da existência e fontes humanas para habitar esse mundo. E reitera que em uma edificação, por exemplo, convivem as funções da imaginação, memória e percepção para a criação de imagens que gravitam entre o real e o irreal.

As ideias acima foram extraídas do seu artigo intitulado *De la casa a los espacios Íntimos a partir de la descripción fenomenológica de Gaston Bachelard*.

Dessa maneira, em meio às relevâncias atestadas de os sujeitos se integrarem às ambiências e aos aspectos lúdicos e ineditistas que forem se configurando, é imprescindível a compreensão do espaço doméstico, por exemplo, como sendo o lugar emotivo e imaginário, possibilitando uma maior capacidade de se sentir um ser agente e pertencente, também, do mundo que nos aguarda do lado de fora.

Flora Fernández, em *O Mundo de Flora*, permite-nos compreender melhor o ideário de Fernando Hernández, pois estando no casarão ou no sítio, ambos restritos e, ao mesmo tempo, repletos de sensações, cheiros, pequenos desafios, pitos, sonhos e projeções do amanhã, por pinturas, fotografias e exemplos de vidas, as do tempo presente e as dos que já haviam partido.

A partir dessa sensação de completude, vem a *topophilia*, o sentimento de amor ao lugar, termo que descreve o espaço a partir dos afetos emanados de quem o habita. Flora mantinha essa relação topofílica, e - de certa forma – acabamos por nos sentir em semelhante elo afetivo. Com os espaços por ela percorridos e com os espaços de nossos lares e das casas de veraneio que também nos aguardam, certo ou tarde. Os espaços, mínimos que sejam, querem e precisam ser desvendados.

Nos excertos elencados abaixo, vemo-la (ou outras personagens igualmente topofílicas) em relação aprazível com seus espaços mais reservados:

Florzinha, numa **tarde preguiçosa de domingo**, achou-se sem ter o que fazer. Desenganada, **deixou-se ficar na varanda, olhando os caibros do telhado**. (GUTIÉRREZ, 2007, p. 46)

No **dia úmido**, depois de uma noite de muita chuva, as meninas amanheceram preguiçosas. Quando Zitinha chegou, as duas sentaram sozinhas nos degraus da frente da casa e ficaram caladas. **Mosquitinhos zonzos entravam nos olhos**.

A princípio, Flor fingiu não ver. **Depois, seu olhar parecia atraído como os mosquitos para as perebas da amiga**. (p. 87)

A menina **arrepiaava toda de gastura mas insistia. Passava outra vez os dentes do pente na parede caraquenta**. (p. 89)

Já velho, nas tardes em que levava **a cadeira de balanço para a calçada, dizia, olhando longe**, além do Passeio Público com suas grades de ferro, (...), **além do mar, além das jangadas, além do horizonte. Além**.” (p. 97)

Debaixo da mangueira, um vento tão suave... (p. 135)

As **copas das árvores** quase se encostavam, **parecendo um céu verde**. Fechava os olhos tentando **reconhecer os ruídos**.(...) Quando o carro parou, embaixo do pé de manga jasmim, **quase cumprimentou a mangueira**. (p. 151)

Desde ficar absorto contemplando caibros do telhado; sentir-se atraída pelo inusitado de as pernas da amiga terem muitas e fascinantes “perebas” e haver a atração do olhar destinado a elas, tal qual os “mosquitinhos zonzos” faziam; estar em situação promotora de “gastura” ou repugnância e mesmo assim continuar o ato, por testar suas sensações e tolerâncias; contemplar as simples e poéticas jangadas se perdendo na linha do horizonte, em amigos devaneios; valorizar o “vento suave” sob uma mangueira e ficar em apreciação das árvores frondosas que quase se abraçavam no céu, esverdeando-o, ensombreado-o, são átimos de extrema subjetividade e delicadeza, condizente com o bem-estar que só a nossa topografia amistosa pode nos proporcionar.

E são essas associações entre o real, o imagético e o sinestésico que viabilizam a topoanálise d’*O Mundo de Flora*, assim como entrelaçamos a geograficidade do Casarão, de Matosinhos e da Cidade, envoltos por materialidades e imaterialidades, como nos disse (CAVALCANTE, 2019), e podendo assim ser delineada a geograficidade d’*O Mundo de Flora*, com “sedativo para dormir” (p. 7) e “queima de Judas” (p. 90); vivências e partidas; leitura e teimosia; zanga entre irmãos e menarca chegando; convite de casamento e buscas pelas “seriguelas de vez” (p. 78); estender a “roupa para quorar” (p. 78) e “caçar calango com baladeira.”(p. 114); “procissão em Matosinho”(p. 67) e tomar “chá com torradas” com a Vovó.

Ressignificamos, assim, os espaços vividos, sentidos, imaginados ou inventados de nossa Flora Fernández à luz das pequeninas, profundas e inesperadas moradias e suas parcerias que nos foram reveladas, lá no introito de toda a análise, quando da viagem primeva à *Poética do Espaço*, de Gaston Bachelard.

3.2 A cidade de Fortaleza, basilar n’*O Mundo de Flora*, apreciada em outras relevantes obras

Era linda, Fortaleza, não obstante ser tão pobre e andar, ainda, descalça... (AZEVEDO, 2010, p. 40)

A cidade de Fortaleza, tão exaltada por nossa Gutiérrez, ou melhor, por sua enunciatória Fernández, recebendo reforços líricos quanto aos seus espaços e suas belezas, também fora mote para muitas outras produções artísticas, através de poemas, canções e pinturas, realizadas por outros talentosos e telúricos artistas da palavra, em prosa e em verso, ou das paletas, telas e pincéis. E através das lentes das máquinas fotográficas.

Nesse subcapítulo é premente que sejam evidenciadas outras obras e outras autorias voltadas para a cidade de Fortaleza ou aos valores cearenses, e iniciaremos com destaque às canções: *Mucuripe*, de Belchior (1946 - 2017), em 1970; *Terral*, de Ednardo (1945), em 1973, e *No Ceará é assim*, de Fagner (1949), em 1991. Não poderíamos prescindir, claro, do *Hino de Fortaleza*, de 1957, baseado no poema de Gustavo Barroso (1888 - 1959), e com música do maestro Antônio Gondim (1924 - 1982). Dele transcrevemos a estrofe a seguir:

Canta o mar nas areias ardentes
 Dos teus bravos eternas canções
 Jangadeiros, caboclos valentes
 Dos escravos partindo os grilhões. (BARROSO, 1957)

Assim como destacamos elementos telúricos cearenses no quarteto acima, a citar: “mar”, “areias”, “Jangadeiros”, “caboclos valentes”, aludindo até ao tom emancipatório da libertação dos escravizados no Ceará (fato ocorrido em 1884) no verso final: “escravos partindo os grilhões”, também em poemas do poeta romântico cearense Juvenal Galeno (1838-1931) reiterados são os versos exaltando pescadores e jangadeiros, valorizando lendas, tradições, usos e costumes das gentes mais simples da Terra Alencarina. Na peça *A Rosa do Lagamar*, de Eduardo Campos, publicada em 1965, há intertextualidade com o icônico Juvenal Galeno, em alusão ao “mar”, ao “Mucuripe, às “jangadas”, e conferiremos a seguir:

Maria – (Olhando para o lado em que devem entrar Severiano e a esposa. D. Julieta) A mulher é uma pose!

Severiano - (Entrando em cena, seguido da mulher) O local, filhinha, não poderia ser mais contemplado pela natureza. Veja o panorama que vamos ter da nossa casa! Avista-se o **mar... o Mucuripe... as jangadas...** (Declamando com afetação) “Minha **jangada de vela** – Que vento queres levar? Tu queres **vento de terra**, ou queres **vento do mar**?”

Julieta - Esses versos são horríveis!

Severiano - Mas não são meus! São **versos de Juvenal Galeno...** (Outro tom) Eles entram bem! **Que beleza! Procure entusiasmar-se, mulher!**

(CAMPOS, 2007, p. 113-114, grifos nossos, excetuando-se os negritos dos marcadores das falas das personagens).

Há um viés de criticidade, ao constatarmos que Julieta, que era “uma pose” só, indicando que era abastada, e não apreciava poemas, ou seja, deveria ser alheia ao que fosse artístico e mais inclinada a futilidades, e de comicidade, no trecho acima, quando da dicotomia de o marido ser empolgado com suas “declamações afetadas” e a esposa, só querendo saber da aquisição do terreno e construir casarão invejável, diante do mar, e rejeitando aqueles, segundo ela, “versos horríveis”.

Os moradores do Pirambu, por exemplo, são protagonistas das pinturas do artista cearense Descartes Gadelha (1943) - pintor e amigo de Angela, anteriormente aludido, no subcapítulo 2.1. -, retratando o cotidiano de miséria e abandono de parte de sua população desassistida, bem como as zonas de prostituição, suas protagonistas, agonias e abandono. Pertence a Descartes, também, exposição de pinturas realizadas no aterro sanitário do Jangurussu, em Messejana, no ano de 1989, não mascarando a situação desumana por que enfrentam famílias inteiras que vivem e se alimentam dos monturos repletos de urubus, chorume e enfermidades, comumente esquecidas pela sociedade cearense.

Na produção romanesca realista-naturalista, por sua vez, não se pode olvidar a obra basilar, *A Normalista*, de Adolfo Caminha (1867-1897), publicado em 1893, essencial na apresentação da Terra do Sol dos tempos pretéritos (e apresentando retirantes da cruel seca cearense de 1877; pedofilia; assédio sexual; estupro...) e dessa notável obra faz-se necessário excerto: “- **O Passeio Público** é um dos mais belos do Brasil e a cousa mais bem feita que o Ceará possui. Que vista, que magnífico panorama se aprecia da **Avenida Caio Prado**, à tarde! Nem o Passeio Público do Rio de Janeiro!”. (CAMINHA, 1985, p.66) Percebemos indubitável telurismo cearense no trecho acima, justamente de um dos maiores partícipes da Padaria Espiritual³⁶. *grifos nossos

³⁶ Foi o movimento literário cearense considerado o *Simbolismo Cearense* (1892-1898), ocorrido na cidade de Fortaleza, no período da *Belle Époque*, nas imediações da Praça do Ferreira, sobremaneira no Café Java. Era uma agremiação composta por rapazes das letras e outras artes, e alguns dos seus ícones foram: Antônio Sales, Lívio Barreto, Lopes Filho, Ulisses Bezerra, José Carlos da Costa Ribeiro Jr, Henrique Jorge, Temístocles Machado, Tibúrcio de Freitas e outros. Eis algumas obras essenciais para o aprofundamento acerca da Padaria Espiritual e outros movimentos literários, à luz das pesquisas do grandioso crítico literário Sânzio de Azevedo: *Literatura Cearense*; *A Padaria Espiritual 1892-1898* (síntese histórica); *A Padaria Espiritual e o simbolismo no Ceará*; *Adolfo Caminha – vida e obra*; e *Aspectos da Literatura Cearense*.

O romance *A Afilhada* (escrito em 1889 e publicado apenas em 1961), de Oliveira Paiva (1861-1892), também é revelador da nossa Terra Alencarina eivada dos ares provincianos e do costumbrismo europeu, e *A Fome*, de Rodolfo Teófilo (1853 - 1932), publicado em 1890. Do pioneiro contundente romance realista-naturalista, *A Fome*, foi extraído o excerto fornecido abaixo:

“(...) excepto seu primo Ignacio da Paixão, que vindo-se despedir para no dia seguinte **emigrar para a capital**, despertou em Freitas uma idéia que encheu-lhe o cérebro, se transformou depois em aspiração, e no fim de algumas horas em necessidade imperiosa.

A venda de escravos estava resolvida.

Ignacio da Paixão não partiria para a Fortaleza acompanhado da família e sim dos captivos, que lá seriam vendidos, e o produto empregado em viveres. Essa nova comissão, entretanto, não lhe adiará a partida, que seria na manhã seguinte.” (TEÓFILO, 1890, p. 12)

Um pouco da indubitável miséria do interior cearense à época da seca de 1877 pode ser constatada acima, e ainda nos deparamos com a terrível cena de escravidão, a “venda dos cativos”. O referido autor, tendo nascido baiano, era cearense em inexplicável essência e de coração, e retrata toda a crueza da seca que assolara o Ceará, em 1877, e apresenta a cidade de Fortaleza, em plena *Bella Époque*, como a única possibilidade de salvação para os seus retirantes em extrema petição de miséria.

Na obra de crônicas *Fortaleza Descalça*, de Otacílio Colares (1918 -1988), reencontramos ruas, escolas e praças da Fortaleza antiga, bem como sentimo-nos a passear com intelectuais da prosa, do verso, da música, das telas e com políticos daquele tempo longínquo e eterno. Obra essencial e que carece de trechos comprobatórios de seu olhar fortalezense, como em “Aí pelos idos de 1916, onde hoje é a **Praça José Bonifácio**, era a antiga Praça dos Coelhoos. Completamente coberta de areia e cheia de frondosos cajueiros, ateiras, mofumbos (...)” (AZEVEDO, 2010, p. 119). Além da *urbe* fortalezense em destaque por Colares, deve ser valorizada a menção às fruteiras existentes em nossa cidade naquele introito do séc. XX, conforme o excerto em apreciação. Outro fragmento de *Fortaleza Descalça* carece de apreciação “Antigamente, quando Fortaleza não tinha esgotos e quase não tinha calçamento, a não ser nas proximidades da **Praça do Ferreira**, era costume de quase todas as residências encher de detritos fecais enormes barris de madeira (...)” (AZEVEDO, 2010, p. 139, grifos nossos). Vimos a Fortaleza incipiente na questão do

esgotamento sanitário e com a ainda atual situação de privilégio, limpeza e conforto nas áreas mais abastadas, como citado que assim ocorria na Praça do Ferreira de “antigamente”.

A Praça e o Povo – homens e acontecimentos que fizeram a história da Praça do Ferreira, de Alberto Santiago Galeno, publicado em 1991, é assaz relevante para esse pequeno levantamento sobre obras, em variados gêneros artísticos, que possuem Fortaleza em protagonismo. Nela, há riqueza histórica, sob forma de crônicas, em relação aos frequentadores dos cafés e dos bares da Praça do Ferreira, gentes simples ou sofisticadas, “poetas boêmios”, apreciadores de “trovas” e também de algumas “cachaças” (GALENO, 1991, p. 71)

Ambientações fortalezenses também foram evidenciadas no romance *As três Marias*, de Rachel de Queiroz (1910 - 2003), publicado em 1939, e, claro, há alusões à cidade de Fortaleza no romance de estreia racheliana, em 1930, com seu célebre *O Quinze*, como percebemos em: “Mas foi em vão que Chico Bento contou ao homem das passagens a sua necessidade de se transportar a **Fortaleza** com a família. Só ele, a mulher, a cunhada e cinco filhos pequenos.” (QUEIROZ, 2011, p. 34) e no romance *Dôra, Doralina*, publicado em 1975, conforme constatamos no excerto: “Em **Fortaleza** a nossa chegada era uma festa. D. Loura com Osvaldina e até o telegrafista, tinham nos ido receber na Ponte Metálica, sem falar no (...)” (QUEIROZ, 1978, p. 87, grifos nossos), bem como nossa Cidade Alencarina figurava nas suas crônicas domingueiras publicadas no jornal *O Povo*, no caderno *Vida e Arte*.

Também apreciamos nossa Terra da Luz em crônicas de Pedro Salgueiro (1964), na obra *Fortaleza Voadora*, publicada em 2007, e dela extraímos o excerto a seguir, que fideliza algumas linhas de ônibus consideradas históricas no imaginário popular, e alude ao mais antigo cinema da Terra da Luz: “(...) peguei o Grande Circular e o Paranjana nas seis da tarde. Um amigo me conta do tio, (...) assíduo frequentador do Cine São Luís (...); outro retrata o magricela que pega o Parangaba-Papicu toda tarde (...)” (SALGUEIRO, 2007, p. 16) e em crônicas do escritor e médico psiquiatra Ailton Monte (1949-2012), como na obra *Moça com Flor na Boca* (que, assim como *O Mundo de Flora*, também fora listado para vestibular da UFC). De Monte devemos eternizar nessa pesquisa, por exemplo, excerto de sua crônica homônima *Moça com Flor na Boca*: “Em uma cobertura luxuosa da **Avenida Beira-Mar**, um marido (respeitado cidadão) espancou outra vez a mulher (...)” (2005, p.07), e no trecho da crônica intitulada *Figuras Urbanas*, da obra supracitada: “Todas as manhãs eu o vejo,

quando desço a Almirante Jaceguai rumo à **Avenida Raimundo Girão**, sentado no batente sujo de uma boate” (2005, p. 85). *grifos nossos

Urge salientar também a existência do romance *Aldeota*, de Jáder de Carvalho (1901-1985), publicado em 1963 e reeditado em 2003, graças às Edições Demócrito Rocha. *Aldeota* é um dos bairros mais nobres da cidade de Fortaleza e quanto a espaços de Fortaleza alheios à abastança burguesa, como as comunidades do Morro do Ouro, Lagamar e do Pirambu, nos vêm à mente a “A Trilogia dos Dramas Urbanos”, de Eduardo Campos (1923-2007): *O Morro do Ouro*, *A Rosa do Lagamar* e *A Donzela Desprezada*, e que comumente revelam os contrastes sociais e a consequente miséria dos seres desvalidos da nossa cidade.

Um pouco dessa discrepância social fortalezense pode ser observada no trecho abaixo, pertencente à peça *O Morro do Ouro*, de Eduardo Campos:

Madalena – (Calma). Esfrie um pouco, dona. E me diga agora; no jogo do bicho qual é o seu número?

Monitora – Grosseira! Vê-se logo de quem se trata. Respeite-me! Sou uma monitora das Assistentes da **Aldeota**. A senhora? Pode-se também saber quem é?

Madalena – (A Patrício). Diga-lhe quem sou, Patrício!
(...)

Monitora – Fale você mesma, sua intrometida?

Madalena – Está tão interessada assim? Pois se prepare. (incisiva). Eu sou a quenga do **Morro do Ouro**, a mulher mais falada da zona, fácil de ser cortejada, agarrada pelos homens... Entendeu?

Monitora – (Horrorizada). Estamos em Sodoma! (Às Assistentes). Ligeiro, meninas. Vamos embora. É fugir quanto antes desse antro de perdição. (Vai saindo acompanhada das moças). (CAMPOS, 2007, p. 39-40, grifos nossos).

Acima encontramos os pares antitéticos reveladores do abismo social: “Monitora da Assistência Social” x “Quenga”; “Aldeota” x “Favela d’O Morro do Ouro”; “moças” x “mulher da zona”. A peça é de 1973 e continua com denúncias das mazelas cidadinas bastante hodiernas.

Na obra poética *Poemas de Amor a Fortaleza*, de Artur Eduardo Benevides (1923-2014), publicada no ano 2000, através de versos rimados, vários bairros da nossa capital são citados e exaltados, os mais e menos abastados, como veremos a seguir:

Ai, de extrema beleza
 é a tarde em Fortaleza!
 Ela vem (clâmide infinita)
 (...)

E te amo, cidade tão minha,
 na Praça do Ferreira e na Prainha,
 na Maraponga, na Volta da Jurema,
 no Lagamar, na Praia de Iracema,
 no Otávio Bonfim, no Bom Jardim,
 na Gentilândia, no Pici, no Araturi,
 ou na Aldeota, em qualquer rua (...),
 Amo-te na Avenida Mister Hull,
 No Pirambu, na Praça Portugal,
 Na velha Cachorra Magra ou no Cocó,
 (...)

(BENEVIDES, 2000, p. 56-57)

Os versos arturianos acima apreciados reiteram o quanto Fortaleza é esse “clâmide”, esse “manto” plural e encantador, composto ricamente por bairros mais afastados e economicamente menos favorecidos, e não somente por bairros considerados elitizados. Nem precisamos deixar em negrito os lugares fortalezenses, pois são protagonistas em quase todos os versos da estrofe exibida.

Na obra *Mansões, Palacetes, Solares e Bangalôs de Fortaleza*, de Marciano Lopes, publicado no ano 2000, sentimos o impacto da passagem deletéria do tempo e as perdas patrimoniais da cidade de Fortaleza.

Fortaleza: seis romances, seis visões, de Caterina de Saboya Oliveira, também publicado no ano 2000, e vencedor do Prêmio Osmundo Pontes de 1998, apresenta indispensável contribuição aos estudos históricos, geográficos e literários da capital cearense

Não tendo sido possível elencar todas as obras de autores e de autoras que versam acerca da nossa Fortaleza, destaquemos, pois, as crônicas *Domingo à tarde* e *Domingo à tarde, outrora*, de Milton Dias (1919 - 1983), de sua obra *Entre a Boca da Noite e a Madrugada*, publicada pela primeira vez em 1971 e relançada em 2007, quando da inserção na então listagem de obras para o vestibular da UFC, em homenagem póstuma ao autor.

Não se pode prescindir do registro da obra *Um conto no passado: Cadeiras na calçada*, de Raymundo Netto (1967), lançada em 2005, e que, segundo a historiadora e escritora Leila Nobre, exhibe nossa Terra da Luz dos tempos pretéritos:

O importante nesse livro é a viagem que auto faz por uma Fortaleza que já não existe mais, começando por um tempo em que a Barão do Rio Branco se chamava **Rua Formosa** e em que as fachadas das casas apresentavam frontões, cimalkas, ‘jacarés’ na platibanda e arabescos que o tempo se

encarregou de devastar pelas mãos destruidoras dos seus moradores. (RAYMUNDO NETTO, 2005).

Como vimos acima, há similitude com a cidade de Fortaleza antiga, não díspar do que é fulcral em *O Mundo de Flora*. Deve ser aludido, também, que na obra organizada por Netto, intitulada *Álbum Fortaleza Ilustrada*, publicada em 2020, há uma crônica da autoria de Angela Gutiérrez, referente à Fortaleza dos tempos pretéritos: *A caminho da igreja*.

E através da arte fotográfica, a Praia do Mucuripe e seus mais relevantes atores, os pescadores e jangadeiros, da Cidade Alencarina, ganharam destaque através das lentes de Chico Albuquerque (1917-2000), tendo conseguido exposições até em Paris, em 2004 e 2005.

O bairro do Pirambu, por sua vez, foi protagonista na arte do desenho e da pintura genial pintor Chico da Silva (1910-1985), nascido no Acre, de mãe cearense com pai indígena peruano, mas que viera no final da infância para o Ceará e aqui ficara até sua jornada vital terminar. Criara o Ateliê do Pirambu, dera aulas de pintura a inúmeros adolescentes carentes e transformara positivamente, através da sua arte genuína, a vida de muitas famílias. Para sempre.

A cidade de Fortaleza, embora bastante estudada por diferentes campos disciplinares, entre os quais destacam-se a Geografia, a Sociologia, a História e a Filosofia, ainda carece de maior produção literária produzida por seus filhos no tocante ao cotidiano, ao costumbrismo, aos falares (de ontem e de hoje), às paisagens pretéritas e presentes e suas gentes, como fez e faz a autora Angela Gutiérrez, tendo ressaltada aqui sua produção romanesca *O Mundo de Flora*, e que também descortina nossa Fortaleza oitocentista em sua obra *Luzes de Paris e Fogo de Canudos*, publicado em 2006, em exercício de intratextualidade³⁷.

³⁷ Significa alusão ou espécie de diálogo entre obras de própria autoria.

4 QUE MUNDO É ESSE DESCORTINADO POR FLORA FERNÁNDEZ?

Ler *O Mundo de Flora* é adentrar um outro mundo, misto de realidade e ficção, alegrias e tristezas, vidas e mortes, sonhos e desesperanças, encontros e desencontros, de tudo um pouco, de que a mão de Angela se plenifica para recriá-los e nos presentear, escoimado do lugar comum. (MEDEIROS, 2008, p. 88)

Como vimos no capítulo 3 e no subcapítulo 3.1, Gaston Bachelard, Oziris Borges e Tiago Cavalcante nos apresentaram captações ou tentativas de reconfiguração dos espaços, literários e geográficos, em suas obras apreciadas. No presente capítulo, daremos atenção máxima não somente às impressões de Flora acerca do interior da casa do Bisavô ou quanto ao estar no sítio, distante do Centro, mas às suas vivências e considerações em outros espaços e em contextualizações díspares.

Faremos análises à guisa dos preceitos bachelardianos, mas sem olvidar as revisitações feitas por Oziris e Tiago, a partir da narratividade de Flora e de outras personagens, em espaços diversos e amplos, em mescla com outras gentes, cercada das inquietudes e dos júbilos típicos de quem dá relevo, por exemplo, a questões familiares, escolares, referentes à circunvizinhança e à atualização do cenário político e econômico.

Iremos, então, conhecer o MUNDO literário descortinado pela protagonista Flora Fernández: dinâmico, sensível e multifacetado. Mundo de canções, de livros e de ânsia de liberdade dos indivíduos, independentemente da idade, do gênero e da raça. E a escolha do léxico “mundo”, fundante do título, alerta para algo ainda maior do que apresentam os verbetes dos dicionários.

No *Novo Dicionário Aurélio*, “mundo” apresenta longo verbete, e fora escolhido o seguinte trecho: “Qualquer extensão, qualquer espaço, na Terra, e/ou os seres que habitam tal espaço; universo”. E, afinal, que mundo é esse apresentado pela narradora Flora Fernández? Marcado por zangas e brincadeiras pueris, superstições, tradições populares e estórias proferidas por tantos contadores e contadoras. Nele há, ainda, o *glamour* parisiense em plena Capital Alencarina dos últimos decênios do séc. XIX, afeita à *Belle Époque*, ao catolicismo, ao patriarcalismo, à educação aos moldes franceses e ingleses para meninas “elegantes e finas” e, peremptoriamente, brancas.

Mundo onde as edificações antigas têm prestígio, como o imprescindível casarão do Bisavô da narradora primordial, Tomé Romeu, e sua classicizante

memorabilia, em destaque para a estante imponente povoadas de livros espessos e canônicos, tornando a biblioteca um dos espaços mais fascinantes, desde tenra idade de Flora, e ratificados em sua fase adulta.

Mundo de peças em porcelana, prata e bronze, e de fortes e bem talhadas esquadrias de madeira das paredes redobradas, onustas de quadros e esculturas em aparadores e cômodas, e de pé direito bem elevados. Podemos constatar uma dessas edificações ainda existentes no centro, um casarão (que está com placa de ALUGA-SE), na rua Castro e Silva em cruzamento com a rua Floriano Peixoto. Devemos apreciá-la abaixo:

Figura 24 – Exmplar de um dos casarões ainda existentes no Centro de Fortaleza.

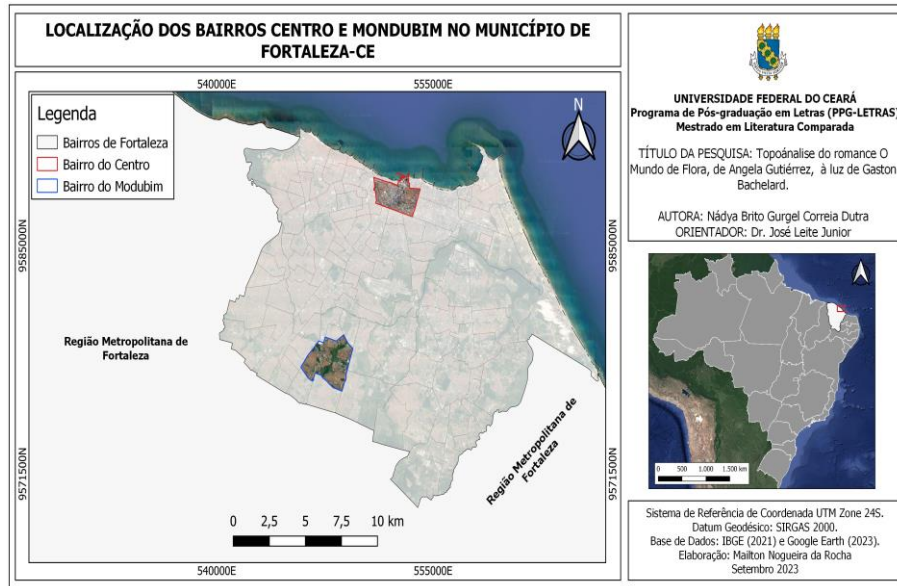


Fonte: Fotografia realizada por mim, em 18 de abril de 2023.

Caminhamos por suas calçadas, ruas e praças, apreciamos seus paralelepípedos, mormente por dois bairros fortalezenses, grandes e distantes um do outro, o Centro (comercial e histórico) e Mondubim, metaforizado na obra, sendo chamado de “Matosinhos” ou “Sítio de Matosinhos”. Fernández adorava estar lá, considerado mágico, com ares sertanejos, local verdadeiramente bucólico, equivalendo a uma viagem - e onde ela e a família passavam as férias, no fito de “respirar ar mais puro”, e em deleite sob as frondosas mangueiras. Para ela, ali era seu “território de ilusões.” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 182) Onde, também, descansava sob os pés de sapoti e neles subia, quando o “tronco” não “estava escorregadio”, garantindo “sapoti maduro” para encher o “bucho”. (GUTIÉRREZ, 2007, p.122)

Poderemos compreender essa “viagem” através dos três mapas a seguir:

Figura 25 – Mapa que exhibe a localização entre os bairros Centro e Mondubim.



Fonte: Mapa produzido pelo professor do IFCE - *Campus Quixadá*, Doutor em Geografia, Mailton Nogueira, em 2023.

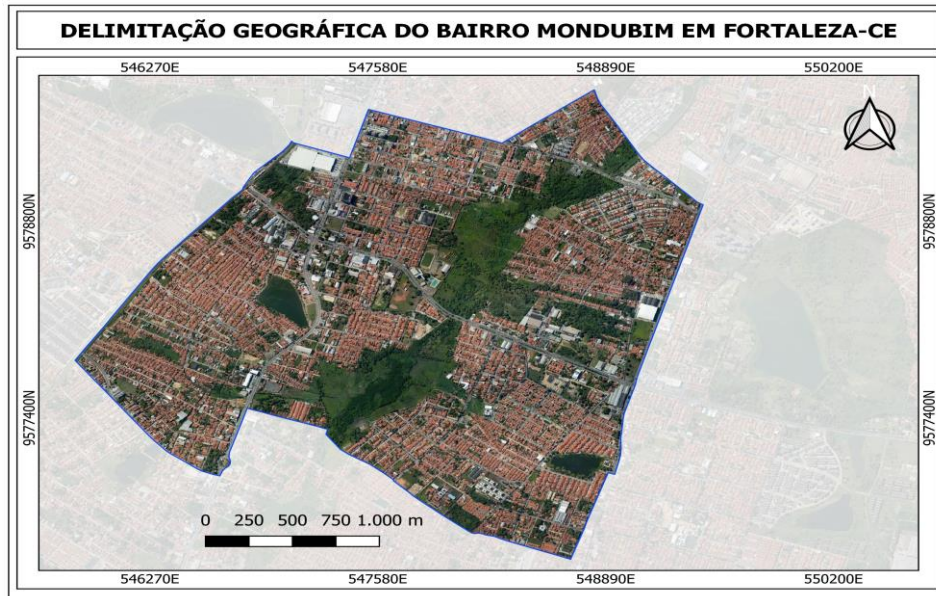
No mapa acima podemos perceber o quanto o itinerário de Florzinha e sua família era longo e despertava em nossa protagonista misto de emoções e expectativas diante daquele universo de profusão de riquezas naturais.

Figura 26 – O bairro Centro em delimitação geográfica.



Fonte: Mapa produzido pelo professor do IFCE – *Campus Quixadá*, Doutor em Geografia, Mailton Nogueira, em 2023.

Figura 27 – Delimitação do bairro Mondubim.

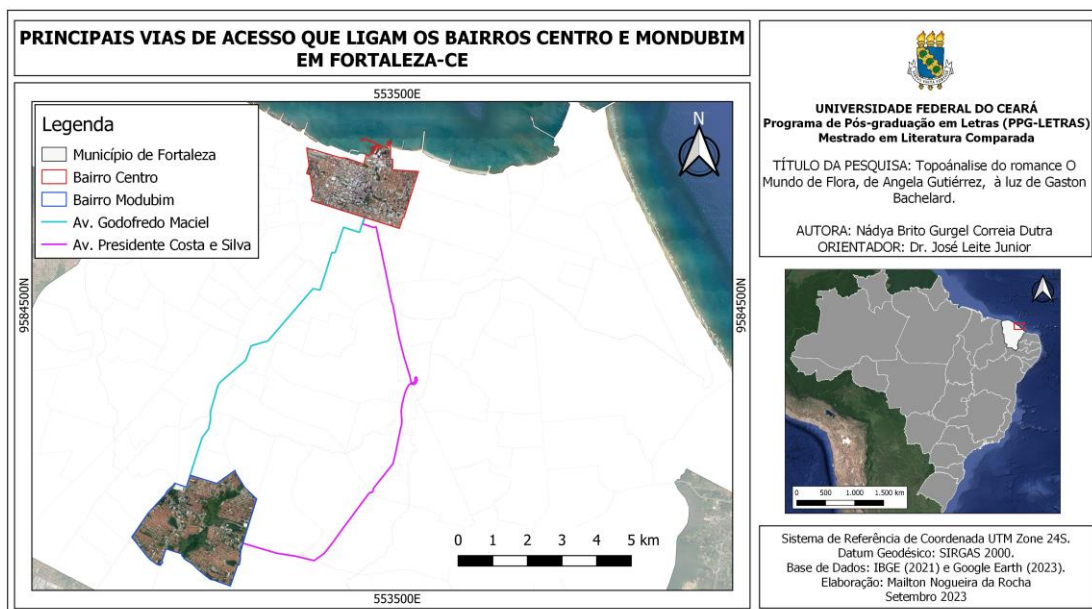


Fonte: Mapa produzido pelo professor do IFCE – *Campus* Quixadá, Doutor em Geografia, Mailton Nogueira, em 2023.

Angela Gutiérrez relata que cresceu ouvindo seu papai dizer que eram “duas léguas” de um bairro a outro.

E poderemos perceber um pouco melhor o itinerário que Flora, irmãos, pais e outros familiares faziam saindo do Centro até a chegada a Mondubim, e também há o retorno para casa. através da outra imagem, destacando as duas vias mais relevantes, como o mapa nos mostra a seguir:

Figura 28 – Vias principais de ligação entre o Centro e Mondubim.



Fonte: Mapa produzido pelo professor do IFCE – *Campus* Quixadá, Doutor em Geografia, Mailton Nogueira, em 2023.

Através da informação cartográfica acima, enfatizando os bairros da Parangaba e Maraponga, entre o Centro e Mondubim, teremos estabelecido um pouco da geograficidade recomposta pelo muito lembrar e narrar de nossa protagonista. E não há somente viagens ao “mundo fortalezensense”, mas também somos levados ao “mundo carioca”, às imersões à cidade do Rio de Janeiro finissecular oitocentista, sua *Art Nouveau* e demais encantos.

Muitos mundos em um só mundo. Mundo real e de devaneios. Do ontem e do hoje. No tempo e no mundo hodiernos, não mais havia o casarão nem tampouco o sítio, só enfermidades em um apartamento confortável. Um pequeno mundo de fármacos, carinho, lápis e papel. No subcapítulo 3.2, conheceremos um pouco das “enfermidades” e dos “fármacos” de Flora Fernández, e sua relação com “lápis e papel”. E já vos adianto que ela vivia em um mundo de grandes cuidados e afetos.

Deparamo-nos com espaços antigos intactos e vivazes, com crianças brincando livremente nas praças, muitas árvores pelos caminhos, rapazes trocando pilhérias nas esquinas, e bondes com suas gentes de todas as “dores e cores”, como nos diria Carlos Drummond de Andrade (1902-1987). Sentimos nostalgia e frustração - e, em muitos seres, logo surge a vontade de verter lágrimas de tamanho amargor - diante de incontestável transformação negativa na Cidade Alencarina dos tempos correntes, repleta de estacionamentos onde outrora havia casarões e árvores centenárias e platibandas escondidas por letreiros de lojas.

Memorialístico e imagético, o mundo de Fernández revela-se contributo “para a discussão e recuperação da memória das cidades, da memória dos lugares”, reiterando as palavras de Maurício de Almeida Abreu, professor e pesquisador do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e reitera o desejo do fim do “colapso do projeto de construção de uma sociedade nova e mais justa, dentre outras decepções”, conforme o historiador francês Jacques Le Goff.

E em meio a esse “colapso” de que nos alertou Le Goff, em sua celebrizada obra *História e Memória*, publicado em 1990, no mesmo ano de publicação do nosso *O Mundo de Flora*, Gutiérrez ainda nos apresentou outros mundos, - tornando o nosso, pessoal e intransferível, menos fatigante -, habilitados pelas profusas intertextualidades com obras literárias, nacionais e internacionais, com o pictórico e com o universo musical, bem como pelas inserções de outros gênero textuais no desenrolar do gênero predominante, o romance, e pelo resgate de valores,

multitemáticas, falares e costumes fartamente cearenses, ou melhor, eivados de cearensidade, capazes de (re)abastecer e robustecer questões identitárias com a nossa terra e a nossa gente.

4.1 O espaço de Flora Fernández

No desfile de carnaval, Flor ansiava pela passagem da rainha do Maracatu. Imponente, gentil, majestosa, ela parecia deslizar no asfalto. Movia a cabeça cumprimentando de um lado e do outro, na cadência tão triste dos tambores. (GUTIÉRREZ, 2007, p. 166)

Configurado pela espacialidade de ruas fortalezenses, como quando da apreciação de festa popular, encontradiça na epígrafe, ou pela espacialidade restrita do casarão do seu bisavô, Flora Fernandez nos possibilita realizar a toponímia dos recorrentes lugares, suas materialidades e suas imaterialidades, e nos provoca sensações legítimas da verossimilhança do estar, do olhar, do tocar, do ouvir. E sentimo-nos, assim, agentes desses itinerários não raramente poéticos e marcantes.

Ressaltemos, pois, que primordialmente Flora nos proporciona viagem à ambiência cidadina fortalezense oitocentista (com todo o seu *design* original das vias, obedecendo aos registros cartográficos dos urbanistas Silva Paulet³⁸ e Simões de Farias³⁹, e com sua arquitetura à guisa classicizante), visitando o elitizado Ideal Clube (fundado em 1931), igualmente caminhando pelo Passeio Público ou pela Ponte dos Ingleses (popularmente chamada de Ponte Metálica, nos tempos correntes), e recebendo, com eles, a mesma brisa que vinha do “Porto da Capital” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 11) ou quando tomavam o “curto itinerário da Sé” (a atual Catedral Metropolitana de Fortaleza, depois de quase 40 anos para ser inaugurada, desde a inserção da pedra fundamental, invalidando a “antiga Sé”), ou rumavam à “Matriz de São José” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 20)

Incansavelmente, então, os leitores realizam as idas ao “sítio de Matosinhos”, equivalente ao bairro de Mondubim, onde era “tudo tão claro e verde... lá no sítio, (...), a vida era mais solta.” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 65). Para isto havia um longo percurso a ser trilhado, que muito empolgava a meninada. Lá, as crianças brincavam livremente de “esconde-esconde, chicote-queimado - passarim no ninho,

³⁸ Português com ascendência francesa, que viveu de 1778 a 1837. Foi o autor do primeiro plano urbanístico de Fortaleza, em 1812.

³⁹ Autor da planta da cidade de Fortaleza de 1850.

cobra no buraco -, adivinhações, brincadeiras de rodas.” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 77) Eis, no anterior excerto, um pouco das brincadeiras infantis da Fortaleza de outrora. Qual ou quais ainda são conhecidas? E ainda encontramos as crianças de hoje com empolgação por “frutas de vez”?

Há, obviamente, muita (re)criação dessas ambiências, como o supracitado Matosinhos, e há outras que nos impressionam por suas veridicções, não raramente revestidas de ludismo e promotoras de intuições que instigam ainda mais a leitura desses e dos demais mundos de Florzinha – e fortalece a nossa capacidade criadora da obtenção dos nossos novos mundos intuídos também. Mas priorizaremos, nesse subcapítulo, em especial, os lugares reais, históricos, de modo a tentar analepses a tempos e espaços que só estão em álbuns, livros e museus.

Um pouco do Mondubim das primeiras décadas novecentistas poderá ser apreciado pela fotografia a seguir, cedida pela própria autora, na qual vemo-la em contato com a natureza circundante do verdejante lugar, aos dois anos de idade:

Figura 29 – Angela Gutierrez em Mondubim, aos dois anos de idade.



Fonte: Fotografia cedida pela autora, via *WhatsApp*, em 22/10/23.

Quase podemos sentir o ar puro daquele tempo, menos afeito à antropização ⁴⁰, como o desmatamento infrene e a poluição, com a qual - infelizmente - parecemos ter nos acostumado.

Começemos agora, pois, por uma rápida ida ao Centro antigo, e - de lá - estão vindo ou “vieram **comerciantes do mercado**, os **caixeiros dos armarinhos** (...), **senhoras de chapéu**, crianças na volta da escola (...)” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 20 - 21), outros se acomodam no seu **cabriolé**, passando “com cuidado a mão sobre a **aba da cartola**” (p. 145) e encontramos transeuntes na histórica Praça do Ferreira, diante da Coluna da Hora, sendo possibilitado, por exemplo, devido ao capítulo intitulado “o chapéu de miss Cobert”, que também nos fará visualizar Fortaleza anterior aos postes iluminados por eletricidade: “Como acomodar a mulher que para entrar nas casas dessa cidade tinha de baixar a cabeça, que para beijar as outras damas dobrava-se em duas? Diziam até que ela poderia acertar o **relógio da Coluna da Hora** só com o esticar do braço e que, no tempo dos **postes de lampião a gás**, teria de curvar-se se quisesse apagá-los.” (p. 32) E o piso àquele tempo não era com porcelanatos, como inúmeras residências de hoje, mas sim de “tacos” (p. 169, grifos nossos). Nossa cidade era uma Vila que foi prosperando.

(Re)construímos, pouco a pouco, o espaço urbano de Fortaleza de outrora e os detalhes que circundavam o cotidiano das pessoas, seus usos e costumes passadistas, como nos elementos em negrito dos excertos a seguir: “um caco de telha riscando o **mosaico do alpendre**” (p.83); “gamela de **louça**” (p. 33); “Quando os **lampiões de gás** começavam a iluminar a rua, (...)” (p. 57); “ruge-ruges de **saia de seda godé**, e seus **sapatos tressé** (...)” (p. 57); “- Flora, que a Maria Amélia me veja alguma mudas de roupa, **objetos de toilette**. Deixarei sobre a **mesa da biblioteca** uns poucos **livros que me hás de mandar.**” (p. 52); “às oito da noite, mal aguentava **jogar damas** com a mulher.” (p. 48); “Tomou o **chapéu e bengala** que a senha Maria Amélia(...)” (p. 58); “(...) vai vestir um deslumbrante **vestido de tule e rendas, rebordado de pedras**, e eu vou **dançar a valsa** com você” (p. 168); “Unia-se às crianças da redondeza para brincar no **coreto em forma de ferradura** e para debruçar-se na **fonte** onde molhavam as mãos (...)” (p. 63); “Tivera **educação severa.** (...) Para ir ao colégio, acompanhavam-no **dois pajens de confiança.**” (p. 50). E havia

⁴⁰ Estudada pela ciência da Antropia, é o resultado ou ato contra a natureza, com a intenção de modificá-la, comumente conseguindo degradá-la.

os “cortejos fúnebres” na Fortaleza: “A **carruagem negra com altos penachos puxada por cavalos de passo lento** seguia impassível.” (p. 224, grifos nossos).

Sentimo-nos, com os excertos acima, através do uso de uma linguagem um pouco mais rebuscada em alguns exemplos, e devido ao *modus vivendi*, alheio a televisores, celulares e calça jeans, em todos, em retorno à Fortaleza provinciana e, claro, se fazendo conveniente apresentar outro excerto, como outro aspecto, igualmente passadista e deveras poético: “As **senhoras enchapeladas** não cansavam de mirar um ponto distante do mar, talvez as **velas de uma jangada solitária** na linha do horizonte.” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 76 – 77, grifos nossos).

E onde era situado o Casarão dos antepassados de Flora Fernández, no centro de Fortaleza? Na rua 24 de Maio, vizinho à Phoenix Caxeiral, e ficava na esquina com a rua Guilherme Rocha. A casa havia sido doada ao Instituto Histórico e Antropológico do Ceará (IHAC) e depois devolvida, contudo, ainda hoje o supracitado Instituto possui móveis da época do seu Bisavô, Thomás Pompeu Filho (Figura 30), como a sua imponente - e quase lendária – estante altíssima repleta de clássicos a serem singrados. Poderemos conhecê-la a seguir, na Figura 31:

Figura 30 – Fotografia de Dr. Thomás Pompeu Filho, Bisavô de Angela Gutiérrez, um dos fundadores da ACL.



Fonte: Do acervo fotográfico da amiga Cláudia Queiroz, enviado para meu WhatsApp, em 23/10/2023.

Figura 31 – A célebre estante que fora do Bisavô de Angela Gutiérrez, hoje sendo uma das relíquias do Instituto Histórico e Antropológico do Ceará.



Fonte: Estante do Dr. Thomás Pompeu Filho. Fotografia autoral.

Enquanto os leitores apreciam *O Mundo de Flora*, o universo fortalezense se descortina, visitando o Passeio Público, a “Casa do Português”, no bairro do Benfica, na obra, e no bairro Damas, nos tempos correntes, como vimos no capítulo 2. Conferiremos nos excertos a seguir tais espaços históricos:

“(…) olhando longe, além do **Passeio Público** com suas grades de ferro, com suas esculturas pretensiosas – Vênus de Milo, o Discóbulo, Paulo e Virgínia, Vênus Banhista, Deus-Pã – além dos armazéns, além do mar, além das jangadas, além do horizonte, Além.” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 97).

“O Tônico sabia por acaso o que a outra estava dizendo? Não. A casa da filha da amiga pouco faltava para ser maior do que aquela tão **afamada casa do português, no Benfica**. Gabava-se de mundos e fundos. Queria que ela ficasse por baixo? De jeito nenhum. (p. 159, grifos nossos).

Não se poderia deixar de apresentar também outros espaços significativos e basilares da obra e da própria Cidade Alencarina, como a Catedral, a Ponte Metálica, Colégio Militar de Fortaleza e o Ideal Clube, presentes nos fragmentos abaixo, todos extraídos d’*O Mundo de Flora*:

Por que não deixar então para o próximo ano a comemoração de sua entrada na sociedade, inclusive *début* no **Ideal Clube**? (p. 185, grifo nosso).

“O viúvo de smoking, a morta de vestido longo, esvoaçando na brisa marinha do último réveillon **do Ideal Clube**.” (p. 203, grifo nosso).

“Igreja nova! Desde que se entendia por gente que via a **Catedral** em construção.”
(GUTIÉRREZ, 2007, p. 218, grifo nosso).

Alaíde convidou pessoalmente todas as amigas para a chegada do noivo que **vinha de navio** e ia, naturalmente, desembarcar na **Ponte Metálica**. (GUTIÉRREZ, 2007, p. 15, grifos nossos).

“Os alunos da **Escola Militar** esperariam pelo insigne professor (...), do portão de entrada à porta principal (...)” (GUTIÉRREZ, p. 57, grifo nosso).

Além da “Escola Militar”, presente no último excerto, o que coincide com o Colégio Militar, situado na Avenida Santos Dumont, no bairro da Aldeota, e fundado em 1919, também se faz presente no romance em apreciação, o também histórico Liceu do Ceará, como no excerto “Morava aqui em frente. Professor de Matemática do **Liceu**, o Professor Quadrado era conhecido entre a estudantada (...)” (2007, p. 29). Tal histórico estabelecimento de ensino fora fundado em Fortaleza, no centro da cidade, em 1845, por Thomás Pompeu de Sousa Brasil, o Senador Pompeu, e também trisavô de Angela Gutiérrez. *grifo nosso

O Patrimônio Imaterial do Ceará, como o Maracatu, que tivera introito oficialmente dos seus desfiles em 1936, na cidade de Fortaleza, também figura n’O *Mundo de Flora*, e logo vêm à mente (dos residentes ou bons conhecedores da Cidade Alencarina) as arquibancadas montadas na Av. Domingos Olímpio, no bairro do Benfica, muito próximo ao centro comercial de Fortaleza, para que a plateia possa prestigiar aquela arte popular, musical e dançante, e que já se apresentara em outros espaços fortalezenses, em tempos pretéritos, e devemos apreciar o seguinte fragmento do romance em análise:

“Nas tardes de terça de carnaval, que era quando os **maracatus** inauguravam os trajes novos, e nas manhãs de sete de setembro, a avó Linda arrumava as cadeiras e esperava os netos chegarem.” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 165 - 166, grifo nosso).

E não poderia ser prescindido o fascinante e regional Bumba meu Boi, como destacar no excerto a seguir:

“Junto ao pai e à mãe, a menina, puro olho e ouvido, assistia aos festejos. E veio o **Vaqueiro**, e veio o **Boi**, e veio a **Ema**.

O **Boi** levantava alto a cabeça de **lantejoulas** faiscantes, **parecia avançar para a plateia**, mas desviava a meio caminho.” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 76, grifos nossos).

Ao aludir e a exaltar o essencial folgado, o romance faz jus ao que disse o eterno escritor e pesquisador das riquezas culturais nordestinas brasileiras, Gilmar de Carvalho (1949 - 2001), em sua célebre obra *Artes da Tradição – Mestres do Povo*: “O bumba-meu-boi, dança dramática, (...), está em o todo país, o que evidencia a importância do gado na nossa formação. (...) O folgado assumiu várias conotações e as variantes atestam sua riqueza, seu enraizamento, e sua adaptação aos novos tempos e circunstâncias.” (2005, p. 78)

Estão presentes também as festividades do histórico Colégio da Imaculada Conceição⁴¹, “colégio de freiras”, com “escadarias imensas, longos corredores, uma escada em espiral” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 157), que promovia “quermesses” e organizava dois partidos, encarnado e azul, como veremos a seguir:

– É o encarnado! É o azul!

As duas rainhas, de um lado e do outro da mestra-de-classe, nem se olhavam. Última apuração da campanha.

– É encarnado! É o azul!

Flora olhava as amigas. Fitinhas encarnadas nos cabelos e na gola do uniforme, passaram o mês vendendo pontos de rifa, atormentando os pais, os tios, os avós, inventando mil maneiras de conseguir os óbulos – não é esmola, não, meninas – para as obras das vocações sacerdotais. (GUTIÉRREZ, 2007, p. 170)

E, saindo um pouco da atmosfera fortalezense, e nos direcionando ao distante Mondubim, ou seja, a “Matosinhos”, vemos um importante avanço que aquele bairro, distante do centro, finalmente recebia:

O reverendo pároco de Matosinhos irá cortar a fita inaugural do primeiro chafariz público de nossa mui digna e quase centenária localidade.

– Bicentenária, o pai corrigiu baixinho. A Flô, hei, o pai, Matosinhos é nome novo. Isso aqui era Aldeia de índios, não vê a cara do Chagas? (GUTIÉRREZ, 2007, p. 154)

⁴¹ Fundado no ano de 1865, na primeira sede: rua Formosa, atual rua Barão do Rio Branco, no centro. Em 1867 passara para a Av. Santos Dumont, também no centro. Colégio administrado por freiras francesas, nos primeiros decênios, e só eram recebidas meninas, mas na década de 1950 os meninos passaram a também ser matriculados. Ilustres intelectuais cearenses foram alunas do Imaculada, a citar apenas algumas ex-alunas: Angela Gutiérrez, Rachel de Queiroz, Francisca Clotilde, Adísia Sá, Henriqueta Galeno e Cândida Galeno.

A vida, em todos os aspectos era diferente, era a “Aldeota de Índios”, tanto que depois de terem se mudado para lá, houve complicações quanto às idas ao Imaculada, como podemos constatar em “(...) É, o filho ia alugar uma casa na cidade. **Morar no sítio estava cada vez mais inconveniente para a educação das crianças.** D. Nívea era que ia sentir.” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 158, grifo nosso).

Antes de conferirmos essencialidades não mais referentes às questões referentes ao espaço de Flora, mas sim à própria protagonista da família Romeu, reforçemos aquele que, indubitavelmente, é um dos seus mundos mais insignes, o casarão do seu Bisavô, reconfigurador de tempos em diversas camadas, e sobretudo de sua infância. Segundo Kataoka, “*O Mundo de Flora* abriga muita gente: os familiares de várias gerações, serviçais e pessoas simples do povo, que também contam suas histórias e a dos outros, num tempo que vai do segundo império à década de oitenta do século XX (...)” (2009, p. 26)

O casarão, no coração do centro de Fortaleza, fora palco de chegadas e de partidas, e só não mantém dialética com o leitor, isto é, não é um ser antropomorfizado, como o que ocorre no romance *A Casa*, da também autora cearense Natércia Campos (1938-2004), contudo é marcante o quanto suas paredes dobradas, seus janelões, a escadaria e o mobiliário solene nos contam de um tempo áureo fortalezense que não pode ser olvidado, servindo de alerta permanente, por exemplo, acerca das perdas que tivemos ao longo dos tempos, quanto ao patrimônio histórico e cultural material da cidade de Fortaleza.

Outro importante e imperscrutável espaço de Flora Fernández não é físico, nada possui de palpável, e se abriga em sua mente, na sua capacidade sonhadora, nos seus medos, e vasto é esse território, fronteiro de lembranças, sombras e sons ignotos e povoado de saudades, sobretudo de gentes e tempos que a precediam. E, talvez, conheceremos um pouco dessa outra paisagem e suas veredas, quando a conhecermos melhor, na próxima subseção.

4.2 Quem é Flora Fernández?

A menina magra, de sete anos, se achava feia. Os cabelos lisos e os olhos puxados lhe davam um ar de índia, índia branca. Queria ter os cabelos anelados e as pernas grossas da irmã. Esqueleto de maçonaria. Os irmãos mangavam dela: esqueleto de maçonaria. Cigarro: branca e comprida. Zangava-se, batia o pé no chão. O pai dizia: não liga, minha filha, não dê cavaco. (GUTIÉRREZ, 2007, p. 160).

Maior condutora do romance em voga, iniciado no tempo presente e que vai nos presenteando com profusão de analepses, Flora é esposa de Diego Fernández; havia tido um filhinho, fruto do amor do lindo casal, mas ele falecera pouco tempo depois. E seu mundo passaria a ser cada vez menos completo.

Havia crescido no “casarão do Bisavô”, o “Dr. Tomé”, sendo a terceira geração de Floras, e enfermiça, aos 33 anos, recompõe os fatos de sua vida, de modo a unir-se aos seus antepassados, através do resgate da memória que vai sendo manuscrita, em forte onirismo, comumente desenvolvendo a escrita de muitas “páginas”, como ao sabor de um “diário” (até então sempre engavetado).

Sempre fascinante, ainda que em átimos de indubitável tristeza, relembra aos seus leitores algumas traquinagens pueris, assim como o quanto sofria com as frequentes zombarias dos irmãos (sobretudo por ser magra e com os cabelos excessivamente lisos, como apreciamos na presente epígrafe) e a inseparável insônia. Também relata que tinha medos, sobretudo à noite.

Sobretudo temia morrer. E sua enfermidade vai sendo elucidada aos poucos, e foram escolhidos os trechos a seguir, d’*O Mundo de Flora*, para nossa constatação do quanto não eram fáceis os seus dias, embora não lhe faltassem carinho e medicações:

Começou com uma **dor no joelho e a dificuldade de andar**. Depois, outras **juntas começaram a inchar**.

(...)

A **mão esquerda** estava toda **intumescida, quase não a podia fechar**. E agora a **direita também começava a doer**.

A **doença progredia rapidamente**. (p. 202)

Silenciem **artrites** e companhia limitada, **sinovites, tendinites, bursites**. (p. 203)

– Flô, Flô, **não se entregue assim!** Ouvia no olhar de Diego.

E esforçava-se em pensar que podia ser pior. **Lembrava a ansiedade da avó, inerte na cama, sem poder falar, só o olhar vivo.**” (p. 204)

– Ai, como me dói essa **dor que realmente sinto!**” (p. 205)

Fernández sofria com dores nas articulações, intumescimentos nos pés e nas mãos e tomava muitos remédios para tentar aplacar suas enfermidades, aqui resumidas como sendo artrites e artroses em avanço, e que podem ser encontradas em outros capítulos, como nos intitulados: “se” (p. 204) e “dor que arresponde”. (p. 224). E tão intelectualizada era Florzinha, que no último excerto acima, por exemplo, ao tratar de sua dor, “**dor que realmente sinto**”, ratificou-a com intertextualidade a

importante poema de Fernando Pessoa, *Autopsicografia*, em releitura dos versos “O poeta é um fingidor/ Finge tão completamente/ **Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente.** (grifo nosso).

Questões empáticas e identitárias vão surgindo entre os que a leem, vendo reacenderem suas próprias vivências (hodiernas ou pretéritas), e os fatos feéricos ou os soturnos que ela vai registrando, diretamente do seu complexo mundo, individual, real e lúdico, e também tomado por ocorrências e incidências de outras *personas*, com as quais convivera ou ouvira a respeito.

Afeita a grandes leituras, desde pequenina, sobremaneira pelos influxos do Bisavô, do Pai, da Mãe, das Tias, e por ter crescido cingida por livros e mais livros, Flora era uma intelectual e, não raramente, nos faz remeter ao protagonista e narrador autodiegético Bento Santiago ou Bentinho, logo no introito do célebre romance *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis (1839-1908), quando do seu propósito de, sexagenário e eivado de perdas, “atar as duas pontas da vida”.

Flora, aos moldes de Bentinho, também é a enunciadora primordial da obra, mas nos surpreende exibindo outros condutores da trama, comumente merecedores de capítulos inteiros e seus discursos diretos, realizando escrita em *flashes* e ziguezagues, e nos brinda com histórias dos seus antigos familiares, seus valores e muitas histórias que absorvera e vai nos contando, sendo - muitas delas - hilárias e leves.

E através dos filtros de sua verve intensa, apesar de estar com fortes dores e envolta por inúmeros remédios a serem ingeridos por hora marcada, Flora, em modos experimentais, elaborou sua obra-prima não díspar do que fizera o autor paulista modernista Oswald de Andrade (1890-1954) em seu romance *Memórias Sentimentais de João Miramar*, publicado em 1924, exibindo mescla de gêneros textuais e capítulos independentes uns dos outros ou sendo verdadeiros *flashes*, uma quase “pílulas”.

Ela vai nos surpreendendo com parágrafos-*flashes*, causando misto de estranheza e admiração, mas apenas ao primeiro contato com a obra, devido à ruptura da previsibilidade estrutural romanesca, assim como o fato de exhibir dois desfechos para a obra, um trágico e outro cômico, e de que trataremos adiante.

Em meio a uma condutora da trama afeita a modernidades e dinamismos na estruturação da obra, sobressaem-se mensagens de combate ao nefasto racismo, como ao a encontrarmos irritada com o jeito de suas colegas falarem acerca de alguma mulher negra usando o diminutivo “Neguinha” (p. 155) e indignara-se ao

“confusamente perceber que”, para algumas pessoas, “ser preto era ruim.” (p. 64), com conotações racistas. E entendia que quanto mais preta fosse a pele, mais condizente com a descendência de reis. (p. 65)

E, no capítulo “falta finesse, sobra molecagem”, há cenas de terríveis atos racistas sofridos pela personagem Adelaide, que mesmo tendo sido produto dos devaneios de Flora, foram baseadas no relato que ela chegara proferindo em sua casa, em um dia visita: a moça ouvira desumanidades, como “Negro quando na caga na entrada, caga na saída! Sai daí, urubu”, tivera a “roupa nova rasgada” pelo “povo”, e culminara com a cena pavorosa de ter sido derrubada pelos populares (nada humanizados). E, na continuação do delírio, Flora conseguia afastá-los gritando: “- Deus é pai de todo mundo e a gente é tudo irmão. Negro, branco ou amarelo.” e, assim, logo saíram “calados e encabulados”. (p. 93)

Ela mesma, por exemplo, não gostava de ter cabelos lisos, “escorridos”, e ficava na frente do espelho enrolando mechas e mais mechas de cabelos com os dedos, mantendo-os “presos um bom tempo. Soltava-os e eles, teimosos, continuavam bem lisos.” (p. 160) Flora entendia, e bem, no entanto, que era beneficiada por ter a pele branca e por ter família abastada.

Não era aquele o mundo que Flora almejava. Não é o mundo que ninguém deve aceitar nem compactuar.

Devemos destacar, corroborando seu lema humanista, os ares feministas de Flora, como no excerto a seguir, que fora o escolhido para a epígrafe da presente dissertação, devido à tamanha representatividade de um ideário libertário e realmente emancipatório para o futuro da mulher, e que seja em todos os continentes desse mundo:

Estamos caminhando para um mundo onde as mulheres ocuparão um lugar de grande relevo. Por isso, cumpre às mulheres se prepararem para a grande hora que se aproxima. (GUTIÉRREZ, 2007, p. 185).

Condizente com o ideário humanista da própria autora, eternizar – na fala da protagonista – frase tão vigorosa e emblemática: “as mulheres ocuparão um lugar de grande relevo” e que “se preparem para a grande hora que se aproxima” é,

insofismavelmente, percepção da função salvadora da literatura, capaz de abrir mentes e tentar livrá-las do tão antigo - e ainda forte - machismo estrutural⁴².

Devemos destacar, de modo incansável, a Flora lúcida e sagaz em inumeráveis outros trechos, causando verossimilhança e continuada fidelização do público leitor, como em:

Era surpreendida, às vezes, de olhos fechados, com um livro nas mãos.

– Menina, vai fazer alguma coisa.

Sempre que estava lendo, passava alguém para dizer isso. E não estava fazendo alguma coisa?”

(...)

– É por isso que está magra desse jeito, diziam. Depois do almoço deitava com o livro nas mãos e pensava nos livros que iria escrever quando crescesse.” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 115).

Em “– Menina, vai fazer alguma coisa.” Percebemos o quanto já foi rejeitado o ato da leitura, considerado perda de tempo e não algo produtivo e elevado. E ainda atribuía ao gosto pelos livros o motivo de Flora ser magra. Vale questionarmo-nos o quanto essa concepção mudou ou se realmente mudou. Será que o ato de ler é, hoje, valorizado e cultivado?

E, sempre irrequieta, não conseguia não se sentir sonolenta quando, na aula da “mestra-de-classe”, a Irmã Reine, dona de fala muito macia e que “nunca alteava nem mudava de tom”, e quando ministrava aula de História do Brasil, por exemplo, “o ritmo monocórdio de sua fala provocara a sensação de ouvir o murmúrio de um pequeno rio correndo manso”. Resultado? Flora cochilava. E recebia pitos, em seguida, bem como uma leve pressão em seu braço e a pergunta habitual: “- Você ouviu o que eu disse?” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 159 -160).

Deixa-nos, então, certo alerta para que a docência seja mais dinâmica e convidativa ao alunado, de modo que em vez de sono venham interação e correlação com o assunto tratado. Faz-se necessário que, de algum modo, haja sentido com a existência de quem está em torno.

⁴² Produto de uma base nacional patriarcal, colonialista e conservadora, que desde a infância, na criação das crianças, sobretudo dos meninos, os afazeres domésticos são destinados às meninas e não a eles, bem como os níveis escolares mais elevados demoraram a ser fornecidos às meninas (e em inúmeros casos nunca lhes chegou), culminando em concepções de que a mulher tem a obrigação de casar, cuidar da casa, do marido e dos filhos, e uma série de anulações e violências – em várias manifestações – surgem a partir desse processo de silenciamento e alienação dos direitos, levando muitas mulheres a crer que não há sequer leis que as beneficiem.

O que mais discorrer acerca da perspicaz Fernández? Que crescerá, tornara-se mocinha, namorara e casara. E quando, a depender do diapasão dos capítulos, verdadeiras caixinhas de surpresa, a percebemos adulta e muito harmoniosa com o seu esposo, Diego Fernández, destacam-se ares neorromânticos da narradora basilar, sendo um dos primores da escritura angeliana, como destacamos abaixo:

A mocinha entrava na sala de cinema como quem retorna ao útero da mãe. Era a sombra da sua mangueira, novo território de ilusões. (GUTIÉRREZ, 2007, p. 182)

Qual terá sido o dia mais feliz da minha vida? O dia do meu casamento? Não, naquele dia não tive tempo para me sentir feliz. Parecia uma atriz estreada representando num palco para uma casa cheia. Tudo tinha que dar certo.

Acho que foi no dia em que descobri que estava amando Diego, em que estava te amando, Diego. (GUTIÉRREZ, 2007, p. 183)

No último excerto, dividido em dois parágrafos, há o predomínio do tom confessional idílico de Fernández, ratificando o encontro, de alma e corpo, com o seu primeiro e único amor. No primeiro excerto deve ser destacado o seu fascínio pelas artes, como o fato de ir ao cinema, permitindo-lhe semelhante prazer ao da leitura de um excelente livro debaixo de uma das árvores frutíferas de Matosinhos.

Seu matrimônio surge de modo não-linear, ainda que no primeiro capítulo, equivalendo ao tempo presente, já está adulta, casada, enferma, e seu amado Diego não é exatamente explicitado ao público leitor. Assim é o romance de vanguarda em apreciação, e – não raro – em situações em que ela externa um pouco das suas dores, como no penúltimo capítulo da obra, que acaba sendo, na verdade, o “primeiro fim”, intitulado *são nove horas*, e ocorre o seu falecimento, sendo constatado por seu amado esposo Diego e ele, “desanimado, cansado, enojado, que a morte é repugnante”, começa a ler as páginas por ela escritas, equivalendo ao nosso próprio livro sendo encerrado, em magistral exercício metalinguístico. E, em seguida, está escrito, em caixa alta, “FIM”.

Contudo há um “próximo capítulo final”, intitulado *o senhor rei mandou dizer que contasse mais cinco*, no qual ela não morre, pois eram “Três horas. Hora de muito sol” e não era adequado “morrer assim num dia assim”. Há, pois, a escritura tragicômica, o desfecho a ser escolhido, os capítulos que podem ser lidos sem linearidade e que promovem catarses mui díspares.

Sensações múltiplas Flora nos promove e muitas reflexões, alternando questões mais e outras menos graves, sendo até mesmo acerca de curiosidades quanto às “coisas que o **povo fofoca**”: como quando ouvira falar em “**rabos-de-burro**”, que poderiam “invadir a escolar” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 155) e “**rapariga**”, como no trecho a seguir: “- Lelê, e **por que é que rapariga é palavra feia?**” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 117, grifos nossos).

Confessa-nos que costumava roer as unhas das mãos “até o **sabugo**” e enchera-se de “**gastura**” ao perceber manchinhas nelas. O que significavam? Ficara perplexa ao saber pela Sea Maria Amélia que ela deveria ter mentido e que as mentiras estavam divulgadas ali, em suas unhas. (p. 46). E por que, no “silêncio do casarão”, ela “sentia na nuca o mesmo olhar frio da caveira que encima a estante do avô”? (GUTIÉRREZ, 2007, p. 47, grifos nossos).

Outro aspecto fascinante da nossa Fernández é a capacidade de desenvolver narratividade que mescla o coloquial e o refinado ao poético e, como já dito em outros trechos da pesquisa, repletos de comicidade. Citemos, pois, alguns trechos comprobatórios do prosaísmo linguístico da protagonista: “- Flô, **tá mouca, tá** com meia hora que te chamo **pra** jantar, menina.” (p. 93); “Foi um destempero, todos **mangando**, (...) Flô não botou **o rabo entre as pernas**” (p. 105). E presenteia-nos com excertos líricos e neossymbolistas, como “De dentro da **névoa** das lembranças mais **remotas**, um **sonho** que se repetiu muitas vezes. Tantas que tinha **medo de dormir e vir de novo.**” (p. 47, grifos nossos).

Além de perspicaz, vigorosa leitora e sensível, era fortemente apreciadora da música e adorava quando seu pai, lá em Matosinhos, “levava a cadeira de balanço e o violão para fora e, sob o teto de estrelas” (p. 65), cantavam canções bem antigas. Sempre acabava adormecendo apoiada nas pernas dele, o seu adorado papai.

Flora Fernández é a responsável por nos apresentar cenas ternas, como a citada acima, e por nos revelar nuances da Fortaleza de outrora, a das mercearias ou bodegas, e que quando ia comprar caramelos coloridos do “seu Miguel”, por exemplo, tomava cuidado ao atravessar a rua, sendo cuidada pelo irmão, liberados pela mamãe. Os caramelos “em forma de bengala, de chupeta e de bebê, que seu Miguel guardava em bombonnières de vidro” (p. 47) são ressignificados pelas nossas retinas e, provavelmente, nossos corações são tocados pelos caramelos e parentes dos nossos tempos idos, vividos e imensamente queridos.

Nos espaços das suas moradas, dos tempos pueris e dos tempos modernos, há utensílios distintivos de um tempo pretérito que visitamos, muito do que Flora nos proporcionara tatear, visualizar, ouvir e saborear permanecerão conosco, e urge que apreciemos, de modo incansável, alguns itens do seu - e que também se tornou nosso – Casarão. E os excertos que podem reconfigurá-lo surgem aos moldes dos próprios capítulos do romance, com ares autônomos e independentes (mas que se conectam, mantêm sentido): “sofás, poltronas, quadros, roupas, até o **piano**” (p. 43); “chá e biscoito na **porcelana antiga**” (p. 43); “**tapetes, cortinas, almofadas de veludo** (...) no **jardinzinho** que separava as duas casas” (p. 43); “Lá no **aparador**”(p.46); “(...) meu avô sentava-se ao lado do **rádio** e acompanhava as **notícias da Hora do Brasil.**” (p. 126); “Colocou um **disco na radiola.**”(p. 127); “Passava o tempo de pijama, balançando-se na **rede** e roendo as unhas.”(p. 129); (p. 63); “Voltou à mesa, terminou de **tomar o chá.**” (p. 58); “Tinha tudo organizado: papéis, borracha, (...), **pluma, tinteiro.**” (p. 166); “Com a mão no **trinco de opalina.**” (p. 129, grifos nossos).

Indumentárias e acessórios ou adornos do seu tempo são bem retratados e imensamente agradecemos, como ao lembrarmos: “Sorrindo e olhando-a e penteando os cabelos com a **escova de cabo de marfim.**” (p. 62); “ajeitou o **colete**, olhou as horas no **relógio de algibeira preso por uma longa corrente de ouro**, (...), pegou o **chapéu** e a **bengala** (...)” (p. 128); “ouvia o rumor antigo do **tafetá das anáguas** de Branca.”(p. 167); “**Calças de flanela** bege, **botas de bico fino**, meus **suspensórios parisienses, cintinho fino.**” (p. 132, grifos nossos).

Um pouco das iguarias ou da gastronomia daqueles tempos Flora também nos apresenta, havendo até o “salão do banquete” (p. 146) e a habitual “merenda” (p.136), a citar alguns exemplares de iguarias ou guloseimas: “Quero **ovo poché, coalhada**, e pão fresco com **marmelada.**”(p. 129); “Vai logo, Flô, que hoje tem **canjica.**”(p. 93); “tomou dois golinhos de **chá**” (p. 128); “A menina ia **comer coco-babão** perto da casa do Chagas.” (p. 140, grifos nossos).

E Flora, que amava manga, era grande conhecedora dos seus tipos: “**manga coité** e **manga jasmim** para cortar os pedaços e comer; manga **tamaracá** e **manga peitinho de moça** eram boas de chupar; **manga sapo**, (...), cheia de fiapos grossos que enganchavam nos dentes; **manga espada** (...) A sua preferida era a **manga rosa.** (...)” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 124 e 125, grifos nossos).

Como fora visto, poderíamos fazer um robusto inventário das gostosuras daqueles tempos de outrora, sobretudo no bucólico sítio de Matosinhos, onde via o “irmão galalau, nos treze anos, **jogar cabeçulinha**” (p. 123) e ela era proibida, o que a irritava bastante, mas ainda bem que teimava e subia no sapotizeiro, ainda conseguindo se envolver em aventura, como quando escorregou da árvore, porque “o tronco estava escorregadio” e “Flor foi ao chão com sapoti e tudo.” (p. 122). Mas, “**gaiata**”, mesmo com a fruta “esborrachada no chão”, a protagonista “olhou para os lados – não vi ninguém, ninguém me viu -, com as pontinhas dos dedos tirou os cisquinhos de areia (...) Azar; **vou lá dar gosto ao Cão! E, zás, passou o sapoti no bucho.**” (p. 122)

Assim é Flora Fernández: sensível, curiosa, questionadora, usuária de expressões ricas em espontaneidade e típicas do falar cearense, bem como nos revelara sentimentos bem recônditos, como o seu verdadeiro ódio quando as amigas da mãe a chamavam, quase em espanto, de “moça” e “bonita”. “Flor fechava a cara, mesmo quando a mãe a fuzilava com o olhar.” (p. 179) Tudo isso porque “botara corpo” e se aborrecia dos exageros “das pessoas grandes”. “Queriam que ela continuasse a ser a menina magrela, o palito, o cigarro, o esqueleto da maçonaria? Pra que esse espanto? Só podia ser para enfezá-la”. Excertos extraídos do final da pág. 179 e que configuram o introito da pág. 180.

Flora, nossa personagem-*mor*, nos fez rir, chorar, refletir e (re)conhecer a Literatura nacional e internacional; a História e a Música, predominante nacionais; um pouco do espaço fortalezense, metonimicamente dividido entre Centro e Mondubim, enaltecendo um casarão e um sítio oitocentistas, permitindo-nos ser, um pouco, como o protagonista Jacinto, de *A Cidade e as Serras* (1901), romance póstumo do autor lusitano Eça de Queiroz (1845-1900), dimidiados entre o requinte e a modernidade e a natureza e os ares pacatos.

A enunciadora que alternou o uso absoluto do português com reiteradas expressões ou passagens em inglês, francês, espanhol e latim, assim como rompeu o tradicionalismo da produção de romances com capítulos previsíveis e os exibiu em gêneros textuais díspares, como poemas, símbolo ou fórmula (p. 154), telegrama, trechos de canções, como é, na íntegra, o capítulo *o homem da vassoura*, a marchinha carnavalesca da campanha do Presidente Jânio da Silva Quadros (1917-1992), em 1960, e que ficara no poder durante os sete primeiros meses de 1961. Trouxe

capítulos sob forma de diários, missivas, e - não raro - apresentou-nos muitos diálogos entre personagens diversos e ricos em suas diferenças.

Repassara aos seus leitores, também, lições de vida, como a que aprendera com sua vovó Linda, que ninguém deveria “pegar em sua munheca” (p.165), isto é, valorizando o adágio ou provérbio condizente ao ato de não darmos motivo para pessoa alguma nos repreender ou nos comandar. Da mesma forma aprendera e nos ensinara que não devemos perder “um minuto de sono por causa de futricas que o Fulano disse e o Beltrano falou.” (p. 165)

4.3 Alguns temas instigantes d’ *O Mundo de Flora*

O presente subcapítulo visa apresentar uma pequena amostragem da multiplicidade de temas do romance gutierreano em voga, culminando, também, através das passagens comprobatórias, para a visualização e percepção de um mundo multifacetado e nem sempre cintilante, como veremos a seguir. E, parafraseando a escritora e imortal da Academia Cearense de Letras, Giselda Medeiros, em seu ensaio intitulado *O Mundo de Flora*: “Curioso também é a inclusão de causos, superstições, mezinhas que, ao longo da narrativa, vão assumindo relevo pela valiosa colaboração em tirar dos pormenores tonalidades inusitadas, enriquecendo (...) o fluxo narrativo (...)”.

Fernández discorre acerca da **infância** (não somente a que tivera, mas a(s) de tantas outras crianças da família e da vizinhança), temática tão recorrente e relevante, que fora, como já vimos, norteadora da dissertação de Ayla Maria Kataoka: *O Mundo de Flora: a infância através do olhar arguto de uma menina*, em 2009. Os matizes da **Fortaleza Antiga** também permeiam o romance em apreciação, fazendo-nos contemplar a Arquitetura, o Urbanismo, a Moda, as Escolas e demais elementos de outrora, convergindo para a inevitável comparação com os dias hodiernos.

Trata acerca da **Política** (sobremaneira nacional, desde a transição da Monarquia para a República, no período finissecular oitocentista, passando pelo presidente Getúlio Vargas e pela Ditadura civil-militar...); das incursões ao admirável universo da **leitura**, comumente transformadora dos sujeitos. Por isso, para Fernández o ato de ler era realmente mágico e viabilizador de todas as resoluções, ações, lugares e discursos.

Ainda nos convida a pensar quanto às essencialidades e vicissitudes da **família** (em entrelaçamento com as nossas também), e vale ressaltar o quanto Florzinha adorava o seu Bisavô, cujo “retrato pendia majestoso de uma parede da sala de jantar”: “Eu o amava. Nos meus quatro anos, ele era Deus”. Ela dormia no 1º andar do casarão e no andar de cima estava o quarto dele, o “ser mais vivo daquela casa.” (p. 9)

Mas não só de temas maviosos e amenos é composto *O Mundo e Flora*, também há, por exemplo, contações de histórias evidenciando o nefasto **racismo estrutural**⁴³ (ainda que muitos sequer percebessem a ocorrência deste mal social, devido sua “naturalização silenciosa”, sem maiores reflexões nem punições) e a **educação** aos moldes eurocêntricos, com aulas obrigatórias de francês, inglês e latim e outras diretrizes pedagógicas condizentes com os tempos pretéritos e colonizadores, não destoantes da religiosidade católica de modo rigoroso, bem como o *glamour* das indumentárias e do mobiliário de aproximadamente dois séculos atrás.

Outro tema merecedor de destaque, no romance angeliano em voga, é a busca pela **liberdade, sobretudo feminina**, desde as reflexões de Florzinha criança, que achava as brincadeiras dos meninos muito mais diversas e interessantes do que as das meninas, aos porquês dessa estigmatização do que era destinado às mulheres, costumeiramente se questionando quanto às delimitações do entretenimento feminino: “Tenho que confessar. Achava o mundo dos meninos muito mais atraente. As meninas brincavam de boneca, de roda, de chicote-queimado, de estátua, (...) de macaca, e do que mais?” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 113) e “Com os meninos, a coisa era diferente. Nos fins de semana, jogavam pelada com bola de meia. Se era tempo de chuva, tomavam banho no rio ou no sangradouro da lagoa.” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 113-114)

Sendo assim, muito perspicaz, Flora, ainda pequena, continuava com as suas indagações e indignações quanto a essas distinções e destinações de brincadeiras por questão de gênero:

⁴³ Criado esse conceito pelo jurista, filósofo, professor de Direito, escritor e atual Ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil (tendo tomado posse no primeiro dia de janeiro de 2023, quando da posse do Presidente Luís Sílvia Almeida (1976) Inácio Lula da Silva, para o seu retorno à Presidência pela terceira vez, vinte anos após seu primeiro mandato presidencial), o *Racismo Estrutural* significa que, em uma sociedade, racismo não é uma anormalidade nem “patologia”, mas o produto da normalidade de pequenos e grandes atos discriminatórios quanto à raça negra e culminando na reiteração da violência realizada, em todos os níveis, contra a negritude do Brasil.

Percebia, desde aquele tempo, que o mundo das meninas era muito mais acanhado, cheio de não-podes. Mas não me importava tanto assim. Eu tinha meus livros e meus sonhos debaixo da mangueira. Nesses mundos, eu podia tudo, muito mais que os meninos. Era homem, era mulher, era cavaleiro medieval, era dama da torre, era aventureiro, d'Artagnan e São Francisco. (GUTIÉRREZ, 2007, p. 115).

E como vimos acima, a **leitura** realmente a salvava, pois dependendo das histórias que ia conhecendo, era surpreendentemente o que quisesse. Sem culpas e sem atos tolhidos.

Ainda em continuidade ao tema da **educação rígida** destinada às meninas, analisemos o excerto a seguir, referente ao tempo da Avô de Flora, “No tempo do Senador vivo, só seus amigos mais chegados a conheciam. Minha avó me criou da porta de casa para dentro.” (p. 44), patenteando o quanto às mulheres nada lhes era permitido ou bem pouco de lazer ou espontaneidade “poderiam” ter.

E havia também as muitas pilhérias ou “piadas” ou zombarias, equivalentes ao **bullying** de hoje, como quando Florzinha recebia xingamentos dos irmãos e dos primos devido às suas pernas finas, chamadas de “cambitos”. E foram escolhidos excertos comprobatórios dessas péssimas ocorrências, quando ficavam “mangando” (p. 105) dela: “(...) os meninos aproveitavam a deixa para implicar comigo: (...) a caçula, que tem os cabelos escorridinhos, melhor se chamaria capim” (p. 73-74) E mais insultos ouvia: “tão magrelinha, melhor se chamaria graveto.” (p. 74), e “continuariam se o papai não interferisse: Deixem a Flor em paz. O nome dela está bem escolhido, Flora como a mãe. Florzinha porque é caçula do pai.” (p. 74) Seu papai, comumente, era seu protetor, seu guardião.

Nos espaços a seguir, serão evidenciados oito temas muito importantes de *O Mundo de Flora*, com breves comentários e os respectivos trechos comprobatórios: I - morte, II - nascimento; III - cultura popular/folguedos; IV - racismo estrutural (em aprofundamento ao que já recebera introito); V - classe trabalhadora; VI- educação conservadora (em aprofundamento ao que já recebera introito); VII - o sobrenatural; VIII - a religiosidade; IX- a canção.

I - MORTE:

Em prosa e em versos, a morte é reiterada em *O Mundo de Flora*, permitindo-nos reativar as leituras de obras que também muito a apresentam, como a

obra contística *Dizem que os cães veem coisas*, de Moreira Campos, e o romance *A Casa*, de Natércia Campos.

“- Dizem que **perdeu o filhinho ao nascer** e desde então não pôde mais ser a mesma.” (p. 12)

“O **anjinho** que vi, uma tarde, passar na frente do sítio, não tinha cara de anjo não.

Não era a primeira vez que via um cortejo de anjo. Duas crianças maiores iam na frente, uma com o **caixãozinho azul** nos braços e a outra levando a **tampa do caixão**.” (p. 68)

“O menino **se afogou**” (...) O Velho Chagas queria ao menos que o **cadaverzinho** aparecesse que era para a Lelê sossegar (...) Dr. Carlos desaprovava superstições mas não se opôs à ideia da cabaça (...) De manhã cedo, a menina viu de longe os homens **carregando uma rede**. (...) A menina não teve licença para ir olhar. (p.74-75)

“A menina gostava de ouvir as mesmas histórias (...), de **cruzes no caminho marcando mortes**.” (p. 69)

“- A gente fala é filho do **finado Damião**.

Seu Damião **morrera dias atrás, debaixo do trem. Ele e o cavalo**.” (p. 142)

“Não podíamos falar com elas, e eu ficava imaginando como teriam perdido os pais e se, de noite, **chorariam seus mortos** e teriam **medo da solidão**.” (p. 158)

“Por que não deixar para o meio do ano sua viagem ao Rio? Além do mais, não estamos ainda de luto recente com a **morte de seus avós?**” (p. 185, grifos nossos).

Deve ser destacada a recorrência da temática da morte e o medo que Fernández tinha de morrer. E carregava a dor atroz de ter perdido o seu primogênito. Com extrema verossimilhança há as cenas ou relatos dessa prematura e insuportável separação, em prosa e em verso, reiterando o que já fora anunciado, como no capítulo intitulado *pequeninho*, da página 198; no poema que será fornecido a seguir, a elegia *Lamento por meu filho morto*; e no trecho do capítulo *ritual do filho morto*, imediatamente abaixo:

E no **caixão, o corpinho pequeno, desamparado na morte**. (...) Queria que tudo parasse. **Tudo imóvel até o menino acordar**. Consumatum est. Areia, pó. As **flores pisadas** no chão da sala, os móveis em desordem. **Meu quarto parecia maior sem o pequeno berço de ferro** que a bisavó mandara buscar na Europa para o primeiro filho da minha avó. (GUTIÉRREZ, 2007, p. 200, grifos nossos).

Lamento por meu filho morto

Louvado seja Deus.

Louvado seja Deus

nos seus anjos e nos seus santos.

Louvado seja Deus.

**Rasguem as vestes
joguem cinzas sobre a cabeça
acendam velas
que o meu menino morreu.**

**Batam os sinos
Toquem a marcha fúnebre
Cubram os santos dos altares
O meu menino morreu.**

Louvado seja Deus
Blem, Blão
Blem, Bão.

Não!
Vistam-se de branco
Joguem rosas na cabeça
Apaguem as velas.

**Parem a marcha fúnebre
enfeitem os altares
nada de sinos a dobrar.**

**O meu menino precisa somente
Sua mãe para o embalar.**

Louvado seja Deus
**E que todas repitam
de cabeças baixas a orar**
Louvado seja Deus.

**E que somente eu
grite a minha dor
blasfeme
e me lance
contra o Senhor
contra um longínquo Deus
esculpido em pedra.**

**E que somente eu
Levante aos céus os punhos cerrados
Enquanto todos de mãos postas
Repitam:
Louvado seja Deus.**

Meu eterno menino
As folhas caem
O vento as
(GUTIÉRREZ, 2007, p. 196-198)

Extremamente fieis à dor da perda de um filho, os textos supracitados despertam sensações de súbita empatia e acabam por nos atravessar de diversas maneiras.

Mais cenas de partidas destacamos no romance, como a morte por afogamento em lagoa, do filho da Lelé, remetendo-nos ao universo das credices ou superstições, sendo considerado crível, segundo os mais antigos, o ato de colocar vela dentro de uma cabaça e deixá-la boiando na água, a caminho da detecção do ser que tenha se afogado. (GUTIÉRREZ, 2007, p. 74)

Em nível histórico, a MORTE também é apresentada, como quando fora noticiada a morte do Presidente Getúlio Vargas, em 24 de agosto de 1954, tendo sido destacado o excerto comprobatório: “Encontrei meu pai junto ao rádio. Também saíra mais cedo do trabalho e escutava comovido a carta-testamento do Presidente”. (p. 157). E vale transcrever um trecho da “carta-testamento”, eternizada também na obra multifacetada de Gutiérrez: “Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.” (p. 157)

II - NASCIMENTO

Há menos natalícios do que partidas, em *O Mundo de Flora*, mas a felicidade com que eram recebidos os novos descendentes, que no casarão mesmo nasciam (assim como Angela Gutiérrez e seus irmãos), por exemplo, eram cenas das mais genuínas e emocionantes, como constataremos a seguir:

“- Flô, sua mãe está na maternidade e **já teve neném**. (...) Flor o amou mais do que pensara poder amá-lo.” (p. 84 - 85)

“Estava tão animada com o **neném que ia nascer**... Ajudara a mãe a lavar e a estender as camisinhas, cantando todo o tempo – **Dorme, neném, que eu tenho o que fazer, vou lavar, vou engomar camisinha pra você** (...)” (p. 84, grifos nossos)

III - CULTURA POPULAR / FOLGUEDOS

Outro elemento marcante na obra em estudo é o resgate da cultura popular, das fraseologias⁴⁴, do folclore nacional, como em “E veio o **vaqueiro**, e veio o **Boi**, e veio a **Ema**.” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 76), “Mas a ninguém falou dos horrores que viveu naquela **noite de festejos do Bumba-meu-Boi**” (p. 77) e “Nas tardes de terça de **carnaval**, que era quando os **maracatus** inauguravam os trajes novos” (p. 165),

⁴⁴ São as frases populares, os ditos ou adágios.

contribuindo para maior ligação identitária com o leitor, sendo cearense ou não, nordestino ou não, corroborando mentes e corações, de quaisquer origens, ao telurismo referente à região Nordeste do Brasil.

IV - RACISMO ESTRUTURAL

Fiel à Fortaleza dos tempos de antigamente, com seus encantos e também seus males, a autora também nos revelou o quanto a sociedade patriarcal conseguia fazer distinções e alijamentos dos seres de acordo com a cor da pele. O tratamento discriminatório que vizinhos, por exemplo, faziam da Cota, que trabalhava na casa de Flora, quando esta era pequenina, era algo que deixava a menina sem compreender nem mensura o tamanho da maldade das pessoas que dela zombavam.

A seguir há trechos comprobatórios do desumano racismo:

Vendo-a desde que nascera, a menina não notara que ela [Cota] era diferente até o dia em que na pracinha uma das amas dissera: a **tua preta** tá te procurando. E outra, rindo-se: coisa sem pé nem cabeça, **quem já se viu uma menina tão branquinha andar com essa galalau cor do Cão!** (p. 64)

“lundu é **dengue de nego**” x “antoje é lundu de branco” (p. 72)
“- Flora, parece **bebê de capa de revista. Branquinho, lourinho, dos olhos azuis.**” (p. 86)

“Geralmente, eu me irritava com o jeito de minhas colegas de escola falarem. Principalmente com essa história de **neguinha pra cá e neguinha pra lá.**” (p. 155)

A turma da rua comentava: a Lupe é moça de programa. **Nem é bonita, tem até as feições xabouqueiras.** (p. 180, grifos nossos)

V - CLASSE TRABALHADORA

Nos excertos a seguir poderemos atestar como Gutiérrez, em *O Mundo de Flora*, conseguiu imprimir as marcas do preconceito contra os que exercem funções de trabalho de subalternidade:

A toalha de linho branco estava **sempre impecavelmente engomada**, os talheres de prata de lei, **que senha Maria Amélia areava todas as tardes, cuidadosamente** dispostos ao lado dos pratos de porcelana inglesa. (p. 11)

Lembro minha avó, minha mãe, tia Branca, **as empregadas arrastando camas, procurando lençóis.** (p. 32)

(...) luta da **cozinheira velha para agarrar a galinha.** (p. 33)

Maria Amélia, **sirva um chá para as senhoras.** (p. 56)

Mamãe fazia questão de dizer **as moças que trabalham lá em casa. Não era para ninguém falar as empregadas**, mas também não era para ninguém falar com elas nem se misturar. (p. 111)

Achava que até mais. Deixe ver, uns cinco a seis quartos, sem contar o de empregada.” (p. 159)

Pode ser detectado, ainda que de modo velado, tipo de deboche contra a empregada doméstica, como no excerto fornecido a seguir:

Quando a Filó chegava era uma festa. Falava arregaçando bem os lábios, deixando ver a dentadura postiça que era uma delícia.

(...)

Dava gosto olhar o movimento em sua boca, quando Filó ia falar. A palavra queria sair, mas a dentadura frouxa atrapalhava e só deixava sair um sopro fino. (p. 27)

E no diálogo entre Cota e “Sea” Maria Amélia, que cuidavam de Fernández quando ainda menina, por exemplo, como será fornecido a seguir, podemos conferir que as “empregadas” não usam o português-padrão, como patente estratificação social. Elas não usam a linguagem padrão, que é a do patrão, como nos diz o grandioso ícone da Sociolinguística, Marcos Bagno (1961):

“- Liga não, Cota, ela num passa fome, num passa percisão, só veve trepada nos pés de pau comeno fruita.

- Mais muiê... dá pena ver os cambitos da menina. Vou perpará canjica, que é o que ela gosta.

- Mio assado assado também gosta.

- E mio cozido.

- Pamonha.

- Tará feito as galinha? Só qué comê mio?” (p. 108)

VI - EDUCAÇÃO CONSERVADORA

Nívea guardava **as linhas e as agulhas de crochê** no bauzinho de vime recoberto de babados de renda e forrado de vime de cetim cor-de-rosa. Branca fechava **o livro de orações, marcando a página com um santinho**. (p. 40)

Pena que Flora não tivesse continuado os estudos de francês. (p. 61)

Quando eu mudei para o **colégio de freiras**, me dava tanta pena ver as **órfãs** passarem com seus **vestidinhos quadriculados, cabecinhas baixas, uma atrás da outra em longa fila** silenciosa. (p. 158)

Acordei mais cedo que de costume. Era o **meu primeiro retiro**. Fui quase correndo para o colégio. Ia haver **pregação**. Saí impressionada. Podia pecar por pensamento. Meu pensamento sempre fora tão livre, ia e vinha. Agora, **o padre dizia que era preciso pôr freios no pensamento**. Pensamento de vaidade, o padre até gritara. (p. 162, grifos nossos)

Acima percebemos o rigor com que, comumente, as famílias impingiam as filhas às práticas religiosas, sobretudo ao catolicismo fervoroso. No capítulo *um abbé*, por exemplo, há uma espécie de símbolos/desenhos pedagógicos ou “quebra-cabeças” para a criançada (dos tempos do Bisavô da narradora) “treinar o francês” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 154)

VII - O SOBRENATURAL

Flora Fernández era receosa com a noite e seus barulhos, sombras e mistérios. Temia os “seres noturnos” e o que poderiam fazer contra ela, e aquilo só piorava ou corroborava sua insônia. Apreciemos, pois, os excertos comprobatórios da presença de “elementos de outro mundo”:

“Ali, o telefone, o rádio, a sariema e a arara se encarregavam de afastar os **maus espíritos.**” (p. 10)

“Tinha medo de ficar com os olhos abertos e ver o **mal que rondava** e tinha medo de fechá-los e **ficar sem defesas.**

Os barulhos da noite! Folhas que o vento arrasta, **móveis que rangem**, pisadas solitárias na calçada... Tudo anuncia o **momento terrível que vai acontecer.**

(...)

Desta vez vencera. Nenhum **demônio malvado** a derrubara no **precipício negro** nem a levava para a **caverna habitada por animais viscosos e frios.**” (p. 10)

“A menina gostava de ouvir as mesmas histórias de correrias nos campos (...), de **alma penada que gemia** na curva do caminho, do bêbado que caiu no **precipício**, de **mula-sem-cabeça** (...)” (p. 69)

“Um momento de descuido e todos os **habitantes da noite poderiam sair de seus esconderijos e vir.**” (p. 201, grifos nossos).

VIII – A RELIGIOSIDADE

Abaixo percebemos o rigor com que, comumente, as famílias impingiam suas filhas às práticas religiosas, sobretudo ao catolicismo fervoroso, de modo a cometerem certos ritos movidas pelo automatismo ou pelo receio (dos castigos dos pais, dos mais velhos ou de Deus):

(...) **Bebi meu último copo d’água, rezei o eu-pecador** e fui deitar, fazendo força para dormir logo e **não pensar vaidades**, que **tinha de receber Jesus com o coração limpo e não me preocupar, que até já ensaiara a comunhão com hóstia** sem ser consagrada e nem mastigara nem nada, e também dormindo não ia sentir mais sede nem fome. E era melhor nem lembrar que só ia poder comer e beber depois comunhão. (p. 164)

E na igreja, durante as missas, as famílias abastadas recebiam certa deferência por parte do clérigo, como vemos em: “Algumas famílias estiveram antes na Sé, retirando as plaquetinhas que identificavam os camarotes: Família Comendador Hermes, Família Dr. Jorge Fontoura, e tantas outras.” (p. 19) e “essa cadeira é das Romeu, e apontava para a plaquinha de ágata pregada no espaldar da cadeira. (...) Sentia os olhares sobre si, a neta do Dr. Romeu.” (p. 30)

IX - A CANÇÃO

Há muitas canções em *O Mundo de Flora*, e algumas são da “Velha Guarda”, por exemplo, e isso possibilita mais pessoas a se sentirem identificadas e voltadas aos seus registros da memória e do afeto ao ouvirem “Carinhoso” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 07), canção de Pixinguinha (1897-1973), ou a célebre canção de Noel Rosa (1910-1937), e sua “Estrela-d’Alva”, trecho mais conhecido de “As Pastorinhas”, presente na página 92. Ainda encontramos marchinha de carnaval, que nos motiva a cantalorar: “Tomara que chova três dias sem parar, ôi.”, no final do capítulo “festa no céu”, na pág. 123, ao passo que nos motivamos a também cantar o dístico a seguir: “- **Pra ver a banda passar/cantando coisas de amor.**” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 191), da canção de Chico Buarque de Holanda (1944) das mais conhecidas, uma das duas vencedoras, em 1966, do II Festival da Música Popular Brasileira, da TV Record.

E, como fascinante narradora, outra canção aparece, mas sob forma de diálogo, como no excerto do capítulo “crescendo e engrossando”, na página 173, em que uma costureira perguntara se ela estava namorando, depois de perceber que “Flô” estava “se enfeitando”, e em seguida, segundo suas lembranças, fizera “cara feia, franzindo a testa” e só exclamando, demonstrando não ter gostado do comentário, o que a obrigara a proferir, em seguida, à garota: “- Finge zanga, não, Flô. **Toda a menina que enjoa da boneca é sinal que o amor já chegou no coração**”, remetendo-nos a extremamente conhecida música dos compositores, Luiz Gonzaga (1912-1989) e Zé Dantas (1921-1962), “Xote das meninas”, lançada no ano de 1953.

Surge, também, em contexto hilário, a confissão de Flora que ouvia sempre um trecho da canção “Maringá”: “- Maringá, Maringá, depois que tu partiste, tudo aqui ficou tão triste que eu fiquei a imaginá”, do médico e compositor Joubert de Carvalho (1900-1977), e que fora gravada pela primeira vez em 1932, por Gastão Formenti

(1894-1974), e entendia “- **Maringá, Maringá, depois que tu partiste, tudo aqui ficou tão triste que agarrei a Maginá**”, ou seja, ela compreendia totalmente errado (fazendo surgirem gargalhadas): entendia que a Maringá estava sendo “trocada” pela Maringá.

Ainda há mais alusões ao universo musical, como duas novas passagens a seguir a serem apreciadas: “Tua irmã gosta de rapaz louro ou moreno? Nenhum dos dois. Ela acha bonito é rapaz de olho verde. Como é que você sabe? Ora, porque ela vive cantando: **Aqueles olhos verdes, que inspiram tanta calma, entraram em minha’lma...**” (p. 141) e “Era a pior chuva para gripar. Chuva miudinha que esfria até os ossos. A gente sabia disso e esperava a chuva grossa e boa para correr de braços abertos recebendo os pingos no rosto e no peito. **Tomara que chova três dias sem parar, ôi.**” (p. 123) *grifos nossos. A primeira se refere a uma canção de origem espanhola, de 1929, e que se eternizara no Brasil pela interpretação do *Trio Irakitan*, na década de 1950. Na segunda, em meio à cena fidedigna de alegria, que é tomar banho de chuva, há a marchinha carnavalesca de Emilinha Borba, lançada em 1950, *Tomara que chova*.

Não podemos nos esquecer que os geniais da música considerada erudita, como o pianista polonês e radicado na França, “Chopin” (1810-1849), e o músico francês, “Debussy” (1862-1918), também estão presentes, e podemos conferir na página 15 da obra na versão de 2007, norteadora desse trabalho dissertativo.

4.4 Um pouco da estilística envolvente gutierriana n’O Mundo de Flora

“Mas de quantos devaneios nos priva a leitura linear!” Tal exclamação fora da lavra sensível de Gaston Bachelard (1978, p. 303), em sua *Poética do Espaço*, e mais poderia estar se referindo ao estilo ziguezagueante de *O Mundo de Flora*, ou seja, é obra que nos possibilita intenso devaneio, aproveitando o silogismo por ele deixado. E assim, verdadeiramente, é o estilo narrativo vanguardista e vivaz de Angela Gutiérrez. Através da prosa comumente dinâmica e poética da autora, como apreciaremos nesse subcapítulo, conseguiremos percorrer e desvendar, através de sua linguagem verbal, imagética e sonora, um pouco mais do seu mundo, capaz de nos fazer sorrir, de nos inquietar, de suscitar nossas lágrimas e até rubificar nossa face, em reiterados átimos.

Flora desenvolve escrita eivada de intimismo, historicidade, intertextualidade, exercício metalinguístico, profusão de recursos expressivos, estrangeirismos e regionalismo, conforme vimos através das apreciações de importantes intelectuais brasileiros, no capítulo 2, e será o elemento norteador do presente subcapítulo.

A presente pesquisa será guiada, sobremaneira, pelos conceitos estilísticos da pesquisadora, escritora e professora doutora da Universidade de São Paulo (USP), Nilce Sant'anna Martins, presentes em sua obra *Introdução à Estilística*, publicada em 1989, e também pelos postulados do escritor, pesquisador e Professor doutor da Universidade Vale do Acaraú (UVA), Vicente de Paula da Silva, sobremaneira através de sua obra *Luzia-Homem – dicionário de cultura linguística*, publicado em 2021.

Antes de analisarmos a tessitura da prosa gutierreana, salientarei algumas expressões de Nilce quanto ao seu objeto de estudo, a estilística, na obra mencionada no parágrafo anterior, que deveria, segundo ela, “atingir o estatuto de ciência”, advindo do seu “objetivo de explicar os usos de linguagem que ultrapassam a função puramente denotativa, com maior exatidão e sem o propósito normativo.” (MARTINS, 1989, p. 22). E defendendo, assim, que os “elementos emotivos que entram na constituição do sentido das palavras são de máximo interesse para a Estilística.” (MARTINS, 1989, p. 78)

De sua *Introdução à Estilística* foram extraídas as expressões a seguir: “peculiaridades da linguagem” (p. 22); “expressividade da língua portuguesa” (p. 23); “procedimentos expressivos, de natureza vária” (p. 23); “tonalidades emotivas das palavras” (p. 78); “análise estilística das imagens” (p. 97); “peculiaridades estilísticas” (p. 113); “tonalidades emotivas” (p. 113); “possibilidades expressivas.” (p. 114); “efeito estilístico”. (p. 121)

Do professor e escritor Vicente Martins, profundo pesquisador e analista das produções de “interface linguística e literatura” e das “escolhas léxico-estilísticas” (MARTINS, 2021, p. 10) de diversificadas autorias, quer seja de canções da Música Popular Brasileira ou da prosa de excelsos escritores nacionais, a citar apenas quatro por ele estudados: Domingos Olympio (1851-1906), nascido na cidade de Sobral - CE; Oliveira Paiva (1861-1892), tendo nascido em Fortaleza-CE; Jorge Amado (1912-2001), nascido em Itabuna - BA; e J.J. Veiga (1915-1999), nascido em Corumbá de Goiás. Os excertos a seguir foram extraídos de sua obra *Luzia-Homem - dicionário de*

cultura linguística (2021), e nos revelam o poder surpreendente de se investigar e revelar culturemas⁴⁵, desta feita tendo sido escolhido os do romance realista-naturalista: *Luzia-Homem* (1903).

As expressões evidenciadas a seguir pertencem ao assoalho analítico de Vicente Martins, e que também nos conduzirão na tentativa da garimpagem da estilística angeliana: “termos regionais tipicamente cearenses” (p. 19); “acepção própria do falar cearense” (p. 21); “descobrir o valor cultural, fraseológico e linguístico.” (p. 25)

Os fenômenos linguísticos em *O Mundo de Flora*, assim como em *Luzia-Homem*, configuram-se em elementos poéticos e regionais (contudo devemos ressaltar que a obra de Domingos Olympio é regionalista, e a obra de Angela, em voga, resgata aspectos regionais e telúricos fortalezenses, possuindo capítulos híbridos, em que prevalecem ambiências e personagens cidadinas ou neutras), guarnecidos de conotações e criatividade. Gutiérrez ainda nos presenteia com a mescla de gêneros textuais, ou seja, com a **intergenericidade**, contemplando leitores que prezam pelo imprevisível.

Fornece, ainda, **humorismo** e **tragicidade**, em meio ao uso de **neologismos**, **superlativos** e totalmente condizentes com as **funções emotiva ou expressiva e poética**, não díspares dos conceitos de Roman Jakobson, em sua célebre obra *Linguística e Comunicação*.

Ainda que tenhamos sido guiados pelos conceitos da professora Nilce, faz-se necessário que citemos outros relevantes da estilística que, de modo indireto e - quase em automatismo -, também se fazem presentes nesse trabalho de pesquisa, como os icônicos: José Lemos Monteiro, Silveira Bueno e Cláudio César Henriques.

À essência das escolhas exploratórias da linguagem e suas manifestações de escrita, concentrando aqui nossas análises à **expressividade narrativa** de Gutiérrez, faremos análise do que nos dissera a Princesa dos Poetas do Ceará, Giselda Medeiros, em seu ensaio intitulado *O Mundo de Flora*, publicado no ano de 2008, na revista da Academia Cearense de Letras, discorrendo acerca do estilo da escrita romanesca, e faz-se necessário e assaz condizente com o cerne do presente capítulo, revelador de um pouco da maestria da prosadora Gutiérrez:

⁴⁵ Ou “referentes culturais”, são relacionados à língua e à cultura e suas escolhas léxico-estilísticas.

“A narrativa de Angela Gutiérrez quebra os padrões da linearidade, o que exige do leitor atenção redobrada para não se perder nos meandros dos solilóquios internalizados nas falas, nas emoções e pensamentos de sua personagem-narradora. Os capítulos, se assim os pudermos denominar, são marcados por frases, em sua maioria, não-verbais, que nos vão adiantando o assunto a ser narrado ou descrito. (...)”

(...) Farto emprego de expressões do linguajar popular, entremeadas à linguagem culta dos Romeu (...) Isso, a nosso ver, é um dos pontos altos do romance, o que dá suporte de veracidade dentro do ficcional. Há, portanto, um verdadeiro glossário no corpo da narrativa, propiciando-nos uma rica visão da linguagem da época em que se passa a história. Não há nenhum exagero, pois, ao se dizer que é esta ferramenta a que movimenta as ações mais interessantes, mais engraçadas e, por vezes, as mais verossímeis (...)” (MEDEIROS, 2008, p. 85 - 86)

Percebemos, pelos trechos de Medeiros fornecidos acima, sua consideração máxima à linguagem narrativa inusitada de Angela, unindo o uso dos “solilóquios”, o “linguajar popular” e a “linguagem da época que se passa a história”, ou seja, com seus léxicos marcadores, respectivamente, de confessionalismo, informalidade e anacronismo (sem qualquer conotação de crítica negativa aos tempos passadistas).

Apreciar a presente obra romanesca gutierreana e discorrer acerca do seu estilo e das suas temáticas é proporcionar ao público leitor capítulos referentes não somente às reminiscências de Flora Fernández, mas também de uma variedade de contadores de histórias, suas dicções, suas emoções, suas prosódias, seus metaplasmos⁴⁶, como a partir de alguns títulos, a citar apenas alguns: “coisa **mió**” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 84); “eu vi o fundo da **véia**” (p. 94); “E **mio** cozido” (p. 108); **prumode**” (p. 111); “**só’s**tu tua cara não tremer” (p. 117, grifos nossos) e suas díspares vivências. Deparamo-nos, portanto, com enredos comumente surpreendentes e eivados de telurismo cearense, particularidades instigantes das tramas contadas, e comumente em ares hilários, em meio a aspectos oscilatórios entre o regional e o cidadão.

São marcantes as vicissitudes dos tipos de capítulos (e predominantemente escritos com minúsculas), sendo uns muito curtos e outros maiores, e sem exatamente nexos entre eles, podendo até ser apreciados ao sabor do acaso. Há alguns que exibem anotações à guisa de diários (que eram engavetados por Flora); outros apresentam poemas, feéricos e taciturnos; canções; telegramas;

⁴⁶ Léxicos transformados pelo uso dos falantes. E, de acordo com esse fenômeno, podem ser encurtados, como em “bichim”, em vez de “bichinho”, ou ampliados, como em “amarrom” em vez de “marrom”.

convite de casamento e até receita. Já aludido anteriormente, a isso chamamos intergenericidade, e corrobora o dinamismo romanesco, conquistando plateias juvenis, retendo sua atenção (e lembremo-nos da concorrência com o uso infrene dos celulares, por exemplo, e sua vasta Rede Social), devido à linguagem acessível, aos capítulos concisos, muitos sendo independentes e do tipo “pílula”, como já aludido em similitude com a obra oswaldiana *Memórias Sentimentais de João Miramar*, e pela ruptura da obra literária considerada tradicional.

Ressalte-se o quanto a linguagem de *O Mundo de Flora* é marcada por ecletismo, exibindo prosaísmo linguístico, a destacar excertos, como: “Aí, eu **bati o pé na carreira**” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 59); “A menina, **trepada no pé de seriguela**, procurava seriguela de vez” (p. 78); “Azar; **vou lá dar gosto ao Cão!** E, **zás**, passou o sapoti **no bucho**.” (p. 122); “O calção **apertava no pé da barriga** de tal jeito...” (p. 123); “A mulher do dono, muito **luxenta** (...)” (p. 158); “**Passada na casca do alho, minha filha**” (p.180). Lemos, ouvimos e visualizamos as cenas com exímia retratação do real e da fala considerada popular, fidelizando as habituais catacreses “pé de siriguela” e “pé da barriga”; a onomatopeia, típica das histórias contadas em empolgação e com ouvintes amistosos, “zás”, e evidencie-se a expressão tipicamente cearense, “passada na casca do alho”, indicativa de “pessoa experiente”, bem como o uso do adjetivo “luxenta”, comumente usado menos para panegírico e mais para exercer crítica negativa aos hábitos fúteis e gastadores de alguém. E muitos leitores e leitoras, daqui e d’alhores, devem ter até sorrido ou se felicitado com as transcrições das corriqueiras expressões “o pé na carreira”, indicando que alguém disparou a correr; e “vou lá dar gosto ao Cão!”, ao se referir a não se importar e pegar, sim, por exemplo, o alimento caído no chão. * grifos nossos.

A erudição é também encontradiça e destacamos alguns trechos: “**Senhores, vede** agora (...)” (p. 137), “(...) nem diante do espelho meus **lábios exangues conseguem articular** um grito valente de dor.” (p. 204), reiterando a versatilidade da nossa obra em estudo, e prosa poética, como em: “**As folhas** do cajueiro **arrastadas** pelo **vento** que **parecia também dedilhar** as palhas dos coqueiros, **formiguinhas roendo as portas**, móveis que estalam, os incontáveis barulhos. (...) passos na calçada. Súbitas paradas. E **talvez leves pisadas no telhado**.” (p. 200 - 201). No último excerto há um quê do apego aos detalhes significativos (e poéticos) típicos da contística moreiriana.

Reiteramos, pois, a estilística literária envolvente da narrativa de Fernández, exibindo narratividade que mescla o coloquial e o refinamento poético e, como também já mencionado em outros trechos da pesquisa, ainda se valendo de comicidade ou humorismo. Citemos novos trechos comprobatórios do prosaísmo linguístico da protagonista: “- Flô, **tá mouca, tá** com meia hora que te chamo **pra** jantar, menina.” (p. 93); “Foi um destempero, todos **mangando**, (...) Flô não botou **o rabo entre as pernas**” (p. 105). E presenteia-nos com excertos líricos e neossimbolistas, como “De dentro da **névoa** das lembranças mais **remotas**, um **sonho** que se repetiu muitas vezes. Tantas que tinha **medo de dormir e vir de novo.**” (p. 47, grifos nossos) Indubitavelmente revitalizam expressões e fraseologias típicas da cearensidade, como em “mouca”, “mangando” e “rabo entre as pernas”.

Apreciaremos mais índices de **cearensidade** da obra, por merecer grande registro nesse trabalho dissertativo, em diapasão analítico, como amplamente fora destacado pelo maior conhecedor e pesquisador da Literatura Cearense, sobretudo oitocentista, o professor e escritor Sânzio de Azevedo (1938).

Desse modo, urge que sejam enaltecidas novas transcrições angelianas comprobatórias da insigne **linguagem cearense** (ou uso do “cearensês”):

“Sussurravam: sorte da Alaíde já quarentona **sair do caritó**” (p. 16);

“Olinda, **apura a vista**” (p. 16)

“ouviu a voz esganiçada da lavadeira estendendo a **roupa para quarar.**” (p. 78);

“Luísa tá **buchuda**” (p. 78)

“**pixota**” (p. 79)

“**puxavante de cabelo**”. (p. 79)

“friozinho no **pé da barriga**”. (p. 79)

“A avó dizia, essa menina tem o **olho maior do que a barriga**, a Luísa toda vida falava que **estava com o coração na mão**” (p. 69)

“deu uma **mãozada**”. (p. 94)

“que ficaram **cacundas**”. (p. 94)

“Eu vi o **fundo da véia**”. (p. 95)

“Ninguém ia **mangar dele**, nem **fazer de gato e sapato** só porque o menino (...)” (p. 73)

“*Apois, o home só anda de **facão nos quarto. Cabra perigoso. Reimoso.***” (p. 104)

“O menino fazia o que lhe **desse na telha.**” (p. 149)

“Num já dixeu que a menina é **cagada e cuspidada** a mãe dela? Quando **encasqueta** uma coisa...” (p. 105)

“A menina derramou algumas lágrimas sobre a areia, à sombra da mangueira, e depois saiu correndo porque a mãe chamara: Flô, **a merenda!**” (p. 136)

São expressões familiares, até para o leitor ou leitora não cearense, como em ser avisada a hora do lanche ou a hora da “merenda”, como no último excerto, e que podem revelar, em seus devidos contextos, espontaneidade ou atrevimento, como em “fazia o que lhe desse na telha”; comicidade, como em “olho maior do que a barriga”; ímpetos de violência, como em “Cabra perigoso”, com o “facão nos quarto” ou receber um “puxavante de cabelo” ou uma “mãozada”; zombaria ou difemismo, como no ato de “mangar dele”; chamar de “pixote” ou de “véia”. Há também tom proverbial ou de adágio, como em “cagada e cuspidada”, sendo a versão nordestina de “Encarnado e esculpido” ou “Esculpido em Carrara”.

As expressões inegavelmente regionais ou onustas de **cearensidade**, também acabam por revelar usos e costumes, credences e superstições, evidenciando incontestável telurismo, através da narratividade da Flora ou das *personas* por ela reavivadas, através de frequentes discursos diretos ou diálogos, como tendo sido dos seus familiares ou das funcionárias domésticas com quem havia convivido ou personagens que fora recompondo através das conversas e histórias ouvidas, bem como as suas lembranças, a destacar: “Tem que ser **de cum força**, Flô” (...) “**Flô, num aponta pras estrelas, que é pra num criar berruga**. Tá cum defluço? Mastruz” (p. 144)

Apontar para o céu e criar “berruga”, ou verruga, ou ao sabermos que ingerir “mastruz” é bom para amenizar enfermidades, como o “defluço, ou defluxo, são algumas das sapiências populares que nos chegam como verdadeiros presentes pela nossa narradora e seus protagonistas que vão saltando dos tão diversificados capítulos.

Poderíamos exibir um inventário do uso de expressões populares ou ricas em cearensidade, entretanto transcreveremos só mais alguns exemplos de relevo, como nos trechos que se seguem:

“Quer que ele fique **mofino?**” (p. 95)

“- Ô **menina biqueira!** (...) Pra comer é **cheia de nó pelas costa**. Óia, **estruuiu o decomê** todinho” (p. 108)

“O pai dizia: não liga, minha filha, **não dê cavaco**.” (p. 160)

“Cadê **as cara-de-pau?**” (p. 171)

“- Tou **boazinha da silva**, vovô.” (p. 143)

“**Apois bem, no enquanto** os forasteiros bebiam água (...)” (p. 220)

“**Me alembrou** o olhar da velha” (p. 219)

“- Coronel, nós viemos pedir água, que **nós caminhemo muitas léguas** nesse sertão de Deus **sem vê** um fiozinho de água que desse pra tragar uma **piula**.” (p. 220)

“**Doutô, uma dô no peito** que **arresponde na cacunda**.” (p. 224)

Podemos conferir excertos comprobatórios do **prosáismo linguístico** e do **uso metaplasmativo** cearense acima, como em “Óia”, apresentando a subtração de “olha”; “alembrou”, sendo adição de “lembrou”; “estruuiu”; em vez de “destruiu”; “decomê”, em vez de “de comer”, em referência ao alimento, e mais devemos destacar: “Apois”; “doutô”, “dô” e “piula”, metaplasmo de subtração de “pílula”. Ainda virão outras passagens eivadas de espontaneidade linguística e marcações de regionalidade, ao longo da dissertação, e todas têm sua razão e beleza. Não se pode deixar de louvar o fato de existirem solecismos (“erros” de concordância e de regência), como em “pelas costa”, “nós caminhemo”, “sem vê” e a nossa narradora, assim, registra e eterniza a fala das gentes consideradas mais simples e muito engrandecedoras do nosso português não padrão e do nosso país, múltiplo e vibrante.

Devemos enfatizar, no capítulo “**igia, mãe**” (p. 116), exercício missivista, metalinguístico e que apresenta o costumeiro diálogo entre os gêneros textuais. O primeiro parágrafo é tipicamente narrativo e logo nos saltam aos olhos uma carta que a personagem Lelé pede para ser lida por “Florzinha”. O remetente era seu filho embarcado. E que deveria ser lida “debaixo do pé de pau”, pois era “mais assossegado”. Eis fragmento comprobatório do viés epistolar ou de missiva que nos surge: “**Mamãe, escrevo essas linhas para contar minhas notícias e para saber as suas. Mamãe, aqui no Luís Boa o pessoal fala muito arrevesado. Igia, mãe, todo o mundo enfarpelado, mas fala tudo errado.**” *grifos nossos.

Revisitaremos, agora, excertos comprobatórios do uso de **estrangeirismos**. Eles permeiam o romance angeliano em voga, exibindo o **latinismo**, como em “De gustibus et coloribus non est disputandum.” (p. 67), que além de estar no início do curto capítulo, nomeou-o; o inglês (e ressalte-se o capítulo “methodo Stott”, nas páginas 59 e 60, os “modernos preceitos pedagógicos” para

“ensinar a ler, escrever e falar a língua inglesa”); o **espanhol**, como na pequena carta em resposta ao telegrama (escrito em espanhol e que anunciava o falecimento do recém-nascido de Flora Fernández), assim assinada, eivada de amargura: “Con inmensa tristeza, Mamá.” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 196) e o **francês**, como em “Flora, a silhouette de uma dama é o retrato de seu caráter.” (GUTIERREZ, 2007, p. 62) ou em “- A abolição, ma soeur. A Princesa assinou a Lei Áurea.” (GUTIERREZ, 2007, p. 160)

O uso do **galicismo** é recorrente e comumente o reforçamos também, de certa forma, pelo *modus vivendi* extremamente afrancesado das gentes da Fortaleza antiga, que o entendia como “uma certa nobreza de tom, ah, o ar solene e distinto” (p. 61) presente nas escolas, nas lojas, na moda, na arquitetura e, claro, evidenciaremos trechos galicistas: “- Voulez-vous du lait, madame?” (p. 61)”, “(...) la Cour des Miracles pelas ruas” (p. 137), e até encontramos **títulos de capítulos em francês**, como em “la vue de la mort” (p. 60), “Le Français sans Peine” (p. 127) e “ma soeur” (p. 159) e **poeticidade, metaforizações sinestésicas**, não podendo prescindir da alusão a “Surpreendia a maciez de sua fala” (p. 159), bem como **latinismo** “a voz respondendo aos Dominus tecum e orate frates do padre” (p. 112) e **neologismos**, como em: “- Seu Chaga, remédio só tem para desadoecer?” (134), “Ainda bem que era Floralva só na igreja” (p. 145) e “O diretor vai estrilar.”(p. 183)

Reforçaremos um pouco mais do **galicismo** e o **latinismo** através do elenco a seguir:

“(...) as filas se organizavam comme il faut” (p. 31) (galicismo)

“- Elle est assise. Elle est très Jolie. Talvez as únicas palavras que aprendera nas aulas de francês eram sua forma de me cumprimentar.”(p. 79) (galicismo)

“Madame, si vous tenez medê du boi bravê, entrez (...)” (p. 50) (galicismo em comicidade)

“Echanté, enchanté.” (p. 17) (galicismo)

“Consummatum est.” (p. 200) (latinismo)

“Na hora da missa, ao lado da mulher, alteava a voz respondendo aos Dominus tecum e orate frates do padre. As vitalinas se tocavam com os cotovelos. Rum.” (p. 112) (latinismo)

Fragmentos que, além de nos revelarem **estrangeirismos** enriquecedores, ainda nos possibilitam cenas com ares hilários e quase catárticos, deixando mais leves os(as) leitores(as), diante de cenas soturnas existentes no presente romance, como fora estudado no capítulo anterior, dos temas, como o da recorrência da morte.

E mais ainda há, em outros excertos, de nítido **humorismo** ou **comicidade** em sua escritura, como podemos constatar imediatamente abaixo:

“Tamanho cavalão do rio da Prata, fazendo xixi na cama!” (p. 104)

“Amarelo você é, mas empambado é não.” (p. 72)

“O velho, naquele tempo em que Adão era cadete, era moço e viera (...)” (p. 96)

“Todo mundo que entrava: quem é o mijão? Os meninos rodeando o colchão. Fum, fede!” (p. 105)

“Lá vinha a Rita com sua boca de biquara.” (p. 123)

“Miss Brasil de cambito.” (p. 162)

“Os vestidos estão tudo jiqui.” (p. 173)

“(...) já marquei o dia e a igreja: 30 de fevereiro, dia de São Nunca, na missa de inauguração da Catedral.” (p. 181)

Como apreciamos acima, são fragmentos que nos trazem **ares cômicos**, como as expressões: “tempo em que Adão era cadete”, em referência a um tempo bem distante; “mijão”, para quem deixava urinado (e fedorento) o colchão em que dormia; “Rita com sua boca de biquara”, em referência ao uso que ela fazia, costumeiramente, do batom muito vermelho, sendo essa uma metáfora já desgastada, quase uma catacrese, em comparação implícita com o peixe “biquara”, tipicamente litorâneo nordestino, de coloração rosada e lábios avantajados; “amarelo empambado”; termo pejorativo ao ser excessivamente pálido. Muitas delas reiteram, no entanto, marcações da linguagem estigmatizada cearense em situações de reprimenda ou ofensa. A expressão “jiqui”, por exemplo, nos remete a uma roupa muito apertada.

O Mundo de Flora é obra assaz usuária de expressões populares, como vimos acima, e também apresentadora de fartos **painéis conotativos**, imersos nos **recursos expressivos** basilares e norteadores das nossas impressões de leitura em harmonia com as sensações vividas ou lembradas por Flora Fernández e/ou suas personagens em voga. Os excertos a seguir elencarão algumas figuras de linguagem recorrentes na obra angeliana:

“Falava muito, balançando os braços cheios de pulseiras de ouro. **Tininim, tininim**, as pulseiras acompanhavam o alarido de sua fala.” (p. 149) (onomatopeia)

“A boca vermelha se contorcia amargurada, contendo por instantes a **magnitude torrencial de suas queixas**.” (p. 23) (hipérbole)

“Surpreendia a **maciez de sua fala**, que nunca alteava ne mudava de tom.” (p. 159) (sinestesia)

“Magrela. Era mesmo. **Não importa. Gangelona hoje, beleza clássica amanhã.**” (p. 162) (antítese)

“Aí, eu bati o pé na carreira, mas não parava de ouvir gente falando, gente **rindo, rindo, rindo** de mim. Tá ouvindo, Cota?” (p. 59) (epizeuxe)

“Se o coroinha o puxava pela **manga**’, já sabia que devia pular alguém na mesa da comunhão.” (p. 116) (catacrese)

“buscava levantar-lhe a cabeça teimosamente **enterrada** no peito.”(p. 168) (catacrese)

“O Sr. Cotrim, cavalheiro de respeito, da **mais fina flor da sociedade** local, levar bengaladas (...)” (p. 128) (hipérbole e metáfora)

“Só ouvia, e também, lia, (...) os anúncios de **Modess** (...)” (p. 174) (metonímia)

“Às vezes, de tardinha, mergulhava com Diego no mar morno **como** lençóis aconchegantes em noites de vento de agosto.” (p. 216, grifos nossos) (símile)

O ato de singrar os mares de Flora Fernández e desbravar seus intensos e díspares mundos é, essencialmente, saber aliar o lúcido ao lúdico; a vida e a morte; o citadino e o regional; o expressivo-emotivo e a intrepidez estética; a canção antiga às crenças populares; os telegramas e os Maracatus; *Berceuses* e Lampião. E há poemas. Muitos.

A narradora também não prescinde de relatar cenas do cotidiano familiar, e do quanto retratou átimos cândidos, por exemplo, em Matosinhos, fazendo-nos visualizar “levava a cadeira de balanço e o violão para fora e, sob o teto de estrelas” (p. 65), cantavam canções bem antigas. Sempre acabava adormecendo apoiada nas pernas dele, o seu adorado papai.

A relação de afeto entre pai e filha também é fulcral da admiração e fidelização do público à prosa gutierreana, ao seu estilo mavioso, justamente nos tempos correntes em que tanto se carece e se quer granjear discursos de amor e não mais de ódio.

Encerro, pois, esse último subcapítulo, com reflexões necessárias e atemporais deixadas pela protagonista, tornando a escrita - para além das análises dos seus recursos expressivos, linguísticos e estilísticos - um libelo de existência plena, e como ares de aforismo: “A vida é simples, para que complicar? Viva o dia de hoje, amanhã é outro dia.” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 165).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Instigada pela necessidade de tornar *O Mundo de Flora* e sua autora, Angela Gutiérrez, cada vez mais difundidos, visando também, por extensão, à ampliação do número de leitores da própria grandiosa literatura cearense, a presente dissertação, tendo realizado análise da obra à luz da Topoanálise de Gaston Bachelard, cingindo sua *Poética do Espaço* à Geografia Literária e à Estilística da autora, me permitiu desfrutar misto de sentimentos: primeiramente de júbilo, por ter conseguido contemplar os objetivos fundantes, e que em seguida me atravessam certezas, contudo, de que muito há, ainda, a ser apreciado na obra escolhida, de minha tão grande admiração.

Percorremos os espaços geoafetivos primordiais de Flora Fernández, verdadeiramente personagem topofílica, isto é, que possui relação de afeto com o lugar onde vive, realizando o percurso de suas reminiscências, tristes e felizes, materiais e imateriais, e buscamos conhecer sua topografia em verticalidade, que vai muito além do Centro e de Matosinhos (Mondubim). Identificamos similitudes entre sua poeticidade, originalidade de escrita e reflexões quanto às minudências do existir e às percepções dos pequenos seres à sua volta, aos pequeninos e surpreendentes fenômenos captados e capturados pelas retinas fenomenológicas de Bachelard ante aos mundos, todos eles, sobretudo os mais recônditos, em predileção, para que sua topoanálise se cumpra.

Flora, o principal “sujeito da enunciação”, como nos ensinou o linguista lituano Greimas, nos fornecera as bases para a realização da topoanálise do casarão, seu espaço primordial inicial, requintado e imponente, e, depois, o sítio - distante e aprazível – e que fora por nós palmilhado, assim como subimos nas mangueiras e sapotizeiros e vimos a “lagoa sangrar”. Ambos são espaços eivados de sonhos, perdas e reconstruções.

Felicitei-me com o rico levantamento da fortuna crítica existente acerca da nossa poeta, prosadora, pesquisadora e palestrante Angela Gutiérrez e, sobretudo, o quanto ela e seu romance de estreia, são ovacionados pelos grandes intelectuais do nosso Estado e com grande alcance nacional, recrudescendo meu fascínio pelo *Mundo de Flora*.

Também me congratulei com a pesquisa realizada acerca de outros autores e autoras que também trouxeram Fortaleza dos tempos de outrora aos cenários dos

seus parágrafos, estrofes ou telas - embora muitos autores e suas obras não tenham sido contemplados.

No binômio espaço-tempo fornecido pela supracitada obra angeliana, é perceptível o quanto a cidade fortalezense vivia os ritos do patriarcalismo, não somente pela existência do casarão ou pela menção a personagens arraigados a costumes eurocêntricos ou devido à repetição dos nomes dos membros da família tradicional, mas também pela presença de terríveis males estruturantes da nossa cidade, como o machismo e o racismo.

Configurou-se, desta forma, um itinerário de espaços reais e imaginários, citadinos e periféricos, sensibilidades e isotopias, evidenciadoras do poder mágico da leitura, assim como as manifestações da morte; a cisão entre as classes sociais, a religiosidade, a educação aos moldes eurocêntricos e outras temáticas recorrentes da “voz narrativa”, como nos diz José Leite Jr, em seu artigo *Violência e resistência no discurso de Saramago: anotações semióticas*, de 2015, e, assim, das distinções e atribuições inegáveis ao papel social da mulher e do homem, bem como a constatação da infância como um período de ludismo e certas peripécias menos encontradiças hoje, nos espaços urbanos.

Foram resgatadas, então, fortes subjetividades, a relação entre natureza e cultura, visualidades da Cidade de Fortaleza que transcendem os registros fotográficos e fílmicos, recriados pela verve da autora cearense, tão afeita à minúcia resgatadora, ao mesmo passo, da alteridade. Imiscuem-se, assim, paisagens e *personas* construídas ao sabor da poeticidade e da criação literária às paisagens historicistas, de modo a favorecer verossimilhança, onirismo e percepções identitárias ao leitor.

Entristeço-me, pois, ao saber que nem o casarão do Bisavô de Flora Fernández, nem o casarão do Bisavô de Angela Gutiérrez, que ora se vivificam e se entrelaçam em meu coração e na minha escrita, assim como tantos casarões da cidade de Fortaleza, relíquias de tempos que nunca mais terão retorno, igualmente inexistem, e me vem à mente a inquirição: na toponímia do centro de Fortaleza e de Mondubim atuais ainda há quantas edificações e árvores centenárias? E quantas meninas, como Flora, esperam seus pais para os virem e ouvirem tocar modinhas nos violões? E quantos ainda têm bibliotecas majestosas em casa e pianos de calda na sala? Indagações utópicas e retóricas, contudo aspirantes a reflexões e, quem sabe?, a (re)tomadas de consciência acerca do quanto somos deletérios contra elementos

admiráveis e repetitórios e miméticos de elementos que minimamente nos engrandecem.

Constatee, sobretudo durante a visita realizada ao bairro do Mondubim na manhã do dia 7 de outubro deste 2023, para me sentir um pouco mais inserida e adensada no itinerário de Flora, o quanto a natureza daquele lugar há muito vem sendo exaurida e o quão pequeno é o número de residências com as características arquitetônicas passadistas, exibindo cada vez menos platibandas, muros baixos, cobogós antigos e “boca-de-jacaré”, destoando do que a condutora da trama nos apresentou.

E quanto ao Centro, visitado reiteradas vezes ao longo dessa pesquisa, infelizmente, é cada vez maior o abandono das casas ou casarões oitocentistas, muitos deles tendo restado apenas as platibandas encobertas por letreiros indicativos de que, ali, agora, há um estacionamento. Assim como há cada vez menos árvores e número elevado de pessoas em vulnerabilidade social, à mercê das ruas.

Foi extremamente relevante, a partir dessa dissertação, ter tido o conhecimento de contas no Instagram que têm predileção pelo ideário preservacionista das edificações antigas de Fortaleza, a citar algumas: @centreiro; @fortalezaantigamente; @fortalezasemmemoria e @fortalezanobre. Reforcemos, então, o imprescindível curso de Formação de Mediadores de Educação para Patrimônio, promovido pela Fundação Demócrito Rocha, e os cursos e concursos promovidos pelo criador de conteúdo digital sobre patrimônio cultural e museus, Adson Pinheiro, responsável pela conta do Instagram, @adson_pinheirocultura.

Antes de vir, de fato, a peroração dessa dissertação, peço que reflitamos acerca da afirmação do genial crítico literário, sociólogo e professor brasileiro Antonio Candido (1918-2017): “A obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição”, pertencente ao seu genial *Literatura e Sociedade* (1965). Atesto, pois, que Angela Gutiérrez, não somente em *O Mundo de Flora*, mas nas suas demais obras literárias, em prosa e verso, nos discursos emblemáticos já proferidos (e nos que estão por vir), como o de ter sido a primeira mulher à frente da presidência da Academia Cearense de Letras (ACL), nas palestras e enquanto fora professora e gestora da UFC (dentre outras funções, fora fundadora e primeira coordenadora do nosso PPG-LETRAS), sempre usara sua voz, fôlego, inteligência e intrepidez para combater autoritarismos, discursos de ódio e quaisquer perdas culturais, humanas e artísticas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das Cidades. **Rev. Faculdade de Letras – Geografia I** série, Porto, Vol. XIV, pp. 77-99, 1998.
- ANDRADE, Oswald de. **Memórias Sentimentais de João Miramar**. São Paulo: Globo, 2004.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 31. ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- AZEVEDO, Sânzio de. **Novos ensaios de literatura cearense**. Editora UFC: Casa de José de Alencar - Programa editorial, 1992.
- AZEVEDO, Sânzio de. O novo romance de Angela Gutiérrez. **Revista da Academia Cearense de Letras**, Fortaleza, v. 106, n. 61, p. 18-20, 2006.
- AZEVEDO, Sânzio de. **Entrevista com Angela Gutiérrez**. Projeto Histórias MIS. Museu da Imagem e do Som do Ceará. Entrevistador/Revisão: Sânzio de Azevedo. Transcrição: Angelique Abreu. Fortaleza, 9 maio. 2009. Disponível em: https://mapacultural.secult.ce.gov.br/files/agent/8219/hist%C3%B3rias_mis_compressed.pdf. Acesso em: 10 ago. 2023.
- BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. *In: Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção *Os Pensadores*)
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Devaneio**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fortes, 1996.
- BENEVIDES, Artur Eduardo. Apresentação. *In: GUTIÉRREZ, Angela. O Mundo de Flora*. Fortaleza: UFC – Casa de José de Alencar. Programas Culturais, 1990. p. 9.
- BARBOSA, Diego. **Livro “O Mundo de Flora”, de Angela Gutiérrez, completa 30 anos**. Diário do Nordeste, Fortaleza, 30 ago. 2020. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/livro-o-mundo-de-flora-de-angela-gutierrez-completa-30-anos-1.2982738>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- BORGES FILHO, Ozíris. Espaço e literatura: introdução à topoanálise. *In: XI Congresso Internacional da ABRALIC*. Tessituras, Interações, Convergências. 13 a 17 de junho de 2008. USP, São Paulo, 2008.
- CAMINHA, Adolfo. **A Normalista (cenas do Ceará)**. São Paulo: Ática, 1998.
- CAMPOS, Eduardo. **Três Peças Escolhidas**. Fortaleza: Edições UFC, 2007.
- CAMPOS, Natércia. **A Casa**. Fortaleza: Edições UFC, 2004.
- CAMPOS, Moreira. [Correspondência]. Destinatária: Angela Gutiérrez. Fortaleza, 22 mai. 1987. [Carta manuscrita].

CAMPOS, Moreira. **Apresentação do romance O Mundo de Flora no lançamento, no Ideal clube**. Fortaleza, 1990. [Documento inédito]

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 1ª. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

CARVALHO, Gilmar. **Artes da Tradição – mestres do Povo**. Fortaleza: Expressão Gráfica / Laboratório de Estudos da Oralidade UFC / UECE, 2005.

CORDEIRO, Grecianny Carvalho. Discurso pronunciado pela acadêmica Grecianny Carvalho Cordeiro, como oradora oficial, na solenidade de entrega da medalha Antônio Martins Filho à profa. Dra. Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez, pela Academia Fortalezense de Letras, no Palácio da Luz, em 16 de outubro de 2019. **Revista da Academia Cearense de Letras – ANO CXXIV – v. 80, 2019, p. 277-283.**

CAVALCANTE, Tiago Vieira. **Geografia literária em Rachel de Queiroz**, 2016. Tese de doutorado. Rio Claro, 2016.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. 159 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3 Curitiba: Editora Positivo, 2004, 2120 p.

FILHO, Linhares. **Uma leitura de Canção da Menina**. Revista da Academia Cearense de Letras, v. 52, p. 37- 48, 1997.

GURGEL, Nádyá. A primeira mulher a ser empossada Presidente da Academia Cearense de Letras (ACL): Angela Gutiérrez. In: SILVA, Fernanda Diniz da et al (org.). **Literatura em cada canto do Ceará**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019. p. 165-169.

GURGEL, Nádyá. Três Musas Cearenses: Ana Miranda, Angela Gutiérrez e Giselda Medeiros. In: SILVA, Fernanda Diniz da et al (org.). **Perfis de Mulheres Cearenses**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2018. p. 181-188.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS. **Dicionário de Semiótica**., 2008.

GUTIÉRREZ, Angela. **O Mundo de Flora**. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

GUTIÉRREZ, Angela. **Canção da Menina**. Fortaleza: Edições UFC, 2020.

GUTIÉRREZ, Angela. **Luzes de Paris e Fogo de Canudos**. Fortaleza: Edições UFC, 2006.

GUTIÉRREZ, Angela. **Sinos da Encarnação**. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

GUTIÉRREZ, Angela Maria Mota Rossas de. A eterna menina e o diálogo em dia de festa: plenitude de vida em mundos revistados. **Rev. Entrevista**, Fortaleza, n. 21, p. 98-117, mai. 2009. Entrevista concedida a Andréia Oliveira Costa, Alan Santiago,

Chico Célio, Débora Maria Moura Medeiros, Bruno Reis, Edgel Joseph Teles Correa, Emanuele Sales, Henrique Araújo, Luar Brandão, Lívia Eveline de Almeida Nunes e Roberta Félix. Disponível em:
https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/35861/1/2009_art_ammrgutierrez.pdf. Acesso em: 15 ago. 2022.

HERNÁNDEZ, Fernando Gutiérrez. De la casa a los espacios íntimos a partir de la description fenomenológica de Gaston Bachelard. *In: Bitacora arquitectura UNAM*. DOI: 10.22201/fa.14058901p.2016.32.56194. Acesso em: 10 ago. 2023.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1989.

KATAOKA, Ayla Maria Diógenes, **O Mundo de Flora: a infância através do olhar arguto de uma menina**. 2009. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Departamento de Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza-CE, 2009. Disponível em:
<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/2799>. Acesso em: 26 jul. 2022.

MATOS, F. DE O.; VASCONCELOS, F. P. O Litoral de Fortaleza e o Planejamento Urbano na Primeira Metade do Século XIX a partir das Plantas de Silva Paulet e Simões de Farias. **Revista Brasileira de Cartografia**, v. 63, n. 4, p. 489-499, 11.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LUZ, Eduardo. **Como fumaça erguidos: ensaios**. Fortaleza: Premium, 2010.

MEDEIROS, Giselda. **O mundo de flora**. Disponível em:
https://academiacearensedeletras.org.br/revista/revistas/2008/ACL_2008_019_O_mundo_de_Flora_-_Giselda_Medeiros.pdf. Acesso em: 26 jul. 2022.

MONIZ, António Manuel de Andrade. **O mundo de Flora – Sob o signo do medo**. Lisboa. [Documento inédito]

MONTEIRO, Túlio. As Técnicas da Intertextualidade no livro “O Mundo de Flora”, da escritora cearense Angela Gutiérrez. **Literatura e Jornalismo com Túlio Monteiro. Fortaleza**, 14, janeiro. 2020. Disponível em:
<https://tuliomonteiroblog.wordpress.com/2020/01/14/as-tecnicas-da-intertextualidade-no-livro-o-mundo-de-flora-da-escritora-cearense-angela-gutierrez/>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

MORAES, Vera Lucia Albuquerque de. Entre ensinar e deleitar: a arte de contar histórias no romance O Mundo de Flora. *In: Revista Eutomia*. Ano II. n. 1, p. 665-673, 2009.

OLIVEIRA, Jorge Leite. Topoanálise das obras Esaú e Jacó e Memorial de Aires: a arquitetura textual machadiana. **XII Congresso Internacional da ABRALIC**. 18 a 22 de julho, 2011, UFPR, Curitiba, 2011.

PAIVA, Manoel de Oliveira. **A Afilhada**. São Paulo: Ed. Anhambi, 1961.

PARDAL, Paulo de Tarso. **A polifonia d'O mundo de Flora**, de Angela Gutiérrez. [Documento inédito]

PAULA, Marcela Magalhães de. **De cafres e de cafajestes**: fluxos e refluxos de personagens no Atlântico Sul. Fortaleza: Premius, 2014.

SALGUEIRO, Pedro. **Fortaleza Voadora** (crônicas). Fortaleza: Imprece, 2007.

TEÓFILO, Rodolfo. **A fome**: cenas da sêcca do Ceará, 1890.

APÊNDICE A

Aqui externarei um pouco mais do afeto que tenho pela autora e amiga Angela Gutiérrez, apresentando um ensaio (ou tentativa de) referente ao dia 08 de maio de 2023, quando realizei encontro com ela, em seu apartamento, propiciador de esplêndida vista para os “verdes mares bravios” alencarinos, e com ares de entrevista, ainda que sem microfone ou gravador. Segurando apenas um caderninho e uma esferográfica, e torcendo para que o telefone celular tivesse memória para registros fotográficos, estava minha pessoa ali, ávida leitora de suas obras (em prosa e em verso) e, sobremaneira, estudiosa d’ *O Mundo de Flora*, há vários anos, e fã. A maior parte da nossa conversa fora em sua biblioteca, e tivemos pausas para almoço e lanche da tarde.

Eis, portanto, o ensaio-relato, de minha autoria, de entrevista iniciada com a *Primeira Mulher a ser Presidente da Academia Cearense de Letras*:

A DONA DAS FLORAS

Após dezesseis anos de amizade, que se intensificaram no terrível e histórico período pandêmico, sobremaneira quando da penúltima tentativa de seleção de Mestrado abordando *O Mundo de Flora*, e àquela altura sendo à luz da Geografia Literária, e não mais à luz da Literatura nem da Linguística, foram reiteradas as trocas de mensagens via *WhatsApp*, os *telefonemas*, os *e-mails* em que eu enviava minhas últimas análises da obra e até *lives*, via Instagram, realizamos juntas (como consta no *card* presente no *corpus* da dissertação) e não seria, ainda, naquele pesadíssimo 2020, primeiro ano de instalação do atroz COVID-19, que eu sairia vitoriosa na supracitada seleção de Mestrado da Universidade Federal do Ceará (UFC). O sonho havia ficado para o ano seguinte, com outro Projeto, para outro Programa de Mestrado, também na UFC, agora abordando *O Mundo de Flora* à luz da Semiótica Literária, no PPG-LETRAS, e fora o projeto que tivera êxito, em 2021.

Durante a Orientação da presente dissertação, o excelso Professor Leite Junior percebera e anunciara que a minha pesquisa havia seguido itinerário distanciado da Semiótica, do lituano Julien Greimas, e seguira os horizontes poéticos da Fenomenologia do Espaço, do francês Gaston Bachelard, e sempre às voltas com o ideário preservacionista do que ainda resta do patrimônio arquitetônico da Fortaleza

do século XIX. Mudança da Linha de Pesquisa que fora, verdadeiramente, a guinada que a minha produção acadêmica necessitava.

Quando Gutiérrez soubera da supracitada alteração da pesquisa greimasiana para a pesquisa bachelardiana, ela aprovava imediatamente, pois sempre intuía que minha verve é mais direcionada à literatura e menos à linguística, mas sem que significasse menosprezo às questões semioticistas apreciadas, de tal forma que ainda permaneceram e permanecerão termos e expressões herdadas do *Dicionário de Semiótica*, de Algirdas Julien Greimas. Sorrisos e alívios sentimos.

Novos telefonemas, novas rotas (metafóricas e reais, eis que Angela acabara - nesse ínterim - por se mudar da sua afetiva e histórica “Casa-Livro”, situada no bairro Meireles, também em Fortaleza-CE, para o apartamento - anteriormente mencionado - e que logo mais viria a ser, também, local de muita felicidade), novos itinerários fiz conduzida por Flora Fernández e com fluidez e leveza eles foram se entrelaçando ao espaço filosófico e poeticíssimo de Gaston Bachelard.

Concomitantemente a essa mágica alternância de visão nos bastidores da pesquisa e da escritura, vieram, também, enfermidades e perdas em nossas famílias, devido à horrenda pandemia, naquele seu segundo ano de vigência, e a vacina ainda estava por chegar, tendo sido negligenciada e atrasada pelo então Presidente da República Federativa do Brasil, negacionista e isento de empatia, daquele tempo, e que fora derrotado nas eleições de 30 de outubro de 2022, quando do segundo turno, conseguindo o feito de ter sido o primeiro Presidente do Brasil, depois da redemocratização, a não ser reeleito.

Ventos de indubitável bonança, real e felizmente, começaram a soprar e, finalmente, na oitava tarde de maio de 2023, sendo um dos maiores presentes antes da presente qualificação, realizei a tão esperada visita - das 11h às 18:10 - com ares de entrevista afetuosa, fora a primeira (e desejo profundamente que logo mais nós nos reencontremos muito felizes como na primeira). Foram horas de muita prosa, livros que iam e vinham da sua linda biblioteca, obras autografadas sendo presenteadas, placas de premiações sendo tocadas e fotografadas, verdadeiras relíquias sendo mostradas, sob forma de esculturas, pinturas, santos, louças, cristais, porta-retratos, memorabilia. E, claro, renovei minhas fotografias com ela e fiz filmagem nossa de sua ampla varanda, de frente para o exuberante Mar de Iracema.

No entanto, para a minha total desolação, no dia seguinte da minha ida ao seu apartamento, Angela Gutiérrez passara mal, tendo que ficar na Unidade de

Tratamento Intensivo (UTI) e de lá só sairia depois de vinte dias. Fora um total desespero para mim, enquanto amiga, fã e pesquisadora. Senti-me enfermiça também. Atesto, pois, que só voltarei a ficar bem quando ela estiver totalmente recuperada.

Acalento-me em saber que voltamos a conversar pelo telefone e que ela está melhorando e é comovente saber que, ao ter estado com ela, naquele ínterim de final de manhã e introito da noite, vi outros espaços do romance se descortinando para mim, ali, desde a sua sala, através da apreciação dos quadros de suas incríveis obras, como as assinadas pelo pintor cearense Estrigas⁴⁷ (1919-2014), que fora seu vizinho, quando fora residir no bairro do Mondubim (assim como Flora fora residir em “Matosinhos”), autor das capas de *O Mundo de Flora*, e pelo pintor cearense Descartes Gadelha (1943), autor de outras capas angelianas, como a obra poética *Canção da menina*, publicada em 1997. Confesso que os espaços e os objetos do seu apartamento pareciam mágicos e me remetiam às páginas dos livros lidos e vividos pela autora ou por Flora Fernández e se iluminavam para mim, tal qual a encontramos, fascinada, no romance, ainda pequenina, por Dante Alighieri ou por Alexandre Dummas.

Ela, sempre alegre, elegante e com maciez e clareza na voz, sorria fechando os olhos, enquanto eu escrevia trechos do que acabara de proferir quanto às suas influências literárias ou lia os autógrafos das obras de sua autoria que eu só havia lido emprestado de outrem e que, a partir daquele átimo, seriam minhas. Todas minhas. Eu estava diante, realmente ao vivo e em cores, de suas leituras e releituras de *Grande Sertão: Veredas*, da sua admiração e coleção da produção contística de Moreira Campos e cercada por poemas de Pessoa e de Bandeira. E que adoráveis prateleiras (com ares de armários sem portas) de madeira laqueada na cor cinza eu pude apreciar, verdadeiras guardiãs de preciosas obras literárias e escultóricas de nossa Musa, representando a outra grande parte de livros que ainda estavam na “Casa-Livro”.

Flora Fernández e Angela Gutiérrez fundiam-se, ali, enquanto reconstruíam suas infâncias (eivadas de histórias vividas ou que foram escutando e tomando para si), unissonamente, e com fulgor tratavam das suas histórias e poemas preferidos,

⁴⁷ O poema “Ventania Forte”, da obra de Angela Gutierrez “Canção da Menina”, publicada em 1997, é dedicado ao casal Estrigas (Nilo de Brito Firmeza) e Nice Firmeza, chamados carinhosamente de “Viventes de Mondubim”.

bem como músicas e filmes assistidos. Eram duas devaneadoras e, também, agentes críticas e de reflexões profundas quanto ao porvir e às efemeridades da vida. Novos horizontes se abriam para mim, que tanto de Flora havia bebido, depois de incontáveis releituras, e que tanto havia ficado embevecida com as palavras angelianas sobre tantos temas e questões, ao longo dos tempos. Aquele era o átimo de caminhar com ela, ou com elas, ainda que metaforicamente, pelo Parque da Criança ou pela Ponte Metálica, da sua infância e das outras Angelas e Floras, unindo a família crível, real e a família romanesca, ficando cingidas à realidade e à quimera. Doce e não última quimera para a minha pessoa, em deleite com tamanha aprendizagem e riqueza de escuta. Por isso, claro, nos emocionamos e sei que verti copiosas lágrimas quando, apontando e se dirigindo a uma parte da estante, proferiu: “- Nádyá, essa parte organizei tudo no final da semana passada para ti, pensando em ti. Aqui reuni livros que tratam sobre mim e minhas obras, recortes de jornais em que estou e aqui estão aquelas duas obras minhas que tu não tens. Angela se referia aos títulos *Avis Rara* e à primeira edição de *O Mundo de Flora*.

Mãos gélidas recebiam aquelas obras essenciais e as outras em que havia artigos e ensaios dela que eu ainda não possuía. Impossível será esquecer aquela tarde e começo da noite do oitavo dia de maio de 2023.

O fascínio da leitura de Flora, que era verdadeiramente o de Angela também, preencheu a sala de seu apartamento, como se ouvíssemos *A Banda* passar ou se a Voz do Brasil anunciasse que Vargas havia saído da vida para entrar para a história. Tudo era vívido e intenso. Estávamos pequeninas vendo a lagoa sangrar e ainda sem entender por que não havia sangue. Aquela sala, repentinamente, era a imponente biblioteca de seu Bisavô, Thomás Pompeu, que tanto tinha de esplendor na biblioteca do Bisavô de Florzinha, o Tomé Romeu. Éramos duas meninas percebendo que as brincadeiras de meninos tinham mais possibilidades e dinamismo do que as brincadeiras de meninas (GUTIÉRREZ, 2007, p. 113).

Não era mais uma entrevista. Era o retorno ao real-irreal mundo de Flora'ngela. E nossas lágrimas avizinham-se ao lembrar / ressignificar / reassistir ao sepultamento do anjinho do casal Diego e Flora (como se estivéssemos na página 195 de sua obra), uma perda que não fora apenas do âmbito da criação literária, mas dor eterna por ter, também, perdido o primogênito que tivera com o seu tão amado esposo, o médico e pai dos seus três filhos, Dr. Oswaldo Gutiérrez. Bem como voltávamos ali, à década de 1960, e sabíamos juntas, ao pé do rádio, que Brasília, a

capital do Brasil, estava nascendo. “Sertão e litoral unidos por um Brasil melhor.” (como se estivéssemos imersos na pág. 179 do romance).

Relembramos cenas tragicômicas e surreais, como a do macaquinho, ressurgindo, aos pedaços, sob forma de “soins”, depois de ter sido devorado aos pedaços pelas “velhas”, Cósima e Chinchinha, e ter se transformado em muitos, saindo aos pulos do penico de cada uma, gritando “eu vi o fundo da véia”. E eram “uns cem, cento e cinquenta.”. (GUTIÉRREZ, 2007, p. 94 e 95).

Senti muita alegria e reciprocidade naquela visita à minha amiga e Musa. Houve apreciação da arte literária, da arte pictórica, da arte sacra, bem como batemos muitas fotografias, para renovar o meu álbum angeliano, fiz filmagem, e também almoçamos e tomamos o café (completíssimo) da tarde. O seu amado esposo, Dr. Oswaldo Gutiérrez, nos acompanhou, e guardarei para todo o sempre o casal acolhedor, unido, amoroso e cuidadoso. Tão apaixonados e inspiradores. Era como se eu estivesse, ao vivo e em cores, conversando sobre variados temas muito edificantes, com Flora e seu Diego Fernández.

Ao entardecer, parti, em meio a um júbilo tão intenso como nunca mais havia sentido. Não poderia supor, no entanto, que ao final do dia seguinte, dia 09/05/2023, minha doce e magistral autora'miga passaria muito mal e teria que ficar na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI).

Foram vinte dias de total apreensão e profusão de orações por ela, para que voltasse logo para casa. Sentia tristeza profunda em saber que ela estava hospitalizada e há pouco havíamos estado juntas, falando da minha dissertação, da minha saudade do primeiro Netinho dela, Oswaldo Filho, que havia sido meu aluno na Turma Avançada do Colégio Antares da sede Praia de Iracema, em 2013.

Eis que veio, graças ao bondoso Deus, a bonança novamente e a nossa divina Angela Gutiérrez já está novamente em casa, com sua linda e incrível família, e folgo em saber que logo mais a veremos nos empreendimentos culturais fortalezenses, sobretudo nos da Academia Cearense de Letras, iluminando ainda mais a vida de quem está pertinho dela e a de quem a admira, em quaisquer distâncias.